

@verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR



Jornal Gratuito

www.verdade.co.mz

Sexta-Feira 12 de Dezembro de 2014 • Venda Proibida • Edição Nº 317 • Ano 7 • Fundador: Erik Charas

“O meu pai obrigou-me a casar”

Maria 16 anos



Sociedade PÁGINA 05

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441
averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Bairro do
Aeroporto
é palco de
criminalidade



Comércio informal
ofusca cidade de
Nampula

Sociedade PÁGINA 04



Em Maputo os
“shows” não
agradam

Plateia PÁGINA 24

Para estar sempre
actualizado sobre o que
acontece no país e no globo
siga-nos no



@DemocraciaMZ

Autocarro com
passageiros capota em
Alto Molócu e mata + de uma
dezena de pessoas #Moçambique
verdade.co.mz/nacional/50747 pic.
twitter.com/UAYtGEyYwZ



@_Mwaa_RT @

DemocraciaMZ: Sem
duvidas _Mwaa:
#HumanRights365
#HumanRightsDay Everyday!

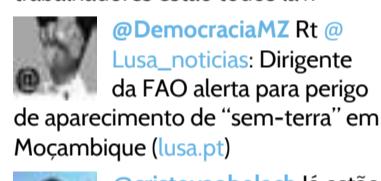


@DemocraciaMZ RT @
UNICEF_Moz: Um apelo
para um maior

envolvimento das crianças no
discurso sobre os direitos digitais
unicef.org/mozambique/pt/...



@mnhqt N há sistema @
verdademz CIDADAO
REPORTA: os bancos
como ficam fora de serviço nas
horas de expediente se os
trabalhadores estão todos lá!?



@DemocraciaMZ Rt @
Lusa_noticias: Dirigente
da FAO alerta para perigo
de aparecimento de “sem-terra” em
Moçambique (lusa.pt)



@cristovaabolach Já estão
a circular #notas falsas em
#Nampula. @verdademz
pic.twitter.com/nELu9OhTvN



@paolagermano2 “@
verdademz: #Nampula
regista aumento de casos
de suicídio verdade.co.mz/nacional/50656”



@DesportoMZ Canarinhos
mais próximas do título da
Liga Nacional de Futebol
Feminino verdade.co.mz/desporto/50725



@quiropo #Mozambique
El teatro de
#LucreciaPaco, musa de
#MiaCouto y #HenningMankell hoy
en afribuku.afribuku.com/teatro-mozambi... @verdademz



@VirgilioDengua A Água,
cuja factura não excede
aos 500 meticais, todos
os dias está a jorrar ali na minha
torneira. Agora... fb.
me/ILMYbjWmz



@DesportoMZ José
Querido já não é
selecionador nacional de
hóquei em patins #Moçambique
verdade.co.mz/desporto/50675

Mr. Corta-fitas

Reza o conhecimento colectivo que um indivíduo egoísta é aquele que acredita que, na sua perspectiva de ser, é mais importante do que os demais seres. Talvez este adjetivo não seja adequado para qualificar o Presidente da República, Armando Emílio Guebuza. Mas, nalgum momento, pode descrever o que temos vindo a assistir nos últimos dias. É que, inopportunamente ou não, o Chefe de Estado moçambicano, a escassos meses do fim do seu mandato, foi atacado por um bravo síndrome de inauguração. O PR desdobra-se em sucessivas iniciativas de descerrar o pano sobre a lápide de tudo quanto é estabelecimento no país.

Com o andar das coisas, Guebuza verá o seu nome gravado na história do país, quiçá do mundo, por ser o Chefe de Estado que mais empreendimentos inaugurou.

É, no mínimo, caricato o que temos vindo a assistir nos últimos três meses. Por exemplo, ao invés de os estabelecimentos de ensino serem inaugurados pelo ministro da Educação, director provincial, distrital ou da cidade, sempre que há eventos dessa natureza, a figura de cartaz é o "camarada" Armando Guebuza.

Desde que Guebuza se tornou Presidente da República de Moçambique, as infra-estruturas de grande, média e pequena envergadura são, maioritariamente, por si inauguradas, deixando de lado os outros membros do seu Governo. Há um esforço inútil de se querer associar todos os empreendimentos ao PR.

Situação similar verificou-se nos diversos ministérios, nos quais Armando Guebuza, com os seus "fúnebres" discursos favoráveis à sua própria imagem, não deu espaço aos encarregados das instituições. Esta atitude demonstra, de certa forma, um certo egocentrismo doentio.

É, sem dúvidas, preocupante essa febre de pretender inaugurar tudo antes de abandonar o poder. Na verdade, a impressão que fica é de que o PR é narcisista e "ama" ver o seu nome estampado nas lápides. Não nos vamos espanhar se, em cada esquina, barraca, escondidinhos, associação de criadores de pato, barbearias e viaturas pessoais, encontrarmos escrito em letras garrafais: "Inaugurado por Sua Excelência Presidente da República, Armando Emílio Guebuza".

Joaquim Chissano, o seu antecessor, por não ter sido possuído pelo egoísmo, não centrava as suas atenções nas cerimónias dessa natureza, tendo, no final do seu mandato, deixado algumas obras, que acabaram por ser inauguradas por Armando Guebuza. Não entendemos por que o "camarada" Guebuza não tem a mesma sensibilidade.

Indo na onda da pergunta em voga que se tem colocado diante de situações absurdas do género, só podemos questionar: Esse espírito de "corta-fitas" onde o PR foi buscar?



Boqueirão da Verdade

"Afirmei que vários factores suscitarão as abstenções, entre eles e apenas entre eles, algum desencanto com o desempenho da função pública, desde os buracos ao lixo, a ausência de quem deve decidir sob a alegação de que está num seminário, sofreu infelicidade, etc. Como se o Estado sofresse infelicidade, estivesse de férias ou num seminário, sofresse de malária. Já estamos todos habituados a este discurso, diria um disco rachado. A RENAMO fez questão nestas eleições de impor composições que considerava justas no STAE, na CNE e estava presente nas mesas de voto. Os delegados estavam a dormir? Estavam coniventes com a dita fraude do adversário? Não se lava a cara com mentiras", Sérgio Vieira

"Se os observadores, mesmo internacionais, declararam que houve eleições justas e transparentes apesar de várias insuficiências, como alegar o contrário? Vamos afirmar que não passam de aldrabões ou ingénuos ludibriados os Chefes de Estado e de Governo da Alemanha, França, Itália, Portugal, Rússia, China e tantos outros que felicitaram o Presidente Nyusi? Haja um pouco mais de honestidade, menos ignorância e mais objectividade. Governo de gestão? O que é isso? Para onde atiramos a oposição nesses Governos de gestão? Para o caixote do lixo? A megalomania, a incapacidade de reconhecer as derrotas caracterizam os dirigentes mediocres que até recorrem à violência para camuflarem a incompetência", idem

"Normalmente um dirigente em democracia que perde consecutivamente cinco eleições demite-se, dá lugar aos mais capazes. Aqui recorre-se à cantilena enfadonha da fraude, tratando de incapazes todos os observadores nacionais e estrangeiros, tal como os órgãos eleitorais em que a própria oposição participa. Claro que nem a Constituição nem o bom senso se coadunam com esse tipo de meras trufilhices. Os cidadãos votam para quê? O Presidente Chissano, faz pouco tempo, com toda a sua enorme e bem conhecida paciência e tacto diplomático, explicou que Dhlakama se especializou em criar crises, ameaças, mortes e destruições para obter vantagens. A chantagem nunca fez parte da ética ou da democracia. Constitui um crime em todas as sociedades. [O estatuto do líder de oposição], uma aberração para salvaguardar interesses maiores e nacionais. Em toda a parte os líderes da oposição dirigem, porque parlamentares, a bancada da oposição. Aqui inventou-se para prevenir um mal maior. Conseguiremos?", ibidem

"Para as organizações da sociedade civil e cidadãos em geral, é humilhante sentir um punhado de criminosos a sobrepor-se às autoridades do Estado e este olhar impávido e sereno ao desenrolar dos acontecimentos, quanto é seu dever garantir a defesa e segurança dos cidadãos, como reza a Lei-Mãe. Senhor Presidente da República, como garante das nossas vidas, acuda-nos porque estamos desesperados com a inércia e incúria dos órgãos da administração da justiça.", Sociedade Civil

"Na qualidade de cidadãos com um contrato social com o Estado, exigimos um trabalho contundente que

vise mostrar aos criminosos que este Estado tem um poder mais forte e mais ágil que o crime organizado. É inconcebível que o nosso Estado seja controlado pelos criminosos. As instituições signatárias deste documento solidarizam-se com as vítimas e as famílias atingidas por este mal e, mais uma vez, APELAM às nossas autoridades ao mais alto nível para que saiam deste marasmo e desta letargia a que estão votadas e que tomem medidas céleres e urgentes para acabar de uma vez por todas com o crime organizado que dia e noite está a enfraquecer o tecido familiar, social e económico das nossas urbes", idem

"Ainda estou a pensar em deixar o país em boas condições para o meu sucessor. Toda a minha concentração é deixar o país nas melhores condições possíveis para Filipe Nyusi", Armando Guebuza

"Todos nós sabemos que esta coisa de preço de petróleo é uma coisa cíclica, hoje os preços estão a baixar em cerca de 30 por cento, mas, dentro de três a quatro anos, pode ser que subam outra vez, se calhar para 30 ou 40 por cento. Ainda não é o momento de baixarmos os braços, é momento de continuarmos a trabalhar, tendo em vista pôr em prática os nossos projectos", Arsénio Mabote

"Aqueles que provocarem Dhlakama terão de sofrer as consequências. A Frelimo queira ou não, forçosamente vamos governar juntos, num Governo chamado de gestão. Eu até dou mão à palmatória, aceito que a justiça me condene por ter deixado (Joaquim) Chissano governar sem ter ganho eleições. Eu aceito entrar na prisão por ter aceite (Armando) Guebuza governar sem nunca ter ganho eleições", Afonso Dhlakama

"Já chega, a Frelimo podia agradecer pelos mandatos que já lhe ofereci, porque se continuar assim, vai sair a correr e perder tudo. Porque se tentar militarmente, a gente engole tudo. Politicamente estou estável, eu sou o chefe. Com esta experiência amarga [eleições de 15 de Outubro passado], estamos a dizer que em Cuamba não iremos permitir que os presidentes sejam da sociedade civil. Não é porque não temos confiança na sociedade civil, mas não temos confiança na Frelimo e em como usa a sociedade civil", idem

"Os porta-vozes do Governo descrevem os objectivos da deslocação do Chefe de Estado a Itália e ao Vaticano com as mesmas frases vagas do costume, como o 'reforço das relações de amizade' e outras do género mas, quanto a mim, ela está relacionada com o momento que se vive em Moçambique. Não podemos esquecer que a Itália esteve profundamente envolvida no primeiro processo de paz entre o Governo e a Renamo e, mais recentemente, na diplomacia que trouxe Afonso Dhlakama da clandestinidade para Maputo. (...) Imagino, portanto, que esta deslocação deve ter como objectivo principal tentar evitar que, após o veredito do Conselho Constitucional, o país mergulhe de novo num conflito militar. E essa parece ser a perspectiva mais provável", Machado da Graça

OBITUÁRIO:

Ralph Baer
1922 - 2014 - 92 anos



Morreu, no passado sábado (06), aos 92 anos de idade na sua casa em Manchester, no Estado norte-americano de New Hampshire, o homem que inventou o primeiro videogame, o alemão Ralph Baer, informou o director da Funerária Goodwin na última segunda-feira (8).

Baer, que fugiu da sua terra nativa, Alemanha, com a família em 1938, antes do início da Segunda Guerra Mundial, passou a maior parte da carreira a trabalhar em sistemas avançados de radar para uma empresa de defesa antes de voltar as suas atenções para os videogames interactivos no fim dos anos 1960.

Em 1971, Ralph Baer e Sanders Associates, onde trabalhava, patenteavam a primeira consola de jogos, conhecida por The Brown Box. Um ano depois, isto em 1972, era comercializada a Odyssey pela marca Magnavox. Com a consola vieram jogos de ténis, memória, e também casos na justiça. A Magnavox processou a Atari devido a semelhanças entre os jogos Pong e Tennis da Odyssey.

Baer também inventou o lendário jogo de memória Simon, um brinquedo circular com quatro divisões coloridas que piscavam segundo diferentes padrões. Ele continuou a trabalhar na oficina da sua casa durante os anos 2000 e recebeu a Medalha Nacional de Tecnologia em 2006 do então Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush.

Numa entrevista de 2013 ao canal público de televisão PBS, Baer disse que inventar foi o que o fez seguir adiante na velhice. "Todos os meus amigos morreram. O que vou fazer? Preciso de um desafio", afirmou. "Sou basicamente um artista. Não sou diferente de um pintor que se senta ali e ama o que faz."

Em 2005, ele publicou um livro chamado "Videogames: In the Beginning", no qual afirma ser o "inventor do videogame caiseiro".

O co-fundador da Apple, Steve Wozniak, disse numa crítica do livro que "jamais poderia agradecer a Ralph o suficiente pelo que ele me deu e a todo o mundo". O 'Brown Box' está em exposição no museu Smithsonian em Washington, que abriga a coleção completa dos documentos de Baer. O museu planeia transformar a oficina de Baer em parte duma exibição especial sobre inovação no próximo ano.

Em 1966, Ralph Baer deu os primeiros passos para o que conhecemos agora como consolas de videojogos. Patenteou vários protótipos de sistemas de jogar na televisão e em 1972 surgiu a Odyssey, a primeira consola que permitia jogar em casa. Alemão de nacionalidade, Baer recebeu 2500 dólares e foram-lhe disponibilizados dois técnicos da empresa para o ajudar.

Depois da primeira Odyssey, surgiram as consolas Odyssey 100 e Odyssey 2, também pela Magnavox, e brinquedos electrónicos como Maniac, Computer Perfection e Laser Command. Aos 92 anos, Baer tinha já 150 obras registadas.

Ficha Técnica

NAMPULA-Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel+258 84 39 98 635

MAPUTO-Av. Paulo Samuel Kamkomba 83
Telemóvel+258 84 39 98 629

E-mail:averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.
Diretor: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emílio Sambo; Assessor de Redacção: Mussagy Mussagy; Redacção: Coutinho Macanandze, Duarte Sítio, Reinaldo Nhalivilo, Intasse Sítio; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino; Redacção: Sérgio Fernando, Sebastião Paulino, Cristovão Bolacha, Virgílio Dêngua; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque; Fotógrafo: Eliseu Patife; Director de Distribuição: Sérgio Labistour; Administração: Sania Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Xiconhoca

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocos da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.

Armando Guebuza

Armando Guebuza, Presidente da República de Moçambique, que está a cumprir o segundo mandato de governação, diz que “na essência”, não tem nenhuma dúvida de que fez “o máximo daquilo que podia” para deixar um legado. “E esse máximo não representa tudo o que povo quer, porque queremos sempre mais. Sinto-me por isso perfeitamente realizado”. Contudo, os nossos leitores enviaram várias vezes o nome do alto magistrado da Nação a nomeá-lo xico, alegadamente porque está a deixar o poder sem ter resolvido o caos que se vive nos transportes públicos de passageiros, por exemplo. Eles consideram-se agastados com o facto de a pobreza ser ainda um mal maior num país onde abundam recursos naturais a serem explorados pelas multinacionais sem proporcionar benefícios palpáveis ao povo.

Deputados da Frelimo

Na quarta-feira passada (03), a Assembleia da República (AR) aprovou a Lei da Revisão da Lei do Estatuto, Segurança e Previdência do Deputado, designada Estatuto do Deputado, e a Lei da Revisão da Lei 21/92, de 31 de Dezembro, que estabelece os Direitos e Deveres do Presidente da República em Exercício e após a Cessação das Funções, que tinham sido devolvidas pelo Presidente da República, Armando Guebuza, para reexame por supostamente serem de difícil implementação em termos financeiros e orçamentais. Para o efeito, os votos da bancada maioritária do partido Frelimo foram preponderantes. Ou seja, de nada valia a recusa da Renamo e do Movimento Democrático de Moçambique (MDM) de aprovar os tais dispositivos considerados um autêntico abuso de poder e falta de bom senso. Deputados da estirpe da Frelimo deviam ir para o lixo.

Afonso Dhlakama

O líder do maior partido da oposição em Moçambique, Afonso Dhlakama, passou dias a fio a propalar que pretende formar um “Governo de gestão” com a Frelimo. “Governo de gestão? O que é isso?”, eis a pergunta do ilustre Sérgio Vieira numa entrevista concedida a um semanário da praça. Será que o senhor Dhlakama está em condições de explicar bem aos moçambicanos o que é realmente isso e como se materializa? Aliás, volvidos alguns dias sem que ninguém lhe desse ouvidos, esta figura incontornável na história da democracia moçambicana disse que já não defendia a ideia do tal “Governo de gestão”. O que pretende, agora, é governar nas províncias onde teve maior aceitação. Será que Dhlakama está bom de cabeça ou proferiu estas palavras por causa dos óculos escuros que usava nesse dia? Convém que este xico-mor saiba que o país é uno e indivisível.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



da Semana

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Falta de água na cidade de Nampula

Um adágio popular reza que “sem água não há vida”, o que traduz a ideia de que a água é essencial para a vida humana, nomeadamente para a saúde básica e a sobrevivência, bem como para a produção de alimentos e prática de actividades económicas orientadas para a geração de rendimento. Todavia, centenas de pessoas, com destaque para as crianças, a maior parte das quais oriunda de famílias de baixa renda, estão em risco de contrair várias doenças e, na pior das hipóteses, de morrer porque na famosa capital da região norte persiste a falta do precioso líquido. Os esforços desenvolvidos pelas autoridades para garantir água em Nampula não surtem efeito. Parece que há necessidade de se mudar as pessoas que estão à frente do processo antes que o povo perca a vida por causa de sede e algumas doenças resultantes da falta de água. O que mais inquieta os munícipes de Nampula é o facto de ter sido inaugurada, recentemente, uma infra-estrutura para o abastecimento do precioso líquido, a qual não responde à demanda, apesar das promessas de que iria resolver a crise.

Campanha eleitoral em Cuamba

A caça ao voto já iniciou em Cuamba, província do Niassa. A “Maçaroca e o Batuque”, a “Perdiz” e o “Galo” encontram-se naquela autarquia a disputar o eleitorado com vista a convencê-lo a votar nos seus programas de governação. Tal como no passado, mais promessas falsas ou mentiras serão propaladas em tom de uma verdade que dificilmente ou nunca será cumprida. As promessas do candidato da Frelimo, Zacarias Filipe, que por sinal é docente de profissão, circunscrevem-se ao velho e debotado discurso: a melhoria das condições de vida dos municípios. Leovigildo Buanacasso, candidato do partido Renamo, para além de prometer um futuro brilhante aos residentes de Cuamba, diz que vai construir latrinas melhoradas, mormente nas zonas pantanosas. Que brincadeira! Este senhor deve estar a pensar que o povo é burro e cego! Tito Cremildo, do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), não ficou atrás e prometeu o “paraíso” aos moradores daquela autarquia. Disse que vai abrir novas estradas e reabilitar as que já existem. Estes compatriotas mentem que se fartam, mas o dia 17 de Dezembro está próximo...

Crimes violentos em Maputo

Após alguns dias de relativo sossego, o crime violento perpetrado com recurso a armas de fogo e brancas voltou a abalar a capital moçambicana, a cidade de Maputo. Um dos casos bárbaros aconteceu no bairro suburbano de Maxaquene “B”, onde a Policia encontrou, numa segunda-feira, um corpo de uma mulher que teria supostamente sido assassinada pelo seu antigo namorado. Na mesma residência, outra mulher, que vivia com a finada, foi atacada com uma catana e ficou ferida, segundo relatos das autoridades da Lei e Ordem. No bairro do Aeroporto “A”, vários cidadãos foram assaltos e agredidos fisicamente pelos malfeiteiros e uma senhora, de aparentemente 40 anos de idade, foi abusada sexualmente até à morte. Na madrugada de um sábado, no bairro Central, um grupo de indivíduos tirou a vida a um cidadão com recurso a uma arma branca. Na altura, o finado encontrava-se na sua residência a descansar. Afinal, que raio de país é este onde as pessoas não se podem movimentar à vontade nem gozar momentos de lazer nas suas próprias casas? Alguém nos pode dizer o que se passa nas cabeças dos malfeiteiros que protagonizam tais actos? E as armas de fogo com que se assalta e mata cidadãos indefesos de onde vêm?

Bairro do Aeroporto: um autêntico palco de criminalidade

O Bairro do Aeroporto "A", na cidade de Maputo, nos dias que correm, transformou-se num verdadeiro palco de criminalidade diversa, nomeadamente assaltos a residências e pessoas nos vários becos existentes, considerados campos de morte, agressões físicas, e recentemente violação sexual e assassinatos macabros.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Eliseu Patife

A cada ano que passa a onda de criminalidade tende a ganhar contornos alarmantes e atingir novos moldes e formas de actuação, que têm transformado o bairro num inferno sem saída, e os principais alvos são mulheres, jovens, adultos e trabalhadores com algum prestígio, revelou Tomás Muhi, secretário daquele bairro. São no total 19.879.43 habitantes subdivididos em 43 quarteirões, que se sentem seguras apenas quando o sol desponta.

Muhi aponta como razões do crescimento da criminalidade a existência de inúmeros becos, que facilitam a actuação dos malfeiteiros, devido ao fenómeno de construção desordenada, o patrulhamento irregular ou quase nulo da Polícia de Protecção, o que gera, assim a intransquilidade, insegurança dos moradores que circulam com incerteza e medo da acção dos malfeiteiros.

Os meliantes não esperam pela noite para perpetrar desmandos, porque em qualquer momento do dia, ameaçam e arrancam telemóveis, dinheiro e outros pertences das pessoas que passam pelos esconderijos dos malfeiteiros, principalmente os quarteirões 16, 28, 38 e 39, autênticos centros de criminalidade de pequena e grande proporção, revelou Muhi.

"Dos vários casos de assassinatos que ocorreram no bairro, o que teve lugar na semana passada foi o mais macabro, em que uma cidadã nacional de 40 anos, que responde pelo nome de Anifa Namalieque, encontrou a morte a 50 metros de sua casa", explicou o secretário.

Poderá implantar-se o policiamento comunitário para estancar a criminalidade no bairro

Segundo o secretário, a estrutura local está a trabalhar de forma afincada de modo a implantar o policiamento comunitário, com vista a frustrar qualquer tentativa de assalto, violação e agressão física através da vigilância permanente da própria comunidade em coordenação com a Polícia de Protecção, que se tem mostrado importante para travar o fenómeno.

Para o efeito serão realizadas palestras de sensibilização aos moradores para que façam parte desta operação, que pode contribuir para atenuar o índice de criminalidade que tende a ser uma dor de doença, quer para as estruturas do bairro, assim como para a própria comunidade.

Muhi mostra-se preocupado com a actuação da Polícia, que ocorre com muita irregularidade, uma vez que o patrulhamento é realizado de 30 em 30 dias. Factos que acabam facilitando a missão dos meliantes, que fazem e desfazem como bem entenderem.

"Os chamados becos ou corredores de morte viraram propriedades dos meliantes, porque são eles que mandam e determinam quando e em que momento passar, porque qualquer tentativa de desobediência resulta em agressão. A própria Polícia teme os corredores, porque não consegue desmantelar as quadrilhas que estão a deixar o bairro inseguro", realçou o entrevistado.



Muhi acredita que enquanto não existir um patrulhamento permanente, abrangente e estratégico, a onda da criminalidade vai aumentar de forma assustadora, porque nem todos os quarteirões são alvo da intervenção policial.

Vítimas queixam-se da falta de patrulhamento

Amélia Banze reside no quarteirão 39, e revelou à nossa Reportagem que na manhã de quarta-feira (04), de regresso de mais uma jornada de trabalho, foi interpelada por um grupo de indivíduos, que a ameaçaram com recurso a objectos contundentes. De seguida viriam apoderar-se do seu telemóvel, dinheiro e alguns pertences pessoais que trazia na bolsa e depois puseram-se em fuga para incerta.

"Precisamos de iluminação e da presença da Polícia urgentemente neste quarteirão, visto que caso a situação prevaleça ninguém terá coragem de sair de casa e circular na rua, uma vez que somos atacados a qualquer momento do dia", concluiu a nossa interlocutora.

Por sua vez, Anifa saiu da sede do bairro, por volta das 15 horas após mais um dia trabalho, uma vez que colaborava na implementação de algumas actividades desenvolvidas, nomeadamente distribuição de redes mosquiteiras, campanhas de vacinação, entre outras e, em troca, recebia pequenos subsídios, que contribuíam para suprir as despesas da família, composta por três membros, designadamente o filho de 20 anos de idade ainda estudante e a avó, que aparenta ter 65 anos de idade, os quais não desenvolvem nenhuma actividade de subsistência.

Por volta das 18 horas decidiu visitar a cunhada, tendo permanecido em casa destacada de duas horas e depois deslocou-se à sua residência para repousar, mas não veio a efectivar tal pretensão porque recebeu a chamada do namorado

do e posteriormente saiu ao seu encontro. Era o prenúncio de um adeus precoce ao convívio familiar.

No entanto, depois de pouco mais de duas horas de convívio com o namorado, este acompanhou-a até as proximidades da sua residência. Quando tentava afastar-se do chamado beco de morte, foi interpelada por um grupo de malfeiteiros, que a despiram, espancaram e abusaram-na sexualmente até encontrar a morte.

A preocupação aumentava a cada hora que passava por parte dos parentes da Anifa, que rezavam para que nada de mal lhe pudesse acontecer. Foi uma espera vã, visto que o medo de sair de casa para localizar o paradeiro dela tomava conta dos dois.

Na manhã de quinta-feira (04), Anifa foi encontrada sem roupa, com o corpo repleto de sinais de agressão e violação sexual, num local que fica a escassos metros da sua casa. A situação provocou agitação e a revolta dos familiares da vítima que não queriam acreditar no que tinha acontecido.

Os parentes da malograda exigem um trabalho aturado da polícia, de modo a identificar, deter, condenar e responsabilizar os homicidas comum pena exemplar pelo crime hediondo que cometeram contra a parente e amiga. Os restos mortais da Anifa Artur Namalie já jazem no cemitério muçulmano da Lhanguene, desde o passado sábado (06).

Muhi garantiu ao @Verdade que a estrutura do bairro, mesmo sem recursos conseguiu angariar apoios junto dos moradores num montante estimado em cerca de quatro mil meticais, com o objectivo de suprir as limitações financeiras da família, uma vez os parentes dependiam da malograda para alimentar-se e satisfazer outras necessidades básicas.

Correia Jasse, outra vítima que sofreu agressões dos malfeiteiros, disse que tudo aconteceu na noite de sábado em que um grupo de seis indivíduos o interpelou e imobilizou por via da força e de seguida se apropriou do seu telemóvel.

"O meu amigo que estava comigo conseguiu fugir e deixou-me no meio dos assassinos, que desferiram golpes violentos contra mim e contra ferimentos ligeiros na perna, nas mãos e na boca, de seguida deixaram-me estatelado no chão e puseram-se em fuga para os becos após aperceberem-se da presença de alguns cidadãos que por ali passavam", desabafou Jasse.

Segundo Jasse, o que mais o irritou foi a apatia da Polícia, porque assim que os meliantes fugiram, ele deslocou-se à oitava esquadra para participar o caso e estes nada fizeram para identificar a quadrilha, senão entregar uma guia hospitalar.

“O meu pai obrigou-me a casar”, adolescente Maria

Maria Rondão, de 16 anos de idade, esperava estudar para, quiçá, romper o ciclo de pobreza da sua família. Mas ainda na escola primária o seu pai obrigou-a a casar-se. Teve um filho e o marido abandonou-a. Ela é uma das 700 milhões de mulheres que foram obrigadas a contraírem matrimónio antes de completarem 18 anos, muitas em condições de pobreza e insegurança, de acordo com as estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU).

Texto & Foto: Sebastião Paulino

Os casamentos precoces são constantes no distrito da Maganja da Costa, na província da Zambézia. Maria Rondão, residente na localidade da Canguo, é uma dessas raparigas forçadas a abandonar a escola para se casarem com um homem mais velho e em seguida teve de ser mãe, com apenas 14 anos de idade.

Apesar de a Constituição da República, no número 1 do artigo 121, referir que os “casamentos prematuros violam os direitos da criança, na medida em que tiram à criança (todo o indivíduo com menos de 18 anos de idade) a protecção que lhe permite a possibilidade de se desenvolver integralmente, cuja obrigação é das famílias, comunidades e do Estado”, 48% de mulheres com a idade entre os 20-24 anos casou-se antes de atingir os 18 anos e 14% antes dos 15 anos de idade, segundo o Inquérito Demográfico e de Saúde em Moçambique de 2011.

Este direito constitucional não foi, durante muito tempo, colocado na agenda de desenvolvimento nacional pelo Governo moçambicano, de acordo com a Coligação para a Eliminação dos Casamentos Prematuros (CECAP), que junta Organizações da Sociedade Civil (OSC) e Organizações Não-governamentais (ONG) Internacionais que trabalham na área da protecção e defesa da criança no país.

Contudo, num comunicado tornado público por ocasião do Dia Internacional da Rapariga, 11 de Outubro, a CECAP assinala que o “Governo de Moçambique expressou recentemente o seu compromisso na erradicação dos casamentos prematuros, através da elaboração, aprovação e implementação de uma Estratégia Nacional de Prevenção e Combate aos Casamentos Prematuros”.

Mas esta medida está longe de ajudar os milhões de raparigas como Maria que, depois de concluir a 5ª classe, viu o seu desejo de continuar os estudos frustrado pelo seu progenitor que arranjou um marido para ela a troco de uma quantia monetária que ela ignorava.

“O meu pai obrigou-me a casar com um indivíduo que não trabalha. Nós vivemos à base da produção agrícola e desde que nasceu o meu filho o meu marido saiu de casa e não sustenta a criança”, lamenta a adolescente carregando o pequeno Xavier às costas.

Abandonada pelo marido, que além de não trabalhar bebia com frequência e ainda a violentava fisicamente, Maria procura tirar da terra o seu sustento. Este ano conseguiu uma boa colheita de tomate, que vai comercializar no mercado local, depois de aderir ao programa de agricultura de conservação, promovido pela Liga dos Direitos da Criança na Maganja da Costa.

“Devia ter desafiado o meu pai”

Todos os dias de Maria são um desafio na tentativa de melhorar a sua dieta alimentar e do seu filho, que tem apenas 2 anos de idade, com quem vive numa pequena habitação de construção precária. Quase irracionalmente, a jovem procura alimentar condignamente o seu rebento ignorando o drama da subnutrição que afecta a maioria dos nascidos de mães com idade abaixo dos 20 anos.

Vários estudos indicam ainda que, em muitos casos, os pais pensam que é do interesse da filha casar-se precocemente e que o matrimónio vai protegê-la da violência física e sexual. No entanto, esta crença faz com que as raparigas sejam colocadas sob maior risco de violência, que pode ter efeitos devastadores na



sua saúde e desenvolvimento a longo prazo.

“Estou muito triste com a vida que o meu pai traçou para mim. Não esperava isso. Eu tinha o sonho de me formar e cuidar dos meus irmãos”, lamenta Maria que se arrepende de não ter desafiado o pai, pois “eu era muito pequena e não pude fazê-lo”.

Mas o sonho da jovem continua a ser estudar e tornar-se médica. “Tenho vontade de estudar, mas não vejo com quem deixar o meu filho”, e quiçá contrariar as estatísticas dos Serviços Distritais de Educação, Juventude e Tecnologia (SDEJT) da Maganja da Costa, que referem que só em 2014 pelo menos 2.230 raparigas das 36.387 matriculadas abandonaram a escola devido aos casamentos prematuros e gravidezes precoces.

Os casamentos forçados em Moçambique resultam da combinação de costumes, como os ritos de iniciação nos quais as raparigas entre os 8 e os 12 anos são declaradas prontas para casar, e da pobreza que flagela a maioria dos moçambicanos, os problemas sociais e económicos acabam por estimular os pais a casar as suas filhas o mais cedo possível, para daí obterem proveitos financeiros.

No estudo sobre a “Situação da Criança no Mundo 2014”, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Moçambique ocupa a 11ª posição no ranking dos países com a maior taxa de casamentos prematuros.

Pesquisas indicam que a iniciação sexual forçada e a gravidez precoce também podem ter efeitos duradouros e nefastos sobre a saúde física, emocional e psicológica da rapariga vítima, durante toda a sua vida.

Várias organizações moçambicanas e internacionais classificam o casamento prematuro como uma violação dos direitos humanos.

Em Novembro deste ano, a ONU acordou que todos os seus membros deveriam aprovar e aplicar leis que proíbem os casamentos infantis, resolvendo pôr um fim a uma prática que afecta, anualmente, cerca de 15 milhões de meninas.

O grupo de 193 nações da Assembleia Geral que lida com direitos humanos adotou por consenso uma resolução que exorta todos os Estados a adoptarem medidas para acabar com “o casamento infantil, precoce e forçado”.

Foto da Semana
Editado por **A Mundzuku Ka Hina**
Escola de fotografia, vídeo e gráficos
www.amundzukukahina.org | galarob@yahoo.it



*...quando o amor deriva
a poesia o acolhe
na música das palavras...*

POESIA João Mendes

Edil de Nacala em jeito de balanço: “Missão cumprida”

O presidente do Conselho Municipal da Cidade de Nacala, Rui ChongSaw, diz ter cumprido em 87 porcento o seu plano de actividades e orçamento, referente ao ano 2014, logo no primeiro semestre. Algumas das actividades que, por vários factores, tiveram que transitar para o segundo, foram, igualmente, executadas na sua totalidade.

Texto & Foto: Luís Rodrigues

Numa avaliação preliminar sobre o seu primeiro ano de mandato como presidente do município de Nacala-Porto, o jovem empresário, Rui ChongSaw, diz ter cumprido parte significativa das actividades constantes do plano de actividades e de orçamento, referente ao presente ano.

O edil de Nacala-Porto, declarada “Zona Económica Especial”, destaca, dentre várias realizações, a elaboração de um novo estatuto orgânico do conselho municipal e o código de posturas da cidade, dois principais instrumentos que, no seu entender, irão permitir uma maior flexibilização e regulamentação de todo o sistema de funcionamento daquela instituição.

De acordo ainda com a fonte, foram recrutados e formados 60 novos agentes para darem resposta aos desafios de fiscalização e protecção municipal, com o objectivo centrado no combate às várias infracções e à onda de criminalidade na cidade.

Nas componentes de urbanismo, gestão ambiental e abastecimento de água, Rui ChongSaw orgulha-se de ter conseguido “convencer” a assembleia municipal a provar a proposta de revisão do plano de pormenor dos bairros de Nanary, Mupete e Ontupaia, bem como o projecto de resselagem e ensaibramento das principais vias que dão acesso a alguns bairros suburbanos, cuja transitabilidade era efectuada com inúmeras dificuldades.

“Reabrimos e ensaibramos as principais vias dos bairros da Matola, Ribaué, Triangulo, Matapue e Mocone, construímos os sistemas de drenagem e garantimos a recolha permanente do lixo, tornando a cidade cada vez mais limpa e acolhedora”, afirmou o edil de Nacala-Porto.

Seis memorandos de entendimento

Como forma de encontrar resposta aos principais desafios, o Conselho Municipal rubricou ainda este ano seis memorandos de entendimento, sendo um com a Universidade Pedagógica, instituição pública de ensino superior, em extensão em Nacala, para a introdução de cursos técnicos naquela região, bem como a formação dos funcionários do município e os municípios, em geral.

O segundo memorando foi assinado com a Câmara Municipal de São Vicente, do Brasil, que estabelece uma parceria com a sua congénere de Nacala. O terceiro foi firmado com a MOZREPUTAÇÃO, com a qual se pretende criar mecanismos tendentes à elaboração do plano estratégico integrado do município de Nacala, enquanto o quarto, assinado com a Autoridade Tributária de Moçambique, irá culminar com a instalação de um balcão de atribuição do Número Único de Identificação Tributária (NUIT), no edifício municipal.

Segundo Rui ChongSaw, os últimos dois memorandos de entendimento foram rubricados com o Gabinete das Zonas Económicas de Desenvolvimento Acelerado (GAZEDA) e com a Agência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Estes acordos visam garantir uma melhor integração dos municípios daquela cidade nos vários projectos económicos, no apoio ao de preservação ambiental e no combate ao persistente fenómeno de erosão dos solos.



Todavia, reconhece haver ainda desafios que se prendem com a necessidade da expansão das redes energética e de abastecimento de água potável nos bairros considerados críticos, bem como a importância da institucionalização de uma verba em apoio às agremiações juvenis, na urbe.

Em entrevista ao @Verdade, o edil de Nacala-Porto disse estar ainda em perspectiva a aquisição de dois autocarros (com fundos locais) para o reforço da frota de automóveis de transporte urbano de passageiros e a criação dos novos modelos de gestão sustentável dos resíduos sólidos.

“Queremos descentralizar a gestão dos resíduos sólidos para os bairros, incentivando a participação da população na colecta selectiva e no aproveitamento económico do lixo”, afirmou o nosso entrevistado.

Constatações dos municípios de Nacala-Porto

Alguns municípios ouvidos pelo @Verdade divergem em relação ao plano de actividades aprovado pela Assembleia Municipal em princípios de Fevereiro,



conquanto reconheçam o ritmo de desenvolvimento da cidade.

Muaija João, residente no bairro de Matapue, lamenta situação de desemprego que afecta a maior parte dos jovens, apesar do vasto leque de unidades industriais que a cidade de Nacala ostenta.

De acordo com a nossa entrevistada, o comércio informal e a agricultura de subsistência constituem algumas das principais fontes de rendimento para grande parte das famílias daquela região.

Ibraimo António Máquina, alfaiate de profissão e residente no bairro do Bloco 1, considera que a cidade de Nacala-Porto está a desenvolver-se em quase todas as áreas de actividade, mas mostra-se preocupado com o crescente número de vendedores informais, devido, alegadamente, à falta de postos fixos de trabalho.

Fátima Mário, empregada de um complexo turístico e residente também no bairro do Bloco 1, mostra-se satisfeita com a expansão da rede de abastecimento de energia eléctrica, o que se traduziu na abrangência do sistema de iluminação pública às principais estradas daquele cidade.

De acordo com a nossa fonte, para além de contribuir para o desenvolvimento da cidade, a energia “afugenta” os criminosos que nos últimos tempos têm vindo a criar instabilidade social na urbe.

Luís Norberto, jornalista a prestar serviços em Nacala, enaltece os esforços que são empreendidos pelos titulares municipais na melhoria das vias de acesso aos bairros e no abastecimento de água. Contudo, apela para que as actividades desenvolvidas em 2014 tenham continuidade nos próximos anos.

Actualmente com 42 bairros residenciais, a cidade de Nacala contava em 2007 com um universo de 207.894 habitantes tendo o número subido para cerca de 350 mil nos últimos sete anos.

Esposa provoca lesões graves no pénis do marido em Nampula

Um cidadão identificado por Atumane Momade, de 28 anos de idade, residente no bairro de Muahivire-Expansão, está a passar por uma situação de saúde crítica, desde o mês passado, depois de ter sido espancado e ferido no órgão genital pela sua esposa que responde pelo nome de Muaija Felismino, com quem vive há sensivelmente seis meses.

A vítima disse ao @Verdade, nesta segunda-feira (08), que a briga teria sido provocada pela própria esposa, quando a mesma saiu de casa, por volta das 07 horas, tendo regressado às 18h00 sem o seu consentimento. Durante uma discussão que viria a resultar em escaramuças entre o casal, Atumane contraiu fortes lesões no seu pénis, o que o impossibilita de efectuar qualquer tipo de movimentos.

Devido à gravidade da situação, o indivíduo em causa teve de ser submetido a uma cirurgia no Hospital Central de Nampula, onde esteve internado cerca de uma semana, sob cuidados médicos intensivos.

Depois cometer o crime, a indiciada foi apresentar-se à Liga dos Direitos Humanos, tendo de seguida sido conduzida às celas da Polícia da República de Moçambique (PRM), em Nampula.

Entretanto, o nosso entrevistado mostra-se preocupado com a forma pouco transparente como o processo está a ser tratado, o que culminou com a soltura da indiciada, aparentemente sem a observância das normas judiciais vigentes em Moçambique.

Atumane acusa a Polícia de alegada convivência no assunto e de ter orquestrado a soltura, uma vez que, segundo o nosso interlocutor, Muaija Momade e o seu irmão, identificado por Wilson Felismino, falam de um suposto suborno às autoridades policiais no valor de sete mil meticais.

Na província de Sofala, um cidadão identificado pelo único nome de Luís encontra-se detido no Comando Distrital da PRM no Dondo, acusado de ter decapitado e decepado os órgãos genitais de um indivíduo e, posteriormente, roubado a motorizada pertencente à vítima, segundo o jornal Notícias.

De acordo com Sidide Paulo, chefe da Secção de Imprensa no Comando das Relações Públicas do Comando Provincial daquela corporação, o bárbaro crime ocorreu cerca das 19h00 da passada quinta-feira no posto administrativo de Mafambisse, indica o matutino.

Reclusos da Cadeia Civil de Nacala-Porto reclamam melhores condições de vida

Os reclusos da Cadeia Distrital de Nacala-Porto, também conhecida por Cadeia Civil, vivem em condições deploráveis que consistem na falta de alimentação adequada, precárias condições de higiene e de saúde, falta de água, entre outros problemas que podem concorrer para eles contrair doenças tais como diarreias, tosse, malária e até mesmo o VIH/SIDA em virtude da falta de meios de proteção.

Relatos de gente detida naquela penitenciária dão conta de que o local é impróprio para albergar seres humanos, o que em certa medida denuncia uma violação das regras elementares de cárcere.

O desconforto dos reclusos da Cadeia Distrital de Nacala-Porto deriva também do facto de as necessidades biológicas serem feitas em sacos plásticos por causa da falta de água. O difícil acesso a este precioso líquido para consumo e higiene individual leva as vítimas desta situação deprimente a dependerem dos seus familiares, que são obrigados a levá-lo para a prisão.

Segundo os nossos interlocutores, naquela reclusão algumas pessoas dormem no chão devido à falta de colchões e esteiras. A assistência médica e medicamentosa constitui outra inquietação, uma vez que esta é feita quinzenalmente, independentemente das recomendações de especialistas da Saúde.

A deslocação para uma unidade sanitária ou tribunal para efei-

tos de audição ou julgamento é feita a pé, alegadamente por falta de meios circulantes.

Informações apuradas pelo @Verdade dão conta de que naquela estabelecimento prisional nunca se implementou uma política ou trabalho de reinserção social. Devido à ineficácia do sistema jurídico, vários detidos têm a prisão preventiva fora do prazo. Gente considerada socialmente perigosa é misturada com "ladrões de galinhas".

"Legalmente, as visitas são quinzenais e para termos visitas fora deste período os nossos familiares 'furam' o esquema de segurança montado, mediante o suborno dos agentes correcionais com 50 meticais", disse uma fonte.

Estas inquietações foram apresentadas na última quinta-feira (04) durante a visita do presidente do Conselho Municipal da Cidade Nacala, Rui Shong. O edil ficou sensibilizado com os problemas com que os reclusos se debatem e ordenou ao seu elenco para passar a fornecer água potável através de camões-cisternas pelo menos três dias por semana.

Para aliviar o sofrimento daquela gente, Rui Shong alocou um viatura, colchões e esteiras para os reclusos. Refira-se que a Cadeia Distrital de Nacala-Porto tem capacidade para 100 pessoas e actualmente alberga 65, das quais 25 estão em prisão preventiva. A direcção da cadeia em alusão manifestou-se indisponível para se pronunciar a respeito desta situação.

Pai queima as mãos do filho por roubar caril em Nampula

Uma tigela de matapa foi motivo para que Abdul Dolur, residente no bairro de Namicopo, arredores da cidade de Nampula, queimasse as mãos do seu próprio filho, de apenas dois anos de idade, causando-lhe graves deformações físicas nos dedos dos membros superiores.

No passado dia 29 de Setembro, Abdul Dolur queimou as mãos do seu filho, identificado pelo nome de Duli Abdul, alegadamente por este ter roubado o caril do almoço. Duli foi apresentado ao público, na quarta-feira (10), pela sua avó, no quadro das celebrações do Dia Internacional dos Direitos Humanos, na cidade de Nampula.

De acordo com Catarina Gaspar, avó do petiz, o incidente ocorreu numa altura em que o pai da vítima acabava de regressar do serviço. Apercebendo-se de que o caril teria sido consumido pelo seu filho, Dolur decidiu punir o menor, usando fósforo e cipim. A denúncia aos vizinhos foi feita pela irmã de apenas cinco anos, de nome Natacha, que diz ter testemunhado o acto.

Conforme apurou o @Verdade, devido a este incidente o menor encontra-se com três dos cinco dedos da mão direita deformados e sem qualquer possibilidade de cura. O indiciado desapareceu do convívio dos amigos e familiares há mais de três meses.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

Caros leitores

Pergunta à Tina... Já que sou virgem, posso tornar-me impotente sexual?

Caros leitores,

No dia 10 de Dezembro, comemora-se mundialmente o Dia Internacional dos Direitos Humanos. Nesta data, também se encerrou a campanha dos 16 Dias de Activismo Contra a Violência de Género, que geralmente afecta as mulheres. Neste período de tempo, ouvi muitas histórias, e das mais marcantes foram as de homens adultos que violam meninas menores de 12 anos, e que são membros da sua própria família. Essas histórias vieram certificar, para mim, que temos muito trabalho a fazer para mantermos a nossa sociedade saudável, respeitando o corpo das mulheres e dos homens, e principalmente protegendo as crianças que são indefesas. As crianças precisam de ser educadas sobre o seu corpo e sobre o que elas podem ou não permitir que seja feito com ele, e também de confiar em pessoas adultas para denunciarem casos de assédio ou violação sexual. Se soubermos ou desconfiarmos de casos similares denunciemo-los em qualquer Gabinete de Atendimento à Mulher e à Criança, ou através da Linha Fala Criança 116. Para esta coluna, tragam também dúvidas relacionadas com este tema e outros de saúde sexual e reprodutiva,

através de um
sms para 90441

E-mail: averdademz@gmail.com

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Olá Tina. Gostaria de ter uma explicação sobre a gravidez fora do útero. Quais são as vantagens e desvantagens e que riscos há de um eventual aborto?

Querida leitora ou leitor. Não há vantagens na gravidez fora do útero, porque uma gravidez normal, que gera um feto normal e um bebé saudável, acontece no útero. A gravidez fora do útero é também chamada de gravidez ectópica e ocorre geralmente nas trompas (na maior parte dos casos). O que acontece é que, no processo de transferência do óvulo, ocorre uma anomalia e a fecundação acaba por ocorrer nas trompas na maior parte dos casos. É possível que a mulher grávida sinta o desconforto de ter alguma coisa a incomodar-lhe, ou, em casos mais graves, ocorre uma rotura das trompas pois elas não têm capacidade para segurar um feto. Se não for identificada a causa da anomalia, a mulher pode voltar a engravidar mais vezes nas trompas. Por isso, a sugestão é que ela procure um/a médico/a ginecologista-obstetra para que lhe examine profundamente, ajude a identificar o problema e proponha uma gravidez assistida rigorosamente pelo/a médico/a. Enquanto isso, aconselho também a que a pessoa evite fazer sexo sem proteção ou sem usar algum anticoncepcional, para evitar a gravidez e as infecções de transmissão sexual que podem aumentar ainda mais as suas complicações.

Olá Tina. Tenho 22 anos nunca fiz sexo. Será que há possibilidade de me tornar impotente sexual em caso de eu querer começar a ter relações sexuais? Ajude-me. Márcio.

Querido Márcio. A resposta à tua pergunta de forma directa é não, mas talvez fosse melhor falar um pouco sobre isso. Diz a literatura médica que a impotência masculina é a condição que torna difícil a um homem ganhar uma ereção, ou se consegue torna-se difícil mantê-la o tempo suficiente até que o acto sexual se complete, e é mais comum entre homens que têm 60/65 anos ou mais. Um rapaz jovem que decide adiar a prática de sexo não corre o risco de se tornar impotente necessariamente por ser virgem até a idade adulta. A virgindade tem a vantagem de ser uma forma de nos protegermos da gravidez indesejada e das infecções de transmissão sexual. Para além disso, um adolescente ou jovem deve tomar a decisão de iniciar a sua vida sexual quando estiver suficientemente preparado, emocionalmente, psicologicamente e fisicamente. É importante conhecermos os aspectos ligados à saúde sexual e reprodutiva para que se evite ao máximo criar problemas de saúde que podem ser prevenidos. Cuida de ti e, como fizeste desta vez, mantém-te informado e faz só aquilo que achas correcto para a tua saúde.

NEGUELGÉNCIA

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440 Email: averdademz@gmail.com
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdademz facebook: JornalVerdade

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

Comércio informal “assalta” os passeios da cidade de Nampula

Os passeios de diversas ruas e avenidas da chamada capital do norte, Nampula, estão a ganhar um aspecto novo e incomum em consequência da proliferação do comércio informal, cujos praticantes se encontram espalhados pelas artérias da urbe, dificultando, sobretudo, a circulação de transeuntes que exigem uma tomada de medidas para se mudar a situação. Porém, a edilidade entende que o negócio é um dos meios de sobrevivência de milhares de famílias.

Texto: Sérgio Fernando

De acordo com os municíipes ouvidos pelo @Verdade, a situação verifica-se desde a governação municipal anterior, mas com a entrada dos novos gestores houve um aumento galopante do número dos praticantes do comércio informal. Outros cidadãos que não encontram espaço nos passeios tornam-se vendedores ambulantes.

Na verdade, trata-se de uma situação que facilita o contacto com os potenciais clientes. João Albino, de 23 anos de idade, é vendedor ambulante nas cercanias do mercado central.

Os seus rendimentos ajudam-no a garantir o sustento de uma família composta por três pessoas da qual ele (João) é chefe. A história do nosso interlocutor é partilhada por muitos cidadãos jovens desempregados

Kucholi, como é carinhosamente tratado pelos seus companheiros, é o mais antigo na área do comércio informal em Nampula. Com a venda de óculos solares e alguns brinquedos, ele consegue amealhar cinco mil meticais por mês. No distrito de Eráti, terra que lhe viu nascer, o jovem tem três irmãos que frequentam a escola, cujas despesas são suportadas por ele.

Nas ruas de Nampula, todas as manhãs, é comum ver mulheres, homens, jovens, adolescentes e crianças que deixam as respectivas zonas residenciais para se dirigirem ao centro da cidade, onde desenvolvem diversas actividades para garantirem o sustento diário.

Segundo alguns municíipes, se, por um lado, o negócio informal constitui uma das fontes de renda para a maioria dos cidadãos da chamada capital do norte, por outro, é necessário que a edilidade encontre espaços apropriados para acolher essas pessoas que, diariamente, lutam contra a pobreza.

A proliferação do comércio de rua que está, igualmente, a ganhar um cenário de mercado a céu aberto deve-se à negligência dos próprios comerciantes.

Filipe José de Castro, de 46 anos de idade, disse que a situação tende a piorar nos últimos meses. Ele afirmou que o fenómeno começou a ganhar visibilidade com a tomada de posse do actual edil, Mahamudo Amurane, eleito pelo Movimento Democrático de Moçambique (MDM) a 01 de Dezembro de 2013.

De acordo com os nossos interlocutores, o presidente do Conselho Municipal da Cidade de Nampula prometeu, durante a sua campanha eleitoral, que não iria perseguir, intimidar ou levar a cabo nenhuma acção para dificultar a actividade dos comerciantes informais.

Como consequência disso, os transeuntes deixaram de circular nos passeios. Os municíipes evitam pisar e destruir os produtos ou montras de mercadorias de comerciantes, que se tornam agressivos quando um determinado cidadão atrapalha o seu trabalho. Que o diga a cidadã Farida Venla, de 19 anos de idade. A nossa fonte afirma ter sido vítima de uma agressão física protagonizada por vendedores informais ao longo da Avenida Paulo Samuel Kankomba, alegadamente porque a jovem teria tropeçado, deixando cair uma bacia que continha bolinhos fritos.

A sensibilidade dos automobilistas

Aos condutores das viaturas exige-se, actualmente, melhores habilidades no volante para evitar atropelar os peões. As pessoas, efectivamente, abandonaram os passeios, estando a partilhar as estradas com os automobilistas como forma de dar lugar aos comerciantes informais.



Segundo a Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, uma das principais causas que originam acidentes de viação tem sido a má travessia dos peões. A capital provincial tornou-se o centro de atropelamentos nos últimos tempos.

Jacinto Eduardo, transportador semicolectivo de passageiros, vulgo “chapa-cem”, não entende a razão do aumento de número de vendedores informais. “Até ao ano passado, as coisas eram diferentes. Existiam os comerciantes de rua, mas tratava-se de cidadãos renitentes porque, na altura, a edilidade havia lançado uma rusga contra a ocupação da via pública”, disse.

“Não temos onde ir trabalhar”

Os praticantes do negócio de rua ouvidos pelo @Verdade concordaram com a necessidade de abandonarem os passeios e passarem a vender os seus produtos nos mercados criados pela edilidade em diversos pontos da autarquia; porém, eles defendem a ideia de que na rua há facilidades de contacto com a clientela.

“É disso que eles sobrevivem”

O porta-voz do Conselho Municipal da Cidade de Nampula, Faizal Ibramugi, deixou claro que a edilidade não tem nenhum programa para expulsar os vendedores de rua, enquanto não for encontrado um espaço onde os comerciantes possam desenvolver as suas actividades de forma mais condigna.

Os gestores municipais entendem que os vendedores ambulantes são cidadãos íntegros e justos que se dedicam ao negócio informal para sustentar as suas famílias, estando a lutar para combater o desemprego e a pobreza, situações que apoquentam a maior parte dos municíipes.

“Nós não podemos expulsar aquelas pessoas da rua sem saber para onde eles vão continuar a trabalhar para o seu bem-estar”, anotou, referindo que para se tomar tal decisão é importante que a edilidade crie, de facto, condições para gradualmente ir acomodá-los nos mercados.

Ibramugi acrescentou que, ao invés de se tomar medidas desumanas para disciplinar cidadãos que disputam os passeios com os municíipes para assegurar a sua própria sobrevivência, o Conselho Municipal tem estado a criar condições para acomodar os vendedores. A edilidade, neste momento, promove cursos de formações para capacitar os comerciantes ambulantes em matérias de noções básicas de gestão de negócios.

Paralelamente, as autoridades municipais pretendem materializar uma série de projectos, ainda em carteira, para a construção de mercados em diversos pontos da urbe.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 12 de Dezembro	
Zona NORTE	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Chuvas fracas, por vezes acompanhadas de trovoadas. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO	Céu geralmente nublado. Ocorrência de chuvas fracas a moderadas. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona SUL	Céu nublado pouco nublado, localmente muito nublado. Ocorrência de aguaceiros ou chuvas fracas localmente moderadas, acompanhadas de trovoadas. Vento de nordeste rodando para sueste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.

Sábado 13 de Dezembro

Sábado 13 de Dezembro	
Zona NORTE	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Vento de leste a nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO	Céu nublado passando a muito nublado. Chuvas fracas, podendo ocorrer em regime moderado na província de Manica. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona SUL	Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Ocorrência de aguaceiros ou chuvas fracas localmente moderadas, acompanhadas de trovoadas, em Maputo e Gaza. Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Domingo 14 de Dezembro

Domingo 14 de Dezembro	
Zona NORTE	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Chuvas fracas locais em Niassa e Cabo Delgado. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona CENTRO	Céu geralmente muito nublado. Continuação de ocorrência de chuvas fracas localmente moderadas na província de Manica. Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.
Zona SUL	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Continuação de ocorrência de chuvas fracas, podendo ocorrer em regime moderado localmente. Vento de nordeste, rodando para sueste fraco a moderado.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia



Tailandês detido na posse de 33 quilogramas de marfim em Maputo

Um cidadão de nacionalidade tailandesa, que responde pelo nome de Pitak Nuengniyom, de 42 anos de idade, está a contas com a Polícia da República de Moçambique (PRM) em virtude de ter sido surpreendido na posse de 33 quilogramas de pulseiras feitas com base em marfim, esta segunda-feira (08), na capital moçambicana.

A detenção do visado aconteceu no Aeroporto Internacional de Mavalane quando ele tentava embarcar para o seu país de origem num voo que faria escala na cidade sul-africana de Joanesburgo.

Texto: Redacção • Foto: Intasse Sitoé

Segundo Orlando Mudumane, porta-voz do Comando da PRM a nível da cidade de Maputo, presume-se que os objectos de marfim sejam fruto da caça furtiva, um mal que, para além de lesar a economia moçambicana, concorre para a extinção de elefantes. Há diligências em curso no sentido de esclarecer o caso.

Enquanto isso, em Maputo, um indivíduo que responde pelo nome de Tapio Piosso, de 29 anos de idade, está a contas com a PRM acusado de roubo de medicamentos, em quantidades não especificadas, no Hospital Distrital de Chicualacuala, na província de Gaza.

A detenção do visado aconteceu na última segunda-feira (08) na zona baixa da capital moçambicana, quando ele se dirigia ao Terminal Rodoviário Inter-provincial da Junta, a partir donde pretendia viajar para a província de Tete.

"Eu sou farmacêutico daquela unidade sanitária (referia-se ao Hospital Distrital de Chicualacuala) e não entendo o motivo pelo qual estou detido. Comprei medicamentos para uso doméstico, uma vez que resido numa região recôndita e dificilmente tenho acesso a um centro de saúde", explicou Tapio Piosso.

Outro cidadão identificado pelo nome de Celso Manhiça, de 37 anos de idade, foi recolhido às celas da 12ª esquadra em Maputo, na passada quarta-feira (03), indiciado de estupro de uma menor de seis anos de idade.

Pedro Cossa, porta-voz do Comando-Geral da PRM, não explicou como se deu este crime, nem disse em que bairro aconteceu, não se tendo pronunciado sobre o estado de saúde da vítima.

Na mesma esquadra, a Polícia deteve dois indivíduos que respondem pelos nomes de Calisto e Celso Munguambe, ambos de 29 anos de idade, acusados de posse ilegal de duas armas de fogo do tipo pistola. Sobre este caso, Cossa não forneceu detalhes.

No município da Matola, um agente da PRM, que responde pelo nome de José Salvador Jamaio, é acusado de porte de uma arma



de fogo ilegal, com a qual protagonizava roubos na província de Maputo.

Segundo as autoridades policiais, numa das suas incursões, o visado perpetrou um assalto numa residência no bairro de Khongolote, no município da Matola, entre 24 e 30 de Novembro último, onde se apoderou de 57 mil meticais e bens não especificados. Foram as próprias vítimas que informaram à Polícia sobre a ocorrência, o que culminou com a detenção do suposto criminoso. Não se sabe ainda a quem pertence a arma usada no acto, as circunstâncias em que foi adquirida, nem a sua origem.

Entretanto, o tribunal emitiu uma ordem para que José Jamaio fosse restituído à liberdade alegadamente por falta de provas de que ele cometeu o delito de que é acusado. Emídio Mabunda, porta-voz da PRM na província de Maputo, disse que a Polícia não interfere nas decisões das autoridades judiciais, mas o certo é que os agentes da Lei e Ordem mantêm a sua acusação sobre o indivíduo.

Aliás, Emídio Mabunda disse, também, que a corporação descobriu que o visado tem vários processos-crime. De acordo com este funcionário da Polícia, José Jamaio está envolvido num esquema de facilitação de entrada de cidadãos de nacionalidade etíope em Moçambique e do seu encaminhamento para vários destinos dentro do país, a partir do Aeroporto Internacional de Mavalane.

Mabunda acredita que se trata de tráfico de seres humanos porque o seu suposto colega foi encontrado na posse de três passaportes emitidos na Etiópia e um cartão falso da Policia de Investigação Criminal (PIC) a nível da cidade de Maputo.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é o Presidente Armando Emilio Guebuza, que em final de chancelaria esperou viajar para Itália para dizer que o "Governo de gestão" pedido por Afonso Dhlakama é 'anarquia'. Esperar para ir a Itália, ou para fora do país para responder a algo interno configura-se uma mamparrada.

Ademais, o nosso eleito desta semana tem se desdobrado em inaugurações, inclusive de obras não acabadas, como o Aeroporto Internacional de Nacala. Ficamos a saber que a parte "internacional" das obras daquele aeroporto ainda não foi concluída.

O que faz correr Armando Guebuza para inaugurar obras inacabadas?

E porque as 'notícias' são bastantes, também ficámos a saber que o Presidente Guebuza fechou negócios de Estado para a concessão de 15 blocos para a exploração de petróleo.

O que faz correr Armando Guebuza que dia 14 de Janeiro termina a sua chancelaria?

Há dias lemos, no diário em papel de maior circulação, o Notícias, Armando Guebuza dizer que quer deixar o país em melhores condições para Nyussi.

As tais 'melhores condições' são as obras por acabar no Aeroporto Internacional de Nacala e os dossiers sobre as concessões dos 15 blocos de petróleo?

Nas várias 'corridas' que estão a ser empreendidas em final de mandato, por Guebuza e o seu Governo, consta - e já aprovado pela Assembleia da República - o "estatuto de líder da oposição" que, como semana passada demos conta, é, de qualquer ângulo de análise, uma autêntica aberração. As somas cogitadas para o efeito - fala-se em 71 milhões de meticais por ano - representam o dedo maior levantado aos 22 milhões de moçambicanos.

Não faz sentido e o Executivo de Armando Guebuza merece um valente pontapé no traseiro por TAL acto ignobil.

Num país que para ir à escola tem de se sentar no chão e onde nos postos de saúde não há fármacos básicos não se pode brincar com essas coisas.

É o cúmulo da arrogância a passear, sem freios, a sua classe.

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz

SINCERAMENTE

A verdade em cada palavra.

Produtores do norte procuram afirmar-se economicamente na horticultura

Duzentas e cinquenta mil toneladas de hortícolas de diferentes variedades foram produzidas nas últimas quatro campanhas agrícolas em Nampula para o abastecimento das unidades hoteleiras e similares, incluindo alguns mercados grossistas da região norte de Moçambique. A cebola e o tomate, que constituem 29 e 31 porcento da produção global, respectivamente, são as principais fontes de rendimento dos camponeses e comerciantes informais daquela zona do país que procuram na horticultura a sua afirmação económica.

Texto & Foto: Luís Rodrigues

De que a agricultura é a base de rendimento económico da maior parte das famílias moçambicanas não restam dúvidas. A região norte e a província de Nampula, em particular, começam a ser uma referência a nível nacional e além-fronteiras na produção e fornecimento de produtos hortícolas, com destaque para o tomate, a cebola, o quiabo, alho, repolho e a alface.

A convite de algumas organizações nacionais e estrangeiras, certos agricultores sul-africanos, brasileiros e de outros países já estão a instalar-se em zonas com boas condições agro-ecológicas, sobretudo ao longo do Corredor de Nacala, para se dedicarem ao cultivo de hortícolas, enquanto outros apostam na assistência técnica e tecnológica aos seus parceiros nacionais.

De acordo com Joaquim Tomás, chefe dos Serviços Provinciais da Agricultura, o incremento dos níveis de produção daquelas variedades agrícolas resulta, em larga medida, do trabalho abnegado dos camponeses que consideram as hortícolas a sua base de sobrevivência e de rendimento, em detrimento de outras culturas. "Os produtores já estão a perceber que a produção de hortícolas constitui uma alternativa de rendimento económico", afirmou Joaquim Tomás, em entrevista ao jornal @Verdade.

Para o nosso entrevistado, a disseminação das novas técnicas de produção aos produtores está, igualmente, a contribuir positivamente para o aumento das suas áreas de cultivo e para a obtenção de melhores resultados agrícolas.

Segundo Joaquim Tomás, a província de Nampula já não precisa de "importar" produtos frescos a partir das províncias centrais da Zambézia, de Manica e Tete; pelo contrário, fornece-os às suas vizinhas do Niassa e de Cabo Delgado. "Podemos considerar-nos auto-suficientes, em termos de produtos frescos," sublinhou o chefe dos Serviços Provinciais da Agricultura de Nampula.

Dados fornecidos pelo sector da Agricultura indicam que na campanha agrícola 2011/12, a província de Nampula havia alcançado uma produção global na ordem de 46.865 toneladas de hortícolas, contra 15.698 da campanha anterior. No ano seguinte, ou seja, na campanha 2012/2013 a produção subiu para 66.064 toneladas, tendo em 2014 alcançado a cifra de 116.807 mil toneladas. A cebola e o tomate são as que mais se destacam, ocupando 23 e 31 porcento, respectivamente, enquanto as restantes variedades ocupam 46 porcento da produção global.

Nacala-Porto vira centro de produção e distribuição de vegetais

Falando à margem da II edição da feira agrícola realizada entre os dias 29 e 30 de Novembro passado, em Nacala-Porto, o director do Serviço Distrital das Actividades Económicas (SDAE), Mendes da Costa Tomo, disse que a produção de hortícolas tornou-se uma das principais fontes de rendimento das populações locais.

De acordo com o director do SDAE de Nacala-Porto, na última campanha, foram lavrados e semeados, mais de 600 hectares para a produção de vegetais nas zonas de Namissica, Mutiva, Ribaúé e Macala, tidas como potenciais produtoras agrícolas. O SDAE de Nacala-Porto prevê uma produção estimada em cerca de 92 mil toneladas de vegetais no presente ano, sendo o quiabo uma das culturas de maior produção em Nacala e de grande procura no mercado informal.

A segunda edição da feira agrícola de Nacala-Porto juntou mais de 30 expositores de hortícolas, provenientes dos distritos considerados grandes produtores, designadamente Malema, Ribaúé, Murrupula, Nampula-Rapale e Nacala-Porto. Refira-se que a primeira edição da feira agrícola teve lugar em 2012. Trata-se de uma iniciativa desenvolvida pelo sector da Agricultura, em parceria com as associações de produtores, com vista a expor as variedades alimentares ao público consumidor, bem como promover a cultura do comércio no seio dos camponeses.



Quando as hortícolas proporcionam riqueza

Lucas Manço, de 39 anos de idade e residente na localidade de Naphome, distrito de Nampula/Rapale, é um dos muitos agricultores que viu a sua vida mudar para melhor depois de ter decidido abraçar a horticultura. Ele começou a usar a enxada de cabo curto e sem outras condições que lhe permitissem aumentar as suas áreas de cultivo.

Com apenas três regadores manuais, Lucas Manço ia obtendo em cada campanha alguma quantidade de repolho e alface para a colocar no mercado. "Comecei pelos cereais, mas os ganhos não correspondiam às minhas expectativas; por isso optei por mudar para a produção de hortícolas e agora sinto-me muito satisfeito", sublinhou o agricultor.

De acordo com a fonte, o primeiro "empurrão" aconteceu em 2009 quando se apercebeu de que o seu projecto havia sido aprovado pelo Conselho Consultivo local de quem recebeu um crédito de 33 mil meticais.

"Nos dois anos subsequentes recebi 140 mil meticais, tendo-os reembolsado na sua totalidade. Agora estou a trabalhar com 22 trabalhadores efectivos e com um rendimento trimestral que varia entre quatro e cinco milhões de meticais", afirmou Lucas Manço.

Segundo o nosso entrevistado, os seus campos de produção também servem de locais de investigação agrária e estágio para os estudantes do Centro de Formação Agrária de Murrupula. Desde o passado dia 11 de Outubro, um grupo de 18 estudantes de Murrupula encontra-se em Naphome para "beber" os conhecimentos práticos sobre a profissão que pretendem abraçar no futuro.

Silvano José, de 46 anos de idade, dedica-se ao cultivo de vegetais na cintura verde da cidade portuária de Nacala-Porto. Há oito anos que ele depende exclusivamente da produção de couve, alface e repolho em Pupule, sua terra natal.

Para além de vários bens valiosos resultantes da produção de hortaliças, Silvano José diz ter erguido uma casa melhor, apesar dos problemas derivados da escassez de produtos químicos e equipamentos agrícolas.

A Associação dos Produtores "Alihandulilahu" de Nacala-Porto, actualmente com 16 membros, é de outras tantas que já não depende de qualquer ajuda alimentar. O presidente daquele grupo de camponeses diz que a sua instituição procedeu, na última campanha, ao primeiro depósito bancário de 40 mil meticais. Este valor não inclui o que foi distribuído pelos membros para atender às suas necessidades básicas.

Grossistas alertam sobre uma eventual crise de cebola na quadra festiva

A Associação dos Grossistas de Nampula (Agrowam), uma agremiação que integra 17 elementos e que se dedica à produção e venda de produtos hortícolas no mercado grossista do "Waresta" e a diferentes megaprojetos, a nível das províncias de Nampula, Niassa e Nampula, está satisfeita com a abundância de hortícolas na região.

Segundo João Age Tarua, presidente da referida associação, os comerciantes locais não precisam de revender o tomate adquirido a partir do mercado grossista do Zimpeto, em Maputo. A fonte justifica-se afirmando que o produto de Nampula oferece melhor qualidade para consumo e pode ser comercializado em qualquer parte do mundo.

Entretanto, a nossa fonte alerta sobre uma eventual crise de produtos frescos, com enfoque para a cebola, facto que poderá influir no aumento dos preços, durante a quadra festiva, devido à queda irregular das chuvas na segunda época, como uma das causas que ditou a fraca produção nos distritos do interior da província de Nampula.

Para o nosso entrevistado, a partir da segunda quinzena de Dezembro, o saco de cebola de primeira categoria, com capacidade para 10 quilogramas poderá vir a custar entre 320 e 350 meticais, contra os actuais 250 meticais. O mesmo poderá acontecer em relação à cebola de segunda e terceira categorias, cujos preços poderão atingir os 250 meticais. Actualmente, a cebola custa 150 meticais junto do produtor.

João Age Tarua afirma que na primeira época da presente campanha agrícola choveu de forma ininterrupta, facto que dificultou a conservação do produto. Na segunda época o cenário foi praticamente contrário e os produtores obtiveram maus resultados, originados por dificuldades de irrigação dos seus campos agrícolas.

Segundo o nosso entrevistado, cenário idêntico aconteceu no ano passado, quando o saco de cebola, com capacidade para 150 quilogramas, atingiu ao preço de oitocentos meticais.

Preocupação idêntica foi manifestada pela Associação dos Produtores "Maria da Luz Guebuza" de lapala, em Ribaúé que, apesar dos bons resultados alcançados, viu a sua produção reduzida na presente cam-

panha agrícola, alegadamente devido à falta de condições de rega. As únicas fontes de irrigação existentes naquela região encontram-se praticamente sem água.

Os camponeses de Macassa e Napueia, distrito de Nampula/Rapale, queixam-se, igualmente de falta de condições para a irrigação dos seus campos agrícolas.

Para que situações daquela natureza não se repitam no futuro, os produtores e os comerciantes de hortícolas pelam ao Governo moçambicano para que aposte na reabilitação de todos os sistemas de irrigação em estado inoperacional.

A Associação dos Grossistas de Nampula foi constituída há sensivelmente dois anos e surgiu da necessidade da melhoria da qualidade de produtos frescos vendidos em diferentes mercados grossistas da província de Nampula e, de forma particular, o de Waresta, considerado centro regional de vegetais.

Aquela agremiação está neste momento a negociar com as agradas empresas, com enfoque para a Vale Areias Pesadas de Moma, Matanusa e Jacarandá para o fornecimento de produtos hortícolas, mas o maior problema tem a ver com a escassez de chuvas para a irrigação dos campos agrícolas.

Dados divulgados pelo Executivo moçambicano referem que quase todas as bacias hidrográficas que se localizam ao longo do Corredor de Nacala desaguam no Oceano Índico, com algumas poucas excepções, no Lago Niassa. E as maiores bacias são as dos rios Rovuma e Lúrio, entre as províncias de Niassa e Cabo Delgado.

A média anual de escoamento atinge aproximadamente 20 milhões de metros cúbicos/ano, apresentando, assim, um grande potencial para o desenvolvimento hídrico, uma vez que o volume disponível é muito superior à demanda. Entretanto, a irregularidade da distribuição das águas subterrâneas constitui ainda um grande desafio por parte do Executivo moçambicano.

Sector da Agricultura com novos desafios

A direcção da Agricultura de Nampula diz haver condições favoráveis para a prática da horticultura naquela província. As estimativas apontam para cerca de 700 mil hectares de terras irrigáveis que necessitam de intervenção dos produtores a vários níveis.

No quadro do cumprimento do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Sector Agrícola (PEDSA) os desafios estão virados para a aquisição de equipamentos sofisticados para o processo de rega. Está ainda em perspectiva a instalação de um Centro de Processamento e Conservação de Hortícolas no distrito de Ribaué a partir do próximo ano. A futura infra-estrutura poderá absorver a produção dos camponeses dos distritos circunvizinhos de Malema, Lalaua, Murrupula e Mecuburi, localizados no Corredor de Nacala.

Através do Centro de Promoção da Agricultura (CEPAGRI), duas empresas do ramo agrícola dos distritos de Meconta e Nampula cidade receberam das autoridades governamentais igual número de estufas para a produção de novas variedades tolerantes à seca e ainda para o processamento de hortícolas. Conforme apurou o @Verdade, cada uma das estufas custou ao erário cerca de quatro milhões de meticais para tornar a produção agrícola a verdadeira base de desenvolvimento do país e daquela província, em particular.

“HCB é nossa” há sete anos mas Moçambique importa energia eléctrica

Sete anos após a reversão da Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) para o Estado moçambicano o nosso país continua a importar energia eléctrica e a perspectiva é que continue a comprar cada vez mais para “responder à procura interna” segundo um estudo do Centro de Integridade Pública que constatou ainda que a qualidade da energia é má e “as tarifas energéticas estão entre as mais altas da região” apesar de ser o segundo maior produtor de energia da África Austral.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Arquivo

Dados de uma pesquisa divulgada na passada terça-feira (09), em Maputo pelo Centro de Integridade Pública (CIP) indicam que em 2000 Moçambique gastou 13.2 milhões de meticais para a compra de energia nos países vizinhos, cifra que aumentou de forma assustadora em 2013 chegando a atingir 262 milhões de meticais.

O pesquisador do CIP, Borges Nhamirre, disse que foi o nosso país que registou mais casos graves no fornecimento da corrente eléctrica, num total de 13 na nossa região.



A degradação da infra-estrutura de transporte e de distribuição de energia, resultante da falta de manutenção e da sobrecarga de todosistema, devido ao incremento do número de consumidores que ultrapassa a quantidade de corrente eléctrica disponível, o que concorre para a ocorrência de restrições constantes no fornecimento da mesma, garantiu o pesquisador.

Apesar de Moçambique gerar energia suficiente para satisfazer as necessidades actuais do consumo interno e externo, os dados revelam o contrário, visto que é a quarta nação da região com menos acesso à electricidade por parte dos cidadãos, que actualmente atinge a cifra de 20 por cento, num universo de pouco mais de 23 milhões de habitantes, o que significa que



ainda estamos muito abaixo da média regional que ronda os 37 porcento, realçou Nhamirre.

Segundo o CIP, em 2005 a Electricidade de Moçambique (EDM) importava 19.2 Gigawatts de energia eléctrica por hora e passou para 86.5 em 2011, o que representa um crescimento de mais de 400 porcento num período de cinco anos.

A importação, segundo a pesquisa, elevou a dívida da EDM que até Junho do ano em curso rondava os 115 milhões de dólares, referentes ao fornecimento de energia eléctrica e outros bens desde 2008. Deste montante, 50 milhões eram devidos à Hidroeléctrica de Cahora Bassa.

De acordo com Nhamirre a entrada em funcionamento das centrais termoeléctricas não vai resolver o problema da indisponibilidade da electricidade, porque nem toda a energia produzida internamente é fornecida à EDM, uma vez que o preço para a sua aquisição é muito elevado, chegando a tingir quatro vezes mais quando comparado com a tarifa estabelecida pela HCB.

“Moçambique, apesar de ser o segundo maior produtor de electricidade na região, tem a sexta tarifa mais alta, num universo que engloba 12 países”, sublinhou Nhamirre.

EDM facilita o enriquecimento ilícito da elite política

Na óptica do CIP, a EDM deixou de prestar serviços que lhe competem, e passou a funcionar como uma rede ou agência de concessão de empreitadas, que servem os interesses da elite política. Exemplo disso são os simples trabalhos de substituição de cabos eléctricos e electrificação cedidos a empresas de antigos dirigentes e desta forma despendendo mais dinheiro desnecessariamente.



A falta de transparência e de integridade nas actividades desenvolvidas pela EDM serve de fonte de negócio para as elites políticas do país. Segundo Nhamirre o esquema funciona através de empresas que operam no ramo de fornecimento de material eléctrico e execução de serviços de electrificação, que são provedores cativos protegidos e cujos proprietários são altas figuras políticas.

Outras ilícitudes que ocorrem de forma sistemática resultam da assinatura de diversos acordos para que a EDM beneficie de facilidades com vista a ser integrada em projectos de produção e compra de energia, sem que haja concursos públicos para o efeito, o que demonstra que a lei não é observada por aquela instituição, situação agravada com a interferência do Governo na protecção de instituições públicas que não pagam as facturas de electricidades.

Electrificação rural sem impacto na população

A pesquisa refere que desde que a electrificação rural arrancou em todo o território nacional, ainda não produziu resultados satisfatórios para a população, visto que grande parte dos moçambicanos ainda não tem acesso à electricidade, o que demonstra que o dinheiro gasto não está responder às necessidades da população.

De 2008 a 2013 o Governo moçambicano, através do Orçamento do Estado, já alocou cerca de 1.7 mil milhão de meticais para a expansão e implantação do processo de electrificação rural, que actualmente abrange apenas os postos administrativos.

Falta de investimento penaliza a cidade de Nacala

Dados da EDM indicam que Nacala é alimentada por uma subestação com capacidade para gerar 220 Megavolts e com 200 quilómetros de extensão, construída em 1980 e até então ainda não sofreu nenhuma intervenção de fundo, que assegure a ampliação da infra-estrutura.

Na altura da implantação daquela infra-estrutura, Nacala possuía uma população estimada em 80.426, mas actualmente conta com um universo populacional de 234.807 habitantes, o que demonstra que a capacidade de fornecimento de energia eléctrica naquele ponto do país, está esgotada e sobrecarregada, gerando, desta forma, cortes e restrições frequentes de electricidade.

O nível de tensão da energia, ao invés de 110 quilovolts, reduziu para 98, o que afectou todas as instalações eléctricas alimentadas pela subestação de Nacala, revela ainda o estudo.

A EDM funciona como uma ilha institucional, porque não dispõe de informação sobre número de bairros e projectos industriais existentes, o que dificulta a definição exacta da quantidade de energia necessária para os municípios e os empreendimentos que catapultam a economia moçambicana, conclui a pesquisa.

Utente Repórter



PARE COM A FALTA DE MEDICAMENTO

Ligue ou envie **please call me: 82 33 43** é **GRÁTIS**
 Envie **SMS ou WhatsApp: 86 06 56 128**

CAMPANHA PARE COM A FALTA DE MEDICAMENTOS

Moçambique tem estado a testemunhar, nos últimos anos, rupturas constantes de *stock* de medicamentos essenciais e de tratamento do HIV e da tuberculose. Esta situação tem sido reportada pela imprensa nas várias regiões do país, assim como pelas organizações da sociedade civil. A falta de medicamentos põe em perigo a vida de milhares de pacientes e utentes do Serviço Nacional de Saúde (SNS), com particular realce para mulheres grávidas, recém-nascidos e pacientes de HIV e TB.

Para o CIP, apesar da melhoria no aumento da cobertura dos serviços de saúde e na criação de várias estratégias que visam a melhoria da qualidade de serviços, o sector ainda está aquém de responder aos desafios de expansão de serviços e acesso universal ao tratamento.

O esforço para melhorar a coordenação, no domínio da planificação das necessidades, entre os diferentes parceiros do sector da saúde que intervêm na área do aprovisionamento de medicamentos, mediante o estabelecimento dos "grupos de quantificação" possibilita que haja, pelo menos, algum consenso na quantificação e que um plano nacional de procura possa ser preparado. No entanto, estes planos são sempre afectados pela dificuldade de se conhecer com antecipação plausível e precisão as futuras disponibilidades de recursos para a sua execução, assim como a previsão de disponibilização de medicamentos no país. A falta de medicamentos é uma situação em que a demanda ou a exigência para um item não pode ser satisfeita a partir do inventário actual/existente.

Quando uma farmácia (consultório médico ou unidade de saúde) não tem, temporariamente, nenhum remédio na prateleira, isto é conhecido como "falta de estoque de medicamentos". A mesma pode afectar um medicamento ou muitos medicamentos ou, na pior das hipóteses, todos os medicamentos. Uma "falta de medicamentos" pode ser documentada em um ponto no tempo ou durante um período de dias, semanas ou meses. Quando há bons sistemas de gestão de stocks no lugar, a duração da falta de estoque de medicamentos será mínima ou, idealmente, nunca acontecerá.

As consequências da falta de estoque de medicamentos para os pacientes são graves:

1. Eles têm de viajar para outros serviços de saúde ou para o sector privado, que pode ser muito distante e onde, muitas vezes, o medicamento é muito mais caro;
2. Eles podem regressar às suas casas sem os medicamentos de que necessitam;
3. Eles podem ter uma alternativa adequada, ou não, à medicina;
4. Eles perdem a confiança na unidade de saúde para atender às suas necessidades.

A campanha PARE COM A FALTA DE MEDICAMENTOS é uma iniciativa do Centro de Integridade Pública que visa defender a disponibilidade efectiva de medicamentos essenciais nos hospitais do Sistema Nacional de Saúde (SNS).

A campanha visa denunciar, influenciar e pressionar o governo para que tenha medicamentos essenciais disponíveis em todas as unidades públicas de saúde, reforçar a transparéncia na gestão dos medicamentos, prover uma linha dedicada do orçamento para medicamentos essenciais, e pressionar o governo para que cumpra com o seu compromisso de gastar 15 por cento do orçamento nacional em cuidados de saúde.

Através da plataforma "utente repórter", o CIP pretende dar voz aos usuários do Serviço Nacional de Saúde na reivindicação do seu direito de acesso a medicamentos. O "utente repórter" pretende, através de SMS, WhatsApp, Please call me e chamadas telefónicas, ser uma ferramenta muito útil para a defesa e monitoramento rápido da disponibilidade de medicamentos nas unidades sanitárias do país.

Caro cidadão, foi ao hospital público e não teve acesso a medicamentos? O mesmo aconteceu com o seu amigo, vizinho ou familiar? Então:

Ligue ou envie **please call me** para: **82 33 43**, é **GRÁTIS**!

Envie **SMS ou WhatsApp** para **86 06 56 128**!

A sua informação é valiosa!

Acompanhe as ocorrências em: <http://www.cip.org.mz/ureporter>



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA - CIP
 Boa Governação-Transparéncia-Integridade
 Rua Frente de Libertaçāo de Moçambique (ex-Pereira do Lago), 354, r/c.
 Tel: 00 258 21 492335 | Fax: 00 258 21 492340 | Caixa Postal: 3266
 Email: cip@cip.org.mz | Web: www.cip.org.mz
 Maputo-MOÇAMBIQUE

Como se prevenir das mulheres-chula

Quero primeiro saudar os meus caros leitores que têm constantemente lido as minhas publicações neste espaço. Mais uma vez, trago um tema muito merecedor da nossa reflexão. É subjacente à forma pela qual na minha opinião é mais eficaz na prevenção das operações de chula-acção, uma nova forma de extorsão de dinheiro e outros bens dos homens, nesta era moderna, levada a cabo por algumas mulheres. Mas uma vez inexistente um saber absoluto, não defendendo que as sugestões preventivas por mim levantadas neste artigo sejam contra-argumentáveis, razão pela qual não lhes desacato qualquer contra-argumento.

Importa-me logo a priori fazer uma descrição objectiva do que é uma mulher-chula. Vou começar por dar uma simples definição, muito vaga que só vai se substanciar ao longo da discussão. É mulher-chula toda a mulher com um comportamento económico-racional absoluto, em que toda a sua acção visa um interesse puramente económico, uma acção racional em relação a um fim, uma interesseira.

Existem duas formas de chular. A primeira consiste num interesse puramente monetário e tem como alvo os homens que se fazem transportar em viaturas com tracção às quatro rodas (4x4). A mulher-chula prepara-se, pinta os lábios, enverniza as unhas, pega nos seus instrumentos de caça (a sainha e o sutiã) e vai andando.

Mas porque chamo a sainha e o sutiã de instrumentos de caça? Eles são-no na medida em que são o denominador comum de toda a actividade cuja mercadoria é inesgotável, a prostituição. Daí que a sainha e o sutiã são demasiado frequentes nos lugares destinados a "comes e bebes", sobretudo nos bares, com vista a caçar esses tachos, enquanto nas ruas o alvo da caça é o dinheiro.

Basta sair do quintal e os assobios começam: Pseeeeeee!... Hei, moçal!, moça!... A mulher-chula não tem tempo para pobres. A mulher-chula só pára quando o som é de um 4x4 ou quando ouve uma buzina. Ali vai ela, mascando pastilhas elásticas. E depois da conversa e da troca de números de telemóveis, ela vai andando e a cada 4x4 repete as mesmas práticas.

A festa inicia no dia imediatamente posterior quando ela começa com os bip's. Primeiro, ela começa por pedir simplesmente uma recarga de telemóvel e, gradualmente, pede valores monetários e chama a sua vítima de AMOR para deixá-la cega no sentido de, cada vez mais, continuar com a sua acção de lhe chular. Ainda no primeiro dia pede uns 500 meticais e no segundo dia 1.000 meticais.

E assim por diante até onde a vítima não aguentar mais. O tempo vai passando, dia após dia são preocupações. E a vítima, uma vez despercebida de que está a ser chulada, vai sempre cedendo. Só se põe termo a comunicação quando a vítima começa a pedir-lhe relações sexuais. A vítima não sabe que o sexo dessa mulher não é uma mercadoria, ou caso contrário lho daria em troca de valores mone-

tários ou outros bens. Ela é puramente uma chula. A partir desse dia, sempre que a vítima liga, a resposta é "não estou em casa", ou telemóvel desligado. No dia em que se encontram, "perdi o meu telemóvel e este que tenho é da minha mãe". E assim termina a história.

A segunda forma de chular (talvez a mais perigosa do que a primeira) tem como alvo os homens das barracas. A mulher-chula pinta-se, toma duas colheres de óleo da cozinha (para não ficar embriagada quando estiver a consumir bebidas alcoólicas), pega num pingo higiénico e mergulha-o em sangue humano para fazer com que as suas vítimas pensem que ela está a menstruar. Toma os seus instrumentos de caça e vai indo. Os pais fizeram de tudo para lhe transformar, mas tudo foi tentar deter o vento ou conter o óleo de azeite na mão direita, conforme dizia o sábio Salomão. Ela coloca o seu telemóvel bem visível na divisão das mamas.

A mulher-chula chega à discoteca, primeiro faz uma sondagem para verificar a mesa com mais carne e bebida. Depois de localizá-la, dá duas ou três voltas com vista a fazer de tudo para receber um convite. Quando o convite tarda, devido à desatenção dos ocupantes da mesas, ela vai agir para valer. Espera a música iniciar e também começa a dançar. Coitada! Mal sabe dançar, a única coisa que sabe fazer é abanar o "rabo" para provocar os homens. Sinceramente! Os convites já começam a chover: "Olá, moça! Vem beber comigo".

Ela toma posição diante da mesa mais rica com carne e bebida. Começa a comer e a beber quanto quer. A mulher-chula nunca bebe a copos, ela põe uma vez a média na boca, da segunda vez já era. E pede a outra na conta da vítima, que vai cedendo a pensar que está a garantir a recompensa.

Durante a madrugada, os recursos da vítima já começam a escassear. O primeiro indicador da sua crise é a redução da velocidade da bebida à mesa. Enquanto no início as médias vinham de duas em duas e a uma alta velocidade, agora é uma de vez em quando e, como se não bastasse, ela diz para só usar um copo.

O segundo indicador é o murmúrio, ou melhor, perguntas tais como: "como bebes afinal? Será que tu ficas embriagada? Eu ainda estou a beber a segunda média e não sei quantas tu já bebeste". A mulher-chula já subentendeu que está quase a esgotar os seus recursos e começa a fazer um exercício mental para abandonar o local. Tem duas possibilidades: a primeira é ligar para um dos seus amigos para ir buscá-la. O amigo chega e ela diz: "já vou com o meu namorado".

Para qualquer reclamação da vítima, a resposta é muito simples: "não te pedi, convideste-me!". A segunda possibilidade para a mulher-chula se livrar da vítima é simular que pretende fazer necessidades menores ou fingir estar a atender um telefonema.

Como prevenir-se das mulheres-chulas?

Para que os meus caros leitores não caiam nas armadilhas das mulheres-chulas é preciso pô-las à prova primeiro.

Contínuas chamadas telefónicas

Uma mulher que de cinco em cinco minutos está a receber chamadas telefónicas só pode ser uma chula. Quem são essas pessoas que lhe estão a telefonar toda a hora? Ou são esses homens que ela anda a chular, prometendo-lhes um namoro utópico ou então são outras chulas que querem saber dela qual será o local das suas operações de chula-acção nesse dia. Caso verifique esse comportamento, no-meadamente, contínuas chamadas telefónicas, na sua pretendente ou namorada, desista logo. Ela não merece o seu amor. Tenha muito cuidado, meu caro leitor, pois mais tarde pode também vir a ser um dos que lhe ligam de cinco em cinco minutos.

A rejeição da capulana

A mulher para quem para a capulana é um bicho-de-sete-cabeças só pode ser uma chula. Leva-lhe para uma loja da venda de todo o tipo de roupa feminina e ofereça-lhe uma oportunidade de escolher tudo quanto quiser, sem a sua mínima influência. Caso ela recorra às "roupinhas" que quando usadas se possa assistir a tudo o que por dentro, por exemplo, sutiã e sainhas, significa que ela é um "corpo social". Desista logo, ela não merece o seu amor. Caso ela recorra às capulanas, saias compridas, blusas decentes, enfim, toda a roupa que lhe cubra o corpo, aí acertou numa mulher meu caro leitor, persista nela.

Comportamento económico-racional absoluto

Uma mulher com constante pedido de dinheiro, preocupacionista, que sempre pede para lhe comprar coisas, só pode ser uma chula. A boa mulher nunca pede dinheiro ao seu pretendente ou namorado, mas espera que este tome a iniciativa para o feito. E diz obrigada a tudo por tudo o que for a receber, enquanto uma chula, quanto mais coisas recebe, mais pede.

A outra forma de pôr à prova uma mulher com este tipo de comportamento é levá-la deixar pelo menos 500 meticais no bolso de uma das suas calças e fingir que se esqueceu. Junta a calça com o dinheiro noutra roupa suja e peça para que ela lave. Se o objectivo dela são os seus bens materiais, calar-se-á quando achar o dinheiro. É uma chula. Não merece o seu amor. Um dia vai matar-lhe, desde que veja alguma vantagem na sua morte.

Narciso Cossa

Caros leitores este espaço é para a sua opinião. Escreva-nos para o endereço Nampula: Avenida 25 de Setembro 57A – Maputo: Av. Paulo Samuel Kamkhomba 83; para o email averdademz@gmail.com ou para os números de SMS 90440. Pode também enviar-nos a sua opinião para o nosso Facebook <https://www.facebook.com/JornalVerdade>.

Aceitamos que nos contactem usando pseudónimos ou sob anonimato - mediante solicitação expressa - porém, sempre indicando o nome completo do remetente, documento de identificação e o seu endereço de contacto.

A redacção reserva-se o direito de publicar ou editar as cartas, sms ou email ou mensagens recebidas.

Cidadania



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA:

Boa noite, pensei em escrever um curto comentário a esta hora porque acho que este é único local para me desabafar com as humilhações que nós os estudantes da UEM passamos nas residências universitárias em Maputo desta instituição com os estrangeiros que aqui vivem oriundos da Tanzânia que tem uma liberdade de fazer e desfazer, tocar música a meia noite como por exemplo estes presente momento 2h30 de madrugada, enquanto consomem bebidas alcoólicas. Acham-se poderosos espezinhados os colegas do quarto. Este tipo de atitude é do senso das instâncias superior desta instituição ligada à serviços sócias. Mas não reagem de modo a refrear estes actos e outros que aqui não citei perpetrados pelos estrangeiros, que parece uma colonização. Portanto é algo que nos deixa muito agastados.



Chinhoman Man

Nos o Moçambicanos já provamos que somos pacíficos de +. Quantos Estudantes Moçambicanos foram expulsos da ex. RDA, Cuba para não ter que mencionar os outros países. Por que não fazer o mesmo com os estrangeiros que se comportam mal justamente num lar de Estudantes. Quanto a isso não há contemplações, assim desencorajaria os outros que quisessem passar pela mesma experiência. · 8/12 às 8:30



Svldr Mondlane acredito eu que não é posse que eles tem. nos é que somos culpados por isso custa irem em massa djezar eles? não esperem de gestor desse recinto vocês mesmo podem resolver isso. se fosse um grupo de moçambicano teriam feito algo mas como são estrangeiros só reclamam... vocês mesmo podem decidir isso... mas com atitude · 8/12 às 7:58



Fernando Sabino Mas isso e devido a um pequeno problema que talvez não percebemos que a real causa dos desmandos que sofremos, A DIFERENCA NOS VALORES DAS BOLSAS DE ESTUDO: ESTUDANTES TANZANIANOS RECEBEM O EQUIVALENTE A 13.500Mt e os estudante NACIONAIS RECEBEM 1.200MT. E eu pergunto como podemos conviver duas pessoas no mesmo quarto com essas diferenças sociais???? E mais, os estudantes tanzanianos não perdem a bolsa por mais que venham a chumbar muitos e muitos anos por isso, eles não estão muito preocupados nos estudos enquanto que a política da UEM para os estudantes nacionais e de basta CHUMBAR UMA CADEIRA PERDE A BOLSA. e ainda mais os estudantes TANZANIANOS SAO A MAIORIA NAS RESIDENCIAS UNIVERSITARIAS EM DETERIMENTO DOS NACIONAIS. As residencias universitarias são lugares onde deviam viver os estudantes nacionais que vem de longe e que não podem alugar quartos perto da universidade. · 8/12 às 10:08



Carlos João Moraes ai esta essa pode ser a causa para tal, a diferença é enorme no pagamento de bolsa, é so nos seguir o exemplo dos outros estudantes dos outros países, vamos fazer o baixo assinado, de modo com que o valor da bolsa aumente um pouco porque não chega para nada o valor, tenho meus colegas bolseiros sempre reclamam do valor pior de tudo não tem ninguém que o ajuda. · Ontem às 9:03



Chinhoman Man Não vamos entrar por esse lado de Xenofobia, a Direcção dos Serviços Sociais(DSS) deve tomar medidas severas contra esses Estudantes. Esses Tanzanianos, Moçambicanos, Guineenses, etc. Não interessa a Nacionalidade desde que sejam perturbadores da ordem no lar dos Estudantes. · 8/12 às 10:43



Jerónimo Alberto Kuando alguém vem me abusar n minha casa n me subento a dixcuxoex apenax dou purada xkeçam o pacivixmo d geraxao d viragm recuem pra ox tempox d samora olho por olho dente por dente axim ax coisas andavam. · 8/12 às 9:49



Humberto Durão Usem o ditado na minha casa sou rei uso qualquer coisa pra manter ordem dão surra nesses ai · 8/12 às 9:08



Tomas Orlando Maunze MEU caro esse não e nenhum problema hierarquico mas sim e mesmo da vossa ignorancia pela lei vigente no pais cujo cidadao e o primeiro fiscal. E vergonhoso um ou grupo de estudantes ainda que nacionais reclamem por ilegalidades das por estrangeiros .o que faz a associassao vossa e mais. nao creio na vossa copentencia entao. Entao... · 8/12 às 10:40



Chinhoman Man As medida não podem vir dos Estudantes + sim da direcção que superintende da área. · 8/12 às 20:53

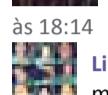


José António Simões Nao esperem k as

autoridades solucionem isso pk vosses mesmos podem o fazer. Em pleno sec xxl, quem não muda deve ser mudado.. Se a pacividade não resulta a violencia não falha. · 8/12 às 18:22



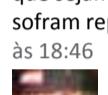
Claudia Alcina Lindona Xtar é verdade isso? · 8/12 às 18:14



Lindona Xtar Sim é. mas ja cansamos murmurar · 8/12 às 18:30



Telio Jf Chico Oi, caso as humilhações desses estrangeiros piorarem e precisarem de um Advogado para todos, entrem em contacto comigo. É necessário que sejam todos para q n sofram represarias · 8/12 às 18:46



Janito Janu Manda fumar lenha esex pipinox palhaxo · 8/12 às 13:09



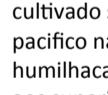
Afonso Marrengula Afinal não há horário de silêncio nesse campus? Há assuntos k nao precisam k o magnífico Reitor resolva. Voces estudantes podem de forma organizada resolverem isso chamando para o juizo dos infractores as regras do campus. Ademais, acredito k existe o chefe do campus ao nível dos estudantes internos para testemunhar a vossa posicão e remeter ao departamento ligado a área para o conhecimento. Lembrem se: Eles (infractores) sao responsáveis pela conduta, mas vocês serão responsabilizados pela reacção, por isso reajam com prudência e mais não disse. · 8/12 às 12:09



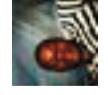
Bendita Mandlate Mandlate Sem comentários, apenas dizer k e triste pela parte dos estrangeiros eles deviam ser os 1 a n praticarem esse tipo d acto. · 8/12 às 9:47



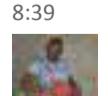
Helio Paulo a cultura de pacifismo deve continuar e ser cultivado sempre mas ser pacífico não é aceitar humilhação tentem levar isso aos superiores da instituição nem que seja ao reitor se for expulso que eles merecem ele decidira o k nao devem fazer é ficar em silencio isso nao! · 8/12 às 9:21



Chuhaib Bin Rasheed Al-Shabazz Isso acontece, quando o pais é vendido aos estrangeiros. Moçambique, tem presidente para quê então? Vocês são uns matreiros, serem abusados dentro da vossa própria terra. · 8/12 às 9:16



Pedro Sumbana pais cem lei u estrageiro faz idix faz · 8/12 às 8:39



Levi's Momede Mael Moz é muito hospitalero · 11 h



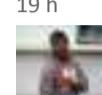
Raul Andrisse Andrisse A culpa e de todos que atularam. · 13 h



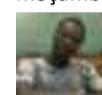
Ger Jaime Mario Cade os responsavas,q botao ordens? E o qe,dz o regulament? · 18 h



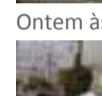
Alexandre Zerinho A culpa não é dos estrangeiros e sim dos supervisores residentes. · 19 h



Edson Ernesto Nhamangalissa Meus camaradas s o gestor n faz nada com relação a isso, façam vcs, ponham um pouco de disciplina nesses camaradas tanzanianos e façam eles perceberem k a democracia em Moz é mais valida pra nós moçambicanos... · 20 h



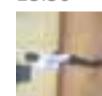
Carvalho Ferraz Voces dexam que isso acontessa, · Ontem às 8:45



Eugenio Adriano Mabica amigos veja s falam com o reitor ou o responsável da residencia s nao haver mudanca dai k deve haver uma manifestacao pk isso nao e justo um estrangeiro nao pode vir nos colonizar de novo nada mas nada mesmo. Fora do pais passamos mal dentro idem mas para que? · 8/12 às 20:43



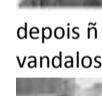
Fatima Sarmento Fernando Sabino tens certeza que são a maioria mesmo! · 8/12 às 18:56



Ramiro de Melo Yap por acaso a libertinagem nosso país fala mas alto, que ate nos os donos da terra estamos sendo excluidos ate no uso fruto dos nossos próprios direitos. É uma lastima. · 8/12 às 18:21



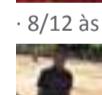
Naldo Banze Tédio... O que eles acham que são? Que depois ñ nos chamem de vandais. · 8/12 às 17:58



Ray Bob Manicha Uhhmmmm Moçambique gosta desses ambientes. Acredito que alguns participam nesses barulhos nocturnos. Senão ja estariam fora esses estrangeiros. · 8/12 às 17:28



Assica Assuala Imagine vce a fazer isso no xtrangeiro... · 8/12 às 16:50



Rodrigues Chilusse A mim, isso não me surprende como alguém já tenha dito que povo moçambicano é pacífico demais. Nalgum momento é preciso resolvemos por nós mesmos, mas de uma forma moral e eticamente aceitável para não haver os que se sintam injustiçados demais. Procurem resolver isso. Esses irmãos Tanzanianos deveriam compreender que isto é moçambique de noite não é para fomentar barulho. · 8/12 às 16:49



Tenebreezy Pavlovitch Matsinhiyi humm.. querer ujar a imagem da escola... pque nao publicaste

isso na tua escola, no site da uem, fazer barrulho, e não manchar uma escola, que se esforçar em representar o pais... humm ma atitude desse jornal tambem Jornal @ Verdade · 8/12 às 16:49

Alfeumalaia Malaia E hora de despertarem e verem que o pais que foi nosso desde 75 voltou no mercado com o Guebusismo! Nao tiveram coragem de dizer mudanca a força, so se ouvia força de mudanca mas ate ai demais. Venderam a costa, estradas, agora faculdades, so falta apanhar na net o preco do parlamento ou Centro d Conf J.Chissano. acordem e reevindiquem este

comportamento prq nao e salutar! · 8/12 às 16:37

Da Cecilia Domingos Dou-vos até na próxima semana para resolver essa situação. Nada de humilhações na VOSa própria terra. 1,2,... · 8/12 às 14:46

Nilton Guambe Esse caso e preciso voces estudantes se reunirem e darem ordem para que o caso desse nao torne. · 8/12 às 13:50

Dercio Da Costa Raimundo Esse infelismente ainda E um pais do deixa andar,que so se fazem regras e leis para o ingles ver,os politicos,os dirigentes,os que se dizem lideres,so deixam andar e quando interveem num determinado assunto,nao solucionam o problema,apenas criam mecanismos para reduzir o seu impacto · 8/12 às 12:43

Mido Moiane Aprendam a reivindicar ou vao precisar de viver com isso. · 8/12 às 12:18

Puto Justin JM É triste... Mandam essa gente ir embora... · 8/12 às 12:15

Pina Zunguza E k liberdade, ate chineis uma semana d stadia ja tm nome d macuacua. · 8/12 às 11:40

IL Mansur manda-os embora,se recusarem apague-

os · 8/12 às 11:30

Paulo Massinguitana Ja que eles reagem como iracionais,façam o mesmo, voces nao podem ser mandados na vossa propria casa. · 8/12 às 11:13

Domingos Moiane Sao factos! É o neocolonialismo da maneira mais crua... · 8/12 às 11:11

João Lopes IMAGINEM SE FOSEM MOCAMBIKANOS A FAZEEREM ISO NO EXTRANGEIRO? · 8/12 às 11:10

Henrique Ernesto Nós somos moçambicanos e

elestrangeiros mas essa diferença de designação não deixa de nos conferir o ser humano assim como pessoa, que goza de todos direitos iguais em especial num país democrático tal como nosso, é por esta ordem de ideias que me incumbe advertir ou opinar ao facefriend em questão que "usemos a moda

moçambicana sempre pacivos e o uso do dialogo para solucionar problemas", por outra, sendo estudante estamos num nível louvável capaz de resolver este caso da forma mais inteligente sem lezar as partes e sem discriminação... · 8/12 às 11:03

Carvalho Dos Santos Junior Vamos fazer xenofobia · 8/12 às 10:24

Estevao Cruz A tristeza do cidadão na UEM e na cidade de Maputo. · 8/12 às 10:24

Licinio Chissano A cabeca que nao regula o corpo sofre, assim eduquem quem se faz de duro. · 8/12 às 10:17

Fausto Castigo Chichava Vamx maltratar tdox enxtraneirx REBELDX asim nao ja nao dà. · 8/12 às 9:09

Raquel Ferreira Dos Santos EEVer tradução · 8/12 às 9:06

Aguinaldo L Ibraimo Luciano É trixe exta cituaxao, pertubam o aproveitamento escolar do aluno ou extudant. · 8/12 às 9:03

Ilidio Samuel Arone Se isso acontece apenas aos fins de semana, não vejo problema nenhum, pois, tratando-se de estudantes estrangeiros, final de semana e esse local são o período e local respectivamente oportunos e seguros e únicos para um estrangeiro sentir-se em casa para descontração de ciências que se cantam e bebem-se nos dias úteis. Eu sou moçambicano estudante estrangeiro passo pelas mesmas situações na diáspora. É muito inseguro para um estudante estrangeiro sair e divertir-se às discotecas. A única casa que o ampara é o lar dos estudantes, obrigado. · 8/12 às 9:01

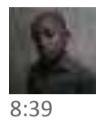
Miguel Pascoal E quem de direito não faz nada perante está situação???? · 8/12 às 8:57

Jojó Glorioso da Sib Epah, ta mal ixo · 8/12 às 8:52

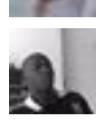
Chinhoman Man

Cidadania

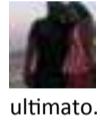
libertação os estudantes Moçambicanos estavam confinados nos seus lares onde as regras eram definidas pelos Moçambicanos · 8/12 às 8:43

 **Eugenio Abilio**
Abibo Moz ta quente · 8/12 às 8:39

 **Bernha Bermartins**
Certo · 8/12 às 8:18

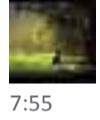
 **Anselmo Mauricio**
Com rasão
Mondlane, é muito simples organisação se e resolvam todo d uma veis á união fas aforça uma mão lava a outra as duas lavam acara. nós Moçambicanos falta d união · 8/12 às 8:15

 **Nikel Da Tsr** Man ha coisas qui se resolvem por uns bons socos. Abuso no nosso proprio país. Pah isso é triste. · 8/12 às 8:10

 **Hélio Norberto**
Passe Atitude meus caros. Idem dar um ultimato. N da para aceitar isso. · 8/12 às 8:06

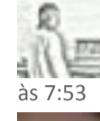
 **Adamo Omar Omar**
Isso se chama Moçambique meu amigo · 8/12 às 8:06

 **Costa Ngunza Nono** Se fosse cá em Angola esses deviam já levar uma grande surra do pessoal da terra. · 8/12 às 8:01

 **Saize London** Na moz o estrangeiro faz o q uer · 8/12 às 7:55

 **Havakey Filho De Engenheiro** Ixo è Falta de etica e moral. · 8/12 às 7:54

 **Danilo De Nascimento** A ser verdade é o círculo. Como se justifica que alguém vindo de onde vem, humilha, abusa sem qualquer receio em nossa casa. Falta-nos pulso firme e bolas no lugar para travar estas macadas. · 8/12 às 7:54

 **Sarmento Inacio** forca é justa a reclamacao! · 8/12 às 7:53

 **Sérgio Tricangy Santiago** Estao a nos chamar a partir para a Xenofobia! Depois hao-de queixar... · 1 · 8/12 às 9:16

 **Thulukela Trading** Autentico neocolonialismo... · 8/12 às 19:39

 **Eddy Marchal Sochangana** Vocês mesmos podem cortar a cauda desses pirikitos e outros k assim se comportam, é so unirem se a volta d vossa auto-estia

cidadãos Moçambicanos d osso, carne, e sangueldizerm Não a porcaria, prk Moçambique é uma casa grande doptada d leis próprias k devem ser respeitadas por todos! · 8/12 às 14:25

 **Crescilio Macuacua** Sincerament k deviam mandar esses podres p o pais deles · 8/12 às 8:19

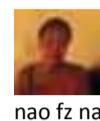
 **Apolinário Wa Ka MaBurleza** Dêem-lhes sova. Sou estudante na Tanzânia, mas eu e outros Moçambicanos sempre respeitamos as horas limites do lazer. · 8/12 às 19:14

condicoes nesse estilo de vida? Onde vai essa madeira toda? Guebas,pensas mesmo que esta rudo em condicoes? Porque queres cegar a nossa vista? Nao venhas mais em Berlim nos falar da democracia nem o proximo presidente que fica ai a mentir para o povo. Onde vai esse negocio de madeira? Entao se e que estas com olho fechado,estas incluso nesse negocio.Basta! · há 18 horas

 **Rungo Mizerete Martins** Nao temos carteira, pra onde vai a nossa madeira? · há 32 minutos

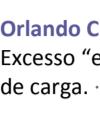
 **Chinhoman Man E** bom com esses ramos todos ia pra onde. · há 10 horas

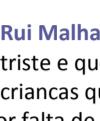
 **Zefanias Manuel Chamo** Resultado de apressar a desgraca pa Moz Da em Tombos assim serà Moz daqui a anos terà Tombado sem Mapulango só com pausinhos secos deixados pelo chinês · há 10 horas

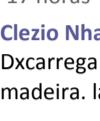
 **Pina Zunguza** mario o povo ou os mortos, pois o povo nao fz nada para impedir, os mortos reajiram. · há 10 horas

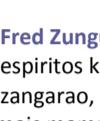
 **Marcelino Mariano Macete Macete** Nao é nada isso falta o proprio guebas dexabar tambem. · há 13 horas

 **Estivine Camazache** Dxta vez Deus zangou por iso tombou. · há 16 horas

 **Orlando Chirrinze** Excesso "excessivo" de carga. · há 16 horas

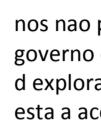
 **Rui Malhaze** O mais triste e que ha criancas que sentam no chao por falta de carteiras enquanto a madeira vai pra china! · há 17 horas

 **Clezio Nhanombe** Dxcarrega a nssa madeira. ladrão. · há 19 horas

 **Fred Zunguza** sao espiritos k ja zangarao, stao a roubar demais mamparas · há 19 horas

 **Cristiano Moises Simango** Olha meu carro Orlando,o k

nos nao podemos explorar o governo deve dar autorização d exploracão com limite como esta a acontecer.eu mesmo ja provei k temos uma grandissima quantidade d Madeira meu irmão,explore mais o seu pais e nao vais acreditar. · há 19 horas

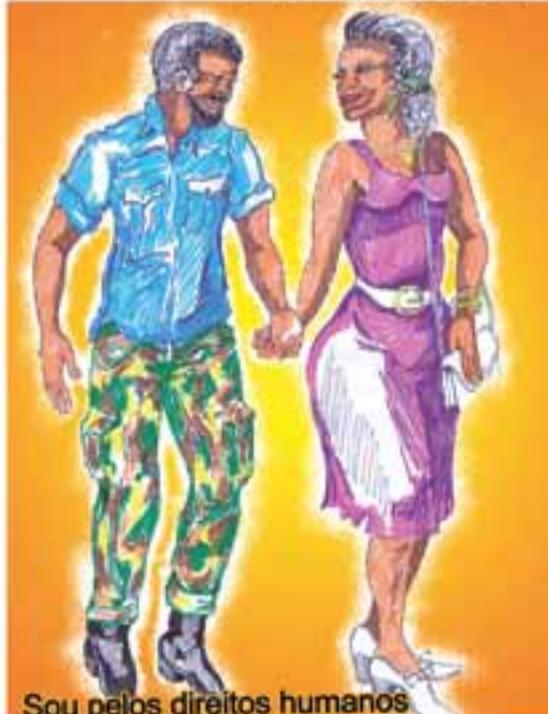
 **Nelson Deolindo Xavier** eu acho k klimane todas escolas já têm carreiras onde envia p outros países · há 19 horas

 **Camarada Mutota** tava perto do cemiterio mesmo · há 19 horas

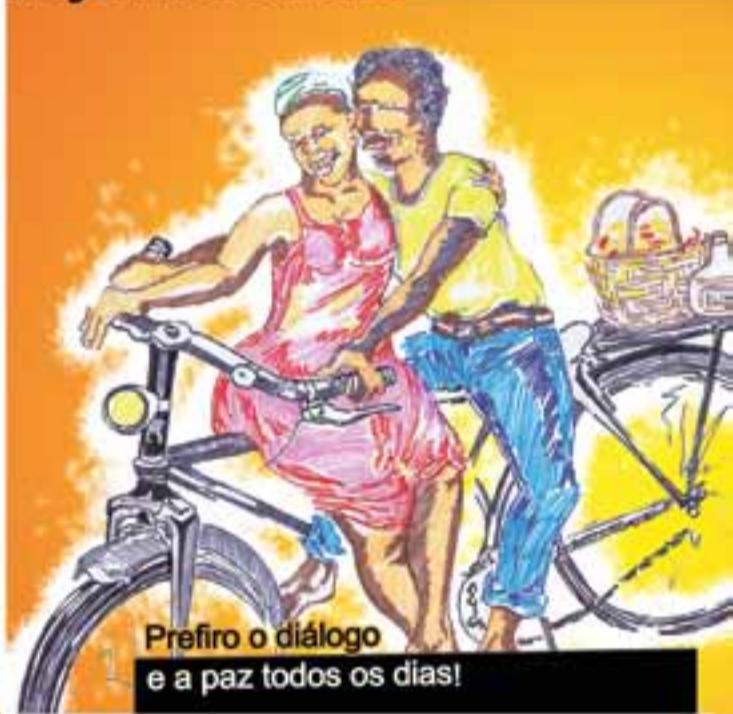
 **Miguel Silvestre** Excesso de carga e mal amarrada precisam-se basculas nas estradas · há 19 horas

Publicidade

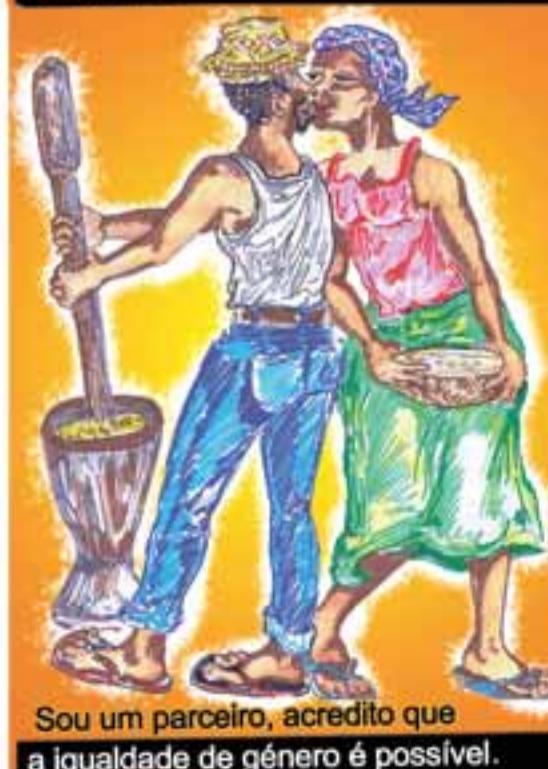
Eu Homen Moçambicano...



Sou pelos direitos humanos das mulheres.



Prefiro o diálogo e a paz todos os dias!



Sou um parceiro, acredito que a igualdade de género é possível.



Não bato, não humilho, Respeito e cuido!

 **goste de nós no facebook.com/JornalVerdade**

Jornal @Verdade

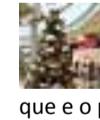
CIDADÃO REPORTA:
Camião carregado de madeira tombou no bairro Samugue, próximo ao cemitério da Saudade, na cidade de Quelimane.



 **Mathause Sito** Pode tardar, mas chegará o dia em que a madeira, aqui em Moçambique, será muito cara e difícil de obter como o ouro. Vi na TV um dia, alguém senior ligado ao Porto de Quelimane a dizer que "70% da carga que o porto manuseia é constituída de madeira" com destino a China...Isto toca a consciencia e de certo modo cria calafrios ate ao moçambicano menos atento e menos preocupado com as riquezas do pais. Nem importa falar aqui de salas de aulas sem carteiras...é duro e penoso! · há 17 horas

 **Mario Momade** isso pk o povo k a madeira saia do pais seus ladrões... · há 20 horas

 **Orlando Joao Muando** A nossa madeira vai a onde? Meu deus será ninguem pode parar isto? Se temos carpinteiros aqui tambem e salas de aulas sem carteiras · há 19 horas

 **Manuel Sancho Mboana** E quem deve ver isso? Creio que e o povo Moçambicano que deve abrir os olhos.A frelimo esta a gozar com suor mocambicano,mas se o povo vive na ignorancia do que esta acontecer,jamais haverá uma mudança.A passividade mata o povo mocambicano porque estao domesticados nas maos da frelimo e comem na mao do Guebuza como fosse os seus patos! · há 16 horas

 **Manuel Sancho Mboana** Em que condicoes quer o Guebuza deixar o pais em

16 dias de activismo de:

- não violência contra as mulheres
- não HIV e SIDA
- promoção dos direitos humanos das mulheres

Siga-nos no www.facebook.com/faneloyamina.org

Realização 

Instituto Fanelo Ya Mina

Respostas e respostas para a igualdade de Género

Apoio 

Tribo indiana ensina a converter tragédia em oportunidade

Quando o tsunami asiático arrasou vários países da costa do Oceano Índico, no dia 26 de Dezembro de 2004, semeou a destruição por todo lado e deixou 230 mil mortos. Milhões de pessoas ficaram sem trabalho e segurança alimentar. Mas uma pequena tribo do sul da Índia inculcou esperança, que persiste uma década depois.

Texto: Juliana - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

O povo irula conta com cerca de 25 mil integrantes, que habitam as montanhas Nilgiri nos Estados indianos de Tamil Nadu e Kerala, e que tradicionalmente ganhavam a vida na limpar terras agrícolas, retirando ratos e cobras. Essa tarefa, realizada em regime diarista, permitia-lhes, frequentemente, complementar os seus magros rendimentos.

Agora, à beira do décimo aniversário do tsunami, os irulas de Tamil Nadu são um exemplo vivo de como o manejo sustentável dos desastres pode aliviar a pobreza e, simultaneamente, preservar um modo de vida ancestral. Antes de 2004, essa tribo trabalhava em condições de exploração extrema, ganhando não mais do que 50 dólares norte-americanos (cerca de 1.500 meticais) por mês. Os seus membros eram mal alimentados e habitavam moradias inadequadas com saneamento precário.

Mas, quando as ondas gigantes cederam e as organizações não-governamentais e os trabalhadores humanitários chegaram em massa à costa sul da Índia para reconstruir a paisagem, os irulas receberam mais do que a ajuda de emergência: foram incluídos na Lista de Tribos Reconhecidas do Governo. Isso aconteceu, em boa parte, graças aos esforços de um funcionário governamental chamado G. S. Bedi, oriundo do distrito costeiro de Cuddalore, em Tamil Nadu, uma das áreas afectadas pelo tsunami.

A inclusão nessa lista converteu os irulas em beneficiários legais de programas de desenvolvimento patrocinados pelo Estado, como a Lei de Direitos Florestais e outras iniciativas de pesca sustentável, dessa forma garantindo o seu acesso a uma melhor habitação e gerando maior segurança alimentar e de sustento. E, o mais importante, segundo os membros da comunidade, é que o período posterior ao tsunami inculcou novos hábitos nos irulas, que participam em programas de manejo sustentável para conservar o seu ambiente e ao mesmo tempo aumentar os seus rendimentos.

Sob a orientação da Fundação M S Swaminathan para a Pesquisa (MSSRF), os irulas são parte de um importante programa que já multiplicou por sete os seus ganhos mensais, chegando a cerca de 350 dólares norte-americanos (cerca de 10.500 meticais), na Floresta de Mangais de Pichavaram, em Tamil Nadu.

Cerca de 180 famílias da tribo beneficiam directamente de programas de capacitação e subsídios concedidos às



suas cooperativas, também conhecidas como grupos de auto-ajuda. Dessa forma, os irulas melhoraram as suas habilidades de pesca, aquicultura sustentável e engorda de caranguejos, afastando-se cada vez mais de uma vida de servidão e convertendo-se em grandes proprietários de terras.

Talvez o mais importante seja que estão a incorporar a proteção e a conservação de mangais nas suas vidas quotidianas, medida que consideram necessária para a sobrevivência de toda a comunidade a longo prazo. De facto, foi a Floresta de Mangais de Pichavaram, que fica próximo da localidade de Chidambaram, em Tamil Nadu, que evitou as mortes em massa entre membros da tribo durante o tsunami, protegendo cerca de 4.500 irulas do impacto directo das ondas.

Localizado entre o estuário de Vellar, no norte, e o de Coleroon, no sul, esse mangal ocupa cerca de 1.100 hectares, e o seu complexo sistema de raízes e ecossistema intermareais oferece uma forte barreira contra a invasão da água do mar, das ondas e inundações.

Segundo estatísticas fornecidas pelo biólogo marinho Sivakumar, da MSSRF em Chennai, os poucos desafortunados que morreram no tsunami foram aqueles que ficaram presos fora do braço protector do ecossistema: sete pessoas das aldeias de Kannagi Nagar e Pillumedu, e outras 64 perdidas na ilha conhecida como MGR Thittu, ambas na faixa de areia onde não havia mangais.

A experiência fez com que muitos membros da tribo abrissem os olhos para o inestimável valor dos mangais e para a sua própria vulnerabilidade diante dos caprichos do mar, disparando um esforço de conservação no contexto da Lei de Direitos Florestais da Índia.

“Até sermos incluídos na Lista de Tribos Reconhecidas, não conhecíamos os nossos direitos e não nos sentíamos bem como caçadores-colectores nem como diaristas agrícolas”, disse Pichakanna, um irula de 55 anos que com alegria trocou o seu emprego na agricultura por actividades pesqueiras e aquáticas que lhe permitem participar nos esforços de conservação de mangais em Tamil Nadu. Agora o seu salário vem da criação de camarões nos biodiversos mangais, contou à IPS.

S. Swaminathan, presidente da MSSRF, acredita que “conservando as florestas de mangais, protegemos o ecossistema costeiro mais produtivo, que garante o sustento e a segurança ecológica. Os bioescudos são uma parte indispensável da Resiliência ao Risco de Desastres”, destacou. Essa união entre a criação de emprego e o manejo do desastre foi um golpe de sorte sem precedentes para o povo irula.

As florestas de mangal estão a desaparecer rapidamente. Segundo um estudo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), são destruídas a um ritmo entre três e cinco vezes maior do que a perda média de florestas. Até 2050, a Ásia poderá ter perdido 35% dos mangais que tinha em 2000. As emis-

sões contaminantes derivadas dessas perdas constituirão aproximadamente um quinto das emissões mundiais de carbono relacionadas com o desmatamento, acrescenta o informe.

Graças às ricas águas onde há mangais, agora os irulas colhem, por exemplo, ostras de pérolas naturais, de alto valor proteico para o seu próprio consumo.

“Também aprendemos a caçar caranguejos e instalamos aparelhos para a sua engorda nas nossas casas, no fundo das águas do mangal. Isso ajuda-nos a ter um ganho sustentável”, explicou à IPS Nagamuthu, um irula de 33 anos cujos pais, oriundos das florestas de Pichavaram, sobreviveram ao tsunami de 2004. “Se não estivéssemos incluídos na Lista de Tribos Reconhecidas continuariam a ser caçadores-colectores, a comer ratos e a caçar cobras”, acrescentou.

Os membros da comunidade também aprenderam a cavar canais em forma de espinha de peixe, o que ajuda a trazer as águas dos riachos directamente para as suas portas, onde podem capturar pescado fresco para o pequeno-almoço. Este sistema de canais, agora recomendado pelo Governo da Índia, também ajuda a reduzir a salinidade do solo, previne a degradação dos mangais e incrementa o rendimento pesqueiro que, por sua vez, melhora a segurança em matéria de sustento.

Os habitantes de várias aldeias, entre elas Pichavaram, criaram agora um fundo comunitário que arrecada 30% da renda mensal de cada família. Esse dinheiro foi usado para construir um templo, uma escola e instalações para fornecer água potável a 900 famílias.

Pichakanna, que agora é o mais idoso da aldeia do novo município de MGR Nagar, disse à IPS com orgulho que o fundo comunitário também ajudou a criar uma “linha telefónica de alerta”, e, por meio dela, mensagens de texto e voz informam os pescadores sobre a altura das ondas e a direcção do vento, além de fornecer previsões meteorológicas em cada seis horas e avisar quando se aproxima um ciclone.

Enquanto Chefes de Estado e especialistas viajam pelo mundo a debater a agenda de desenvolvimento sustentável pós-2015, uma tribo esquecida em Pichavaram já pratica um novo modo de vida e mostra como avançar para um futuro verdadeiramente sustentável.

África acusa países ricos de deixarem enfraquecer o Protocolo de Quioto

Os representantes africanos presentes na conferência sobre a mudança climática que acontece na capital peruana afirmam que o Protocolo de Quioto está enfraquecido porque os países industrializados dão "passos de bebé" para ratificar a Emenda de Doha, que deu uma nova oportunidade de vida a esse instrumento.

Texto: Juliana - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

O Grupo Africano e outros negociadores dos países de menor desenvolvimento presentes na 20ª Conferência das Partes (COP 20) da Convenção Marco das Nações Unidas sobre a Mudança Climática da Convenção Marco das Nações Unidas sobre Mudança Climática (CMNUCC), que acontece em Lima, expressam a sua preocupação pela lentidão em dar força legal ao Protocolo de Quioto, único instrumento internacional contra o aquecimento global que promete o Norte industrial visando reduzir as suas emissões de gases estufa.

"A lenta ratificação do segundo período de compromisso por parte dos países desenvolvidos não gera confiança. Na nossa opinião, os países desenvolvidos não estão a cumprir, abandonando e enfraquecendo o Protocolo de Quioto", afirmou Nagmaddin El Hassan, presidente do Grupo Africano, na abertura da COP 20, no dia 1 de Dezembro. Até o dia 12, representantes de 195 países e centenas de membros da sociedade civil negoceiam em Lima o rascunho de um novo tratado mundial destinado a reverter o aquecimento global, que deverá ser assinado no próximo ano na COP 21, em Paris.

Hassan afirmou que a não ratificação da Emenda de Doha pelos países industrializados obriga as nações de menor desenvolvimento a assumirem compromissos legais, enquanto os emissários históricos dos gases estufa flexibilizam os seus. "Temos que deixar claro que não vamos ser parte desse jogo", ressaltou.

A Emenda de Doha foi acordada em Dezembro de 2012, para prorrogar o Protocolo de Quioto, assinado em 1997 e em vigor desde 2005, para um segundo período de compromisso, compreendido entre 1 de Janeiro de 2013 e 31 de Dezembro de 2020. A União Europeia (UE), os seus 28 Estados membros e outros países industrializados ratificaram a emenda.

A CMNUCC, à qual o Protocolo de Quioto está vinculado, requer a ratificação de 144 países para a prorrogação ser um facto. Mas, até o final de Novembro, apenas 20 países haviam ratificado a Emenda de Doha. Guiana foi a última a fazê-lo, às vésperas das negociações em Lima. Para Hassan, é necessário acelerar o processo de ratificação e adoptar normas contábeis claras na capital peruana, para que a emenda entre em vigor antes da próxima



conferência climática em Paris.

Grupos ecologistas e outras organizações não-governamentais africanas também pedem aos governos que acelerem a ratificação do segundo período de compromisso do Protocolo de Quioto.

Mithika Mwenda, secretário-geral da Aliança Pan-Africana de Justiça Climática, que reúne mais de 30 ONG's com sede na África, disse à IPS que estava desmoralizado pelos "passos de bebé" que os países desenvolvidos dão rumo à ratificação. "Os africanos enviaram os seus Governos a Lima com reclamações urgentes e criativas para se enfrentar a crise climática", afirmou.

"Mas, segundo Mwenda, as respostas dos países ricos e desenvolvidos não mostram nenhum senso de urgência: apresentaram menos financiamento para o clima do que no ano passado, não elevaram as suas metas de contaminação e nem mesmo ratificaram legalmente o Protocolo de Quioto, como prometeram há dois anos".

De acordo com Mwenda, o Norte industrial está decidido a atrasar a sua participação no segundo período de compromisso do Protocolo de Quioto. "Estão a deixar que os seus interesses nacionais triunfem sobre o bem comum global e optam por não participar nas normas multilaterais", ressaltou.

A secretária executiva da CMNUCC, a costa-riquenha Christiana Figueres, afirmou aos delegados da COP 20 que os países que são parte do Protocolo de Quioto, desenvolvidos e em desenvolvimento, devem ratificar a emenda para salvá-lo de enfraquecer no limbo. "Já disse e permitam-me dizer novamente. Para que esse marco jurídico internacional entre em vigor, os Governos devem completar o seu processo de ratificação o mais cedo possível. Precisamos de um sinal político positivo da

ambição das nações com vista a reforçar a fundamental ação climática", reclamou.

O Grupo Africano almeja a ratificação da Emenda de Doha porque esta prorroga um compromisso legal dos países do Anexo I, que compreende os integrantes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico e várias economias em transição, para que contribuam no esforço mundial de mitigação das emissões de gases estufa.

Ram Prasad Lamsal, presidente nepalês do Grupo dos Países Menos Adiantados (PMA), apontou à IPS que "a ratificação é essencial para que o Protocolo de Quioto continue a ser a pedra angular do sistema acordado multilateralmente e baseado em normas da CMNUCC, que reflecte plenamente os seus princípios de equidade e responsabilidade comuns, mas diferenciadas".

Porém, embora África exija que o Norte industrial ratifique a Emenda de Doha, apenas quatro países africanos o fizeram até o final do mês passado: Quénia, Marrocos, África do Sul e Sudão. Um delegado da UE, que pediu para não ser identificado, questionou porque os países africanos, da mesma forma que o Grupo dos PMA, o Grupo dos 77 e a China, ainda não ratificaram o segundo período de compromisso, mas pressionam os países industrializados a fazerem-no.

Paul Isabirye, o ponto focal da CMNUCC no Uganda, assegurou à IPS que os países africanos ratificarão rapidamente a emenda tão logo os países desenvolvidos tomem a dianteira. "Mas, mesmo que todos os países africanos o ratifiquem, continuará sem entrar em vigor até que os nossos colegas do Norte o façam. Eles têm o grosso das emissões que é preciso reduzir. A questão não é que África ficou para trás, mas que os grandes emissores parecem não avançar", enfatizou.

ONU denuncia possível padrão de impunidade em brutalidade contra negros

Um grupo de seis analistas independentes das Nações Unidas denuncia publicamente que existe "uma preocupação legítima" com a possibilidade de que exista nos Estados Unidos da América (EUA) um padrão de impunidade em relação à brutalidade exercida contra cidadãos afro-americanos.

Texto: Redacção/Agências

e violentos protestos em todo o país.

Os relatores lembram que estes dois casos "renovaram uma onda de manifestações nos EUA contra o que é considerado por muitos na comunidade afro-americana como assassinatos ilegais e novos exemplos de como a força letal é desproporcionalmente usada contra homens jovens afro-americanos".

O relator especial sobre formas contemporâneas de racismo, Mutuma Ruteere, lembrou as contínuas evidências de práticas discriminatórias, que incluem ter como alvo da Polícia os afro-americanos.

"Os afro-americanos têm dez vezes mais possibilidades de serem interpellados por agentes anti-tráfico que uma pessoa branca. Além disso, há várias queixas segundo as quais os afro-americanos são desproporcionalmente afectados pelo uso letal da força. Estas práticas devem ser erradicadas", asseverou Ruteere.

"Os casos de Michael Brown e Eric Garner somam-se à nossa preocupação precedente sobre a prevalência de uma antiga discriminação contra os afro-americanos, especialmente em relação ao acesso à Justiça e face a práticas policiais discriminatórias", afirmou Mireille Fanon Mendes France, presidente do Grupo de Especialistas em Pessoas de Descendência Africana.

Maina Kiai, relator sobre o direito de se manifestar, pediu aos que protestam que o façam sem violência.

"Entendemos que há muitas pessoas que se sentem zangadas e frustradas a respeito de uma decisão injusta. No entanto, é essencial que ajam dentro da lei e que não permitam que o seu aborrecimento gere mais violência", disse Kiai.

Finalmente, o relator especial sobre execuções extrajudiciais, Christof Heyns, destacou que a lei internacional só permite o uso letal da força quando for absolutamente necessária.

"As leis de muitos Estados da América são muito mais permissivas do que a lei internacional, e criam uma atmosfera onde não há limites suficientes para o uso da força. As leis deveriam ser revistas", concluiu.

"A decisão (dos dois júris) deixou muitos com a legítima preocupação em relação a um padrão de impunidade quando as vítimas do uso excessivo da força são de origem afro-americana ou de outras comunidades minoritárias", afirmou, citada em comunicado, a relatora especial sobre minorias, Rita Iz-sak, há uma semana.

Os protestos aumentaram na semana passada nas ruas de muitas cidades dos EUA após a decisão de um Grande Júri em Staten Island (Nova York) de não processar um polícia branco que matou um cidadão afro-americano desarmado, identificado pelo nome de Eric Garner, após aplicar-lhe um golpe proibido.

Este facto aconteceu uma semana depois de o Grande Júri de Saint Louis (Missouri) ter decidido também que não fosse acusado outro polícia branco que disparou várias vezes contra um jovem negro desarmado, identificado pelo nome de Michael Brown, e que também provocou enorme indignação

Primeiro passo na expansão mundial do xisto: leis favoráveis

As companhias multinacionais de petróleo e gás preparam o terreno para a expansão mundial da sua nova fronteira: o xisto, segundo estudo divulgado no dia 1 de Dezembro pela organização ecologista Amigos da Terra. Até o momento, as tecnologias de fractura hidráulica (fracking) que alteraram o mercado mundial de petróleo e gás foram utilizadas mais na América do Norte e, em menor escala, na Europa.

Texto: Juliana - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

Como a produção de gás dos Estados Unidos se expandiu exponencialmente nos últimos anos, países de todo o mundo começaram a analisar se podem lucrar com esse novo enfoque. Um cálculo publicado em 2013 pela Administração de Informação de Energia dos Estados Unidos indica que 90% do gás de xisto (de rocha de ardósia) poderiam ser encontrados fora desse país.

“É provável que haja uma revolução” lucrativa, afirmou Maria van der Hoeven, directora da Agência Internacional de Energia, com sede em Paris. Segundo o estudo publicado pela Amigos da Terra Europa, apenas o Brasil reforçou o seu marco regulatório na previsão dessa expansão. E, dos 11 países analisados, a maioria está a fazer o contrário.

“Sob pressão da indústria dos combustíveis fósseis, que tem muito dinheiro e promete emprego e investimento, vários Governos já começaram a debilitar a sua legislação ambiental, a alterar os seus regimes fiscais e a implantar processos de concessão de licenças de mineração e produção favoráveis à indústria, a fim de atrair os investidores estrangeiros”, diz o informe, acrescentando que “com frequência, isso ocorre à custa do interesse público”.

Em termos de produção, esta continua a ser uma indústria nascente. Apesar disso, nem os Governos nem as empresas parecem ter tomado precauções para se protegerem das complexidades que surgirão desse processo, incluindo as possíveis tensões sociais, ambientais e políticas.

“A indústria tenta mudar a legislação naqueles lugares onde quer operar, para tentar repetir o quanto for possível as políticas favoráveis que vimos na política energética dos Estados Unidos”, afirmou à IPS o co-autor do novo informe, Antoine Simon, da Amigos da Terra Europa. “A chave aqui é garantir que os marcos jurídicos sejam tão favoráveis para a indústria quanto possível. Essa é a primeira fase dessa estratégia mundial, e estamos a ver isso em cada país que estudamos”, indicou.

Fora da América do Norte e Europa, a Argentina é o país que mais avançou no desenvolvimento de gás de xisto, e oferece um exemplo da iniciativa normativa. Assim, esse país adoptou uma lei que garante um preço mínimo ao gás de fractura hidráulica, que é 250% superior à avaliação anterior, uma garantia contra os preços baixos que afectam actualmente a produção de gás nos Estados Unidos.

A lei é conhecida na Argentina como “decreto Chevron”, uma reveladora influência da companhia petroleira norte-americana, segundo Simon. No dia



seguinte à sua promulgação, a principal empresa de gás e petróleo argentina, YPF, assinou um acordo de produção de longo prazo com a Chevron.

Outros países aplicaram políticas fiscais favoráveis aos investidores. O Marrocos, por exemplo, isentará de impostos os produtores de petróleo e gás durante a primeira década de actividades, enquanto a Rússia adoptou medidas semelhantes para a produção de petróleo nos próximos 15 anos.

Mas a falta de protecção ambiental ou social na maioria dos países representa diversos perigos, segundo a Amigos da Terra Europa. Por exemplo, a fractura hidráulica exige grandes quantidades de água, de até 26 milhões de litros em cada local de perfuração.

O novo informe revela que uma proporção significativa das reservas de gás de xisto em todo o mundo se encontra em áreas com escassez de água e até violência relacionada com a mesma. Do mesmo modo, muitas dessas bacias de xisto estão sob grandes aquíferos transfronteiriços. Antes mesmo de os Governos abordarem essas questões, a indústria do petróleo e do gás poderia pressionar para fixar a política sobre o uso de água doce, uma questão extremamente polémica.

A par da preocupação com o impacto local da exploração do gás de xisto está a falta de clareza quanto a em que medida os países em desenvolvimento poderiam beneficiar com a nova renda procedente do gás. Até o momento, somente o Brasil abordou esse tema especificamente.

“Na nossa pesquisa, o Brasil foi a única exceção quanto à aprovação de legislação que lhe garanta obter renda significativa. Isso não parece estar a ocorrer noutras países, onde no seu lugar vemos que oferecem ajuda estatal para atrair os investidores”, ressaltou Simon. O activista sugere que este tema ainda não enfrentou a oposição consolidada da sociedade civil. Porém, grupos activistas apontam para uma tendência crescente de compreensão e mobilização internacional em torno da frac-

tura hidráulica.

“À medida que mais e mais estudos confirmam os riscos de contaminação do ar e da água, o aumento da actividade sísmica e os efeitos da mudança climática em razão da fractura hidráulica, mais pessoas se opõem a esse processo destrutivo”, afirmou Wenonah Hauter, directora da Food & Water Watch, uma organização dos Estados Unidos da América.

“O movimento para proibir a fractura hidráulica fez com que centenas de comunidades locais tomassem medidas para detê-la, e levou vários Estados e países a suspenderem a actividade, e o movimento continua a crescer”, assegurou. A Food & Water Watch informou que a França e a Bulgária proibiram a fractura hidráulica, enquanto centenas de comunidades locais aprovaram suspensões dessa prática, como na Argentina, Espanha e Holanda.

A fractura hidráulica foi inventada nos Estados Unidos da América, e na actualidade Washington tem um papel central na promoção dessas técnicas em todo o mundo.

O informe mostra que, em quase todos os países estudados, a perspectiva de exploração do gás de xisto está “estreitamente vinculada” a uma agência do Governo norte-americano, o Programa de Obtenção Técnica Não Convencional do Gás (UGTEP). Vinculada ao Departamento de Estado norte-americano, a UGTEP ofereceu desde 2010 uma grande variedade de assistência técnica em tornos da exploração de gás.

Os seus críticos afirmam que a agência incentiva a fractura hidráulica sob o disfarce da diplomacia norte-americana. “O UGTEP utiliza os canais oficiais do Governo e o dinheiro dos contribuintes norte-americanos para promover a fractura hidráulica em todo o mundo, abrindo a porta aos principais actores mundiais da indústria do petróleo e do gás”, alerta a Amigos da Terra Europa no seu informe.

Publicidade

Utente Repórter



PARE COM A FALTA DE MEDICAMENTO

Ligue ou envie **please call me: 82 33 43 é GRÁTIS**

Envie **SMS ou WhatsApp: 86 06 56 128**

Acompanhe as ocorrências em: <http://www.cip.org.mz/ureporter>

Caro cidadão, foi ao hospital público e não teve acesso a medicamentos? O mesmo aconteceu com seu amigo, vizinho, ou familiar?



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA - CIP
Boa Governação-Transparéncia-Integridade
<http://www.cip.org.mz/ureporter>

África do Sul: assinala um ano sem Mandela enquanto família disputa bens

A África do Sul assinalou na última sexta-feira (05) a passagem do primeiro ano depois da morte de Nelson Mandela. "Os sul-africanos continuam fiéis ao legado do meu avô que se traduz na paz e na reconciliação" afirmou Ndileka Mandela, neta do antigo Presidente e ícon da luta contra a segregação racial, o apartheid. Entretanto no seio da família Mandela prosseguem as disputas pelo controlo dos bens

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters

O primeiro ano sem Madiba, como carinhosamente os sul-africanos chamavam Nelson Mandela, foi assinalado por diversas actividades que tinham como objectivo a celebração dos seus feitos ainda em vida.

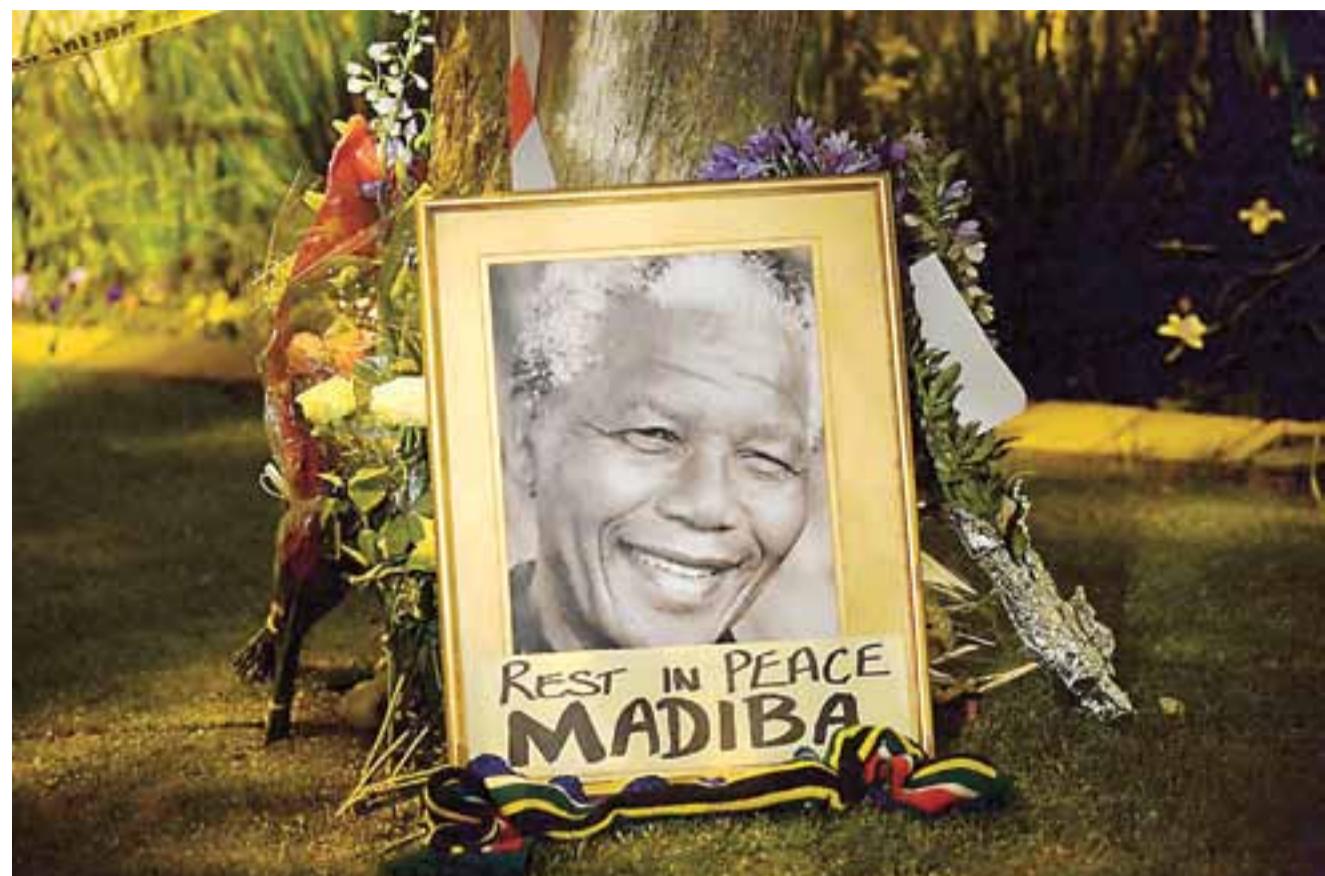
Quando o Presidente Jacob Zuma, a 5 de Dezembro de 2013, anunciou à nação e ao mundo o desaparecimento físico de Mandela, muito se cogitou em torno do futuro da África do Sul.

Nelson Mandela era tido como o garante da paz e da harmonia entre as difentes raças na "pátria do arco-íris". Chegou-se a pensar que a minoria branca, a que detém o poder económico no país, teria um futuro incerto e temia-se que a maioria negra tomasse de assalto os seus bens. Entretanto, passados 12 meses sem Mandela, a vida no país continua a decorrer normalmente.

A neta de Madiba, Ndileka Mandela, defende que o povo sul-africano escolheu a paz como forma de salvaguardar o legado do seu avô. "Muitas vozes defendiam que com a morte de Mandela o país iria arder. Os sul-africanos continuam fiéis ao legado do meu avô que se traduz na paz e na reconciliação," afirmou.

Guerra no clã Mandela

Apesar de os sul-africanos terem optado pela paz e reconcilia-



ção, o mesmo não se pode dizer da família Mandela. Ndileka Mandela defendeu que quando a família se reúne tem celebração mais a vida de Mandela do que as diferenças existentes. "Em qualquer família existem desentendimentos e nós não somos diferentes dos demais," acrescentou.

Disputas Winnie Madikizela-Mandela disse nesta terça-feira não acreditar que a viúva de Nelson Mandela, Graça Machel, venha a herdar a propriedade de Qunu (terra natal de Madiba) por esta ser dona "de todo o mundo em Moçambique".

"Esta propriedade é minha e a tive-a quando Mandela se encontrava detido na Ilha Robben," defendeu Winnie ao jornal Dail Dispatch.

Em Outubro último, o advogado de Winnie, Mvuzo Notyesi, disse à Agência Sul-africana de Notícias (Sapa, sigla em inglês), que se opunha ao último testamento de Mandela e que um caso estava a ser movido perante o Tribunal de Mthatha, com vista a reivindicar a posse da casa de Qunu por parte da sua cliente.

Este caso surge depois de a antiga esposa de Mandela não ter sido contemplada no testamento do primeiro Presidente negro da África do Sul.

Minha casa

"Deixei-o viver na minha casa. Não o iria expulsar simplesmente por ter casado com a sua terceira esposa. É triste ele não estar aqui para se explicar e informar-me dos motivos que o levaram a oferecer a minha terra a alguém que tem todo o mundo em Moçambique, visto que ela tem as suas quatro casas naquele país," defendeu Winnie.

O clã de Mandela, os AbaThembu, através do seu porta-voz, Daladumo Mtirara, defendeu que Winnie Madikizela-Mandela deveria ter consultado os anciões antes de levar os seus problemas aos media. "Ela deveria ter sido bem informada dos costumes dos AbaThembu. Entretanto, a mamã Nosizwe (Graça Machel) é o nosso ponto de entrada na casa de Mandela, independentemente de qualquer questão," acrescentou.

México diz haver provas de que os estudantes desaparecidos foram incinerados

As evidências e os exames de DNA confirmam que 43 estudantes de um magistério sequestrados por polícias corruptos há 10 semanas no México foram incinerados num aterro sanitário por membros de um cartel criminoso, disse o procurador-geral do país no domingo (7).

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

O procurador Jesus Murillo confirmou que um dos estudantes havia sido identificado por especialistas na Áustria a partir de um fragmento de osso numa sacola de cinzas, e pedaços de pneu queimado foram encontrados num rio onde os criminosos disseram ter-se desfeito dos restos mortais dos estudantes.

"A prova científica confirma que os restos encontrados na cena coincidem com as provas da investigação", disse Murillo. "Vamos continuar com a investigação até que todos os culpados sejam presos."

No entanto, especialistas forenses argentinos que ajudam na identificação salientaram que ainda havia falta de provas físicas ou científicas que ligavam os restos lançados no rio ao local do suposto massacre, um aterro sanitário em Cocula.

"As provas que ligam ambos os locais estão até agora essencialmente baseadas em declarações de testemunhas", disse a Equipa de Antropologia Forense argentina em comunicado, salientando que não estava presente quando os



restos mortais foram encontrados.

"A busca deve continuar." O Presidente do México, Enrique Peña Nieto, enfrenta uma profunda crise relacionada com a maneira como o seu Governo lidou com a investigação. O caso explicitou o grande problema do México com impunidade e corrupção e ofuscou os esforços do Presidente de concentrar a atenção popular nas suas reformas económicas.

Falando durante uma conferência em Veracruz no domingo, Nieto deu os seus pésames aos pais de Alexander Mora, estudante cujos restos mortais foram identificados.

Há um mês, Murillo disse que membros de uma quadrilha haviam confessado o assassinato de estudantes e que queimaram os corpos numa pilha de pneus num aterro isolado.

Durante a procura dos estudantes no Estado de Guerrero, outras dezenas de corpos foram descobertos em covas colectivas. Mais de 100 mil pessoas foram mortas no México em episódios de violência ligados a gangues desde 2007.

ONU diz que 2014 foi um ano devastador para as crianças

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) declarou, na segunda-feira (8), que 2014 foi um ano devastador para as crianças, em que até 15 milhões delas foram vítimas dos conflitos na República Centro-Africana, no Iraque, Sudão do Sul, Síria, Ucrânia e territórios palestinos.

O director-executivo do Unicef, Anthony Lake, disse que o grande número de crises fez com que muitas crianças fossem esquecidas ou não tivessem atenção nos noticiários, como as do Afeganistão, da República Democrática do Congo, Nigéria, do Paquistão, da Somália, do Sudão e Iémen.

Em todo o mundo, o Unicef declarou haver cerca de 230 milhões de crianças a viverem em países e regiões afectados por conflitos armados. "Crianças foram mortas enquanto estudavam na sala de aula e dormiam nas suas camas; foram feitas órfãs, sequestradas, torturadas, recrutadas, estupradas e até vendidas como escravas", afirmou Lake em comunicado.

"Em nenhum momento da história recente tantas crianças foram sujeitas a uma brutalidade tão indescritível". Também surgiram ameaças significativas à saúde e ao bem-estar infantil, como o surto do ebola na Guiné Conacri, Libéria e Serra Leoa, no oeste de África, que deixou milhares de órfãos e cerca de cinco milhões de crianças fora da escola.

"A violência e o trauma fazem mais que prejudicar as crianças individualmente - elas minam a força das sociedades", disse Lake. Na República Centro-Africana, onde as retaliações da violência sectária desabrigaram um quinto da população, cerca

de 2,3 milhões de crianças são afectadas pelo conflito, e acredita-se que até 10 mil tenham sido recrutadas por grupos armados durante o ano passado e mais de 430 tenham sido mortas ou mutiladas, disse o Unicef.

Cerca de 538 crianças perderam a vida e 3.370 ficaram feridas no território palestino da Faixa de Gaza durante a guerra de 50 dias entre soldados de Israel e militantes do Hamas, informou a entidade. Na Síria, o Unicef disse que mais de 7,3 milhões de crianças foram atingidas pela guerra civil, incluindo 1,7 milhão que fugiu do país.

No vizinho Iraque, cerca de 2,7 milhões de crianças foram afectadas pelo conflito, acrescentou, e acredita-se que pelo menos 700 foram mutiladas ou mortas este ano.

"Nos dois países, as crianças foram vítimas, testemunhas e até perpetradoras de episódios de violência cada vez mais brutais e extremos", relatou o Unicef. Cerca de 750 mil crianças ficaram desabrigadas no Sudão do Sul e 320 mil vivem como refugiadas.

A Organização das Nações Unidas declarou que mais de 600 crianças foram mortas e que mais de 200 foram mutiladas neste ano, e cerca de 12 mil estão a ser usadas por grupos armados.

Manica movimenta futsal por “amor à camisola”

No meio de muitas dificuldades e incertezas, os desportistas que movimentam a modalidade de futsal a nível da província de Manica, centro de Moçambique, não se limitam a cruzar os braços e a lamentar as situações por que passam.

Os atletas, os treinadores e os responsáveis pelos clubes sabem muito bem transformar os problemas em oportunidades, visando massificar o desporto naquela região. O governo e os agentes económicos, esses, continuam a fazer vista grossa face ao trabalho e aos esforços empreendidos pelos clubes, pois os seus apoios são, efectivamente, invisíveis neste sector desportivo.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Na história da província de Manica, a modalidade de futsal nunca teve destaque a nível nacional nos últimos dez anos. Ou seja, a movimentação dos clubes através de competições não era frequente. A contratação, em 2011, de Inácio Sambo para treinar a equipa da Computer Solutions de Manica é, digamos, uma salvação do futsal.

Além de se empenhar na preparação física e táctica dos jogadores colocados à sua disposição no sentido de melhorar as suas habilidades, Sambo começou a desenvolver uma série de acções com vista a mobilizar todos os intervenientes para incentivar a massificação desportiva, porque nas competições a sua colectividade era a única que detinha a hegemonia, o que fazia com que os campeonatos não fossem competitivos. Já se conhecia, antecipadamente, o vencedor das provas.

Portanto, mercê do trabalho desenvolvido, a província realizou no mesmo ano de 2011 o campeonato provincial, em que participou um total de 12 equipas. “No ano seguinte, 2012, crescemos muito”, disse Sambo, afirmando que houve um aumento significativo do número de equipas a praticar o futsal.

Por causa disso, houve a necessidade de se promover campeonatos distritais. Os distritos de Bárué e Manica foram os primeiros a movimentar as suas equipas locais. Nas temporadas subsequentes, segundo afirmou Sambo, passou-se a realizar, com frequência, os campeonatos distritais para se apurar os respectivos representantes no campeonato provincial, em que, por seu turno, se devia apurar os clubes ao “Nacional”.

O nosso interlocutor afirmou que, neste momento, existe a possibilidade de se ter um total de cinco distritos a competir. Os frutos dessa massificação resultaram no apuramento de uma formação distrital para o Campeonato Nacional, cuja edição 2014 decorreu na cidade de Nampula.

Segunda divisão

Tendo em conta as competições regulares do futsal, a massa associativa da província sentiu que havia necessidade de se disputar a segunda divisão, uma iniciativa que permitiu dar oportunidade às colectividades que não podem competir nos campeonatos federados. Neste aspecto, afirmou Sambo, Manica é a única região a fazer esse trabalho a nível nacional.

Aquele treinador disse que, presentemente, o desafio consiste em criar equipas de sub 12, 13 e 14, a exemplo do que acontece na cidade de Maputo.



O “amor à camisola”

No meio de todas as dificuldades, os desportistas continuam a trabalhar para elevar o nome da província de Manica a níveis mais altos. As autoridades governamentais, através do sector da Juventude e Desportos, não apoiam as colectividades que procuram, a todo o custo, afirmar-se nesse sentido. O pior é que o reconhecimento do esforço é inexistente.

Então, eis a questão que fica pendente: para onde são canalizados os valores provenientes do Fundo de Apoio às Iniciativas Juvenis (FAIJ), Fundo para a Promoção Desportiva e outros para o auxílio dos desportistas?

A equipa da Escola de Condução do Planalto de Chimoio viveu o drama da falta de financiamento aos movimentos associativos desportivos. No ano passado, a colectividade apurou-se para o “Nacional” que teve lugar na cidade de Maputo; contudo, devido à falta de fundos, os atletas e a equipa técnica não seguiram viagem. “Tentámos bater várias portas, pedindo apoio a muitas instituições públicas e privadas, mas as respostas não foram satisfatórias”, disse Ventura.

Os dirigentes dos clubes é que se desdobram na procura de mecanismos para a sustentabilidade das respectivas equipas e assegurar os financiamentos a fim de fazerem face a questões de deslocamentos, prémios de jogos, entre outras necessidades.

Por exemplo, à formação do Celtic foi atribuída o nome de Escola de Condução do Planalto de Chimoio como forma de retribuir o apoio prestado por Orlando Reginaldo, responsável pela instituição de ensino.

Ventura, que igualmente é o fundador da equipa, disse que no ano passado a colectividade participou no Torneio da Cidade, em que conquistou o terceiro lugar, tendo sido imediatamente apurada para o Campeonato Provincial, conquistando o título de vice-campeão, o que lhe conferiu o direito de participar no Campeonato Nacional.

Os agentes económicos que se assumem como proprietários das equipas são-lhes imputadas todas as responsabilidades. Felizmente, mostrou-se satisfeita com o facto de, pela primeira vez, ter participado no campeonato nacional. Fazendo uma avaliação sobre o trabalho do grupo, houve uma brilhante exibição. Há que confessá-lo.

Num total de seis jogos, a Escola de Condução de Planalto de Chimoio marcou 43 golos, tornando-se a segunda equipa mais concretizadora do torneio. Entretanto, há esperanças de melhorar tudo na próxima competição, porque a sua terra natal é que será o palco dos jogos.

Angelo Ventura, treinador da Escola de Condução do Planalto de Chimoio, afirmou que a modalidade de futsal está a conhecer uma evolução progressiva. Na província de Manica, há dois últimos anos, havia uma equipa que detinha a hegemonia e que era a candidata natural ao título provincial.

“Mas agora os jogos são disputados com muita competitividade, porque os clubes evoluíram bastante”, disse Ventura.

Regularidade das competições

De acordo com os nossos interlocutores, as competições a nível daquela região são, efectivamente, regulares. Anualmente, existe uma média de cinco campeonatos. Trata-se do Torneio de Abertura, da Taça da Cidade, Taça Presidencial, do Campeonato Provincial e outros torneios organizados localmente.

Sambo considera que a movimentação dos clubes revela um trabalho desenvolvido na província com vista a reavivar-se o desporto, principalmente, a modalidade do futsal. Presentemente, há um total de 28 equipas a praticar o futsal, embora as capacidades organizativas sejam diferentes das da capital do país, cujos clubes beneficiam de formações frequentes, o que ajuda a melhorar as suas habilidades.

Contudo, como a cidade de Chimoio é o futuro acolhedor do “Nacional”, edição 2015, os desportistas daquela região têm uma ideia que pretendem propor à Federação Moçambicana de Futebol (FMF) no sentido de se promover cursos de formação para os treinadores e os árbitros.

Infra-estruturas: o crónico problema que afecta o país

Em quase todo o território nacional assiste-se ao agravamento de um problema considerado um cancro que está relacionado com a falta de infra-estruturas para a prática das actividades desportivas e, mormente, do futsal. A província de Manica não está isenta deste fenómeno que apoquenta todas as províncias.

Apesar de existir o Fundo de Promoção Desportiva que podia ajudar na reabilitação dos pavilhões, as infra-estruturas de Manica encontram-se abandonadas e deixadas à sua sorte. Mesmo assim, os praticantes do futsal não se mostram desanimados, continuando a trabalhar nas mesmas condições.

Para o treinador da Escola de Condução de Planalto de Chimoio, existem recursos financeiros para apoiar o desporto, mas há, na verdade, uma falta de vontade política por parte dos dirigentes. Para o nosso entrevistado, não é preciso que se olhe, necessariamente, para o futsal, mas é importante fazer-se um trabalho sério no desporto no seu todo. A massificação das modalidades deve ser levada a cabo em condições condignas.

O único pavilhão que existe pertence à Liga Muçulmana. As equipas chegam a gastar um total de oito mil meticais mensalmente para o aluguer do espaço quando pretendem realizar jogos. Na Escola Secundária Josina Machel, há um ginásio, mas o espaço está sempre ocupado por alunos que realizam os seus exercícios físicos.

Basquetebol: Locomotivas regressam às vitórias em Maputo

Depois de ver a sua senda vitoriosa interrompida na ronda anterior, os locomotivas regressaram aos triunfos. Em partida da oitava jornada do Torneio de Abertura da Cidade de Maputo, o Ferroviário de Maputo, campeão em título, derrotou o Maxaquene por 74 a 50. No outro encontro, referente à mesma ronda, a Universidade Pedagógica bateu o Desportivo de Maputo pela marca de 70 a 62.

Texto: Duarte Sítioe · Foto: Eliseu Patife

Na partida que teve lugar no pavilhão do Desportivo de Maputo, a equipa de Horácio Martins entrou determinada a resolver o jogo logo nos primeiros instantes face a um Maxaquene, renovadíssimo, que nos dois primeiros períodos não teve arte, muito menos pujança, para parar as investidas de Manuel Ubisse e companhia.

Os locomotivas, liderados pelo base-armador, Hermelindo Novela, logo que o árbitro deu ordem para que se iniciasse a partida, com o lançamento da bola para o ar, tomaram as rédeas do jogo. Por seu turno, os tricolores, com uma equipa reformada, não possuíam argumentos para contrariar o favoritismo dos campeões em título.

Os dez minutos iniciais tiveram um claro domínio do Ferroviário de Maputo, que marcou 23 pontos, contra apenas sete do Maxaquene. O extremo, Manuel Ubisse, também conhecido nos meandros desportivos por Mano, foi o destaque, nesta fase do jogo, ao converter 10 pontos e três ressaltos; nas as hostes tricolores, Sika Kuko, com quatro pontos, foi a unidade mais produtiva.

No segundo período, em desvantagem, a formação tricolor, que era a anfitriã do jogo, tentou, mas sem sucesso, dar a volta ao marcador, porém, encontrava pela frente uma armada locomotiva que queria redimir-se da derrota sofrida na ronda anterior diante do Costa do Sol.

Ao contrário do sucedido no período inicial, o segundo e último da primeira parte, foi mais equilibrado. Nesta fase de jogo, o Maxaquene lutava para reduzir a desvantagem de modo a assaltar a liderança no marcador na etapa complementar, mas os comandados de Horácio Martins estavam na mó de cima, o que fez com que as aspirações dos donos da casa fossem sol de pouca dura.

Neste período, os tricolores exploravam, mais, as jogas exteriores para reduzirem a desvantagem, mas os seus atiradores não estavam com a pontaria afinada, que o diga Anderson Macamo, que falhou quatro tentativas na linha dos 6 e 25m. A primeira parte acaba com o resultado de 43 a 22, ou seja, nesta etapa o Ferroviário de Maputo marcou 20 pontos, mais três que o Maxaquene, que em comparação com o primeiro período subiu de rendimento.

No que às individualidades diz respeito, Manuel Ubisse, com 14 pontos e cinco ressaltos, foi a melhor unidade



da formação locomotiva, enquanto João Judiasse foi o destaque dos anfitriões ao contabilizar oito pontos e quatro ressaltos.

Nem a ousadia de Abel Hassane salvou os tricolores

No reatamento, o Maxaquene entrou transfigurado e soube, nos primeiros instantes, aproveitar a apatia dos locomotivas, que diferentemente do que aconteceu no primeiro período, não tiveram um excelente arranque.

Os tricolores, nesta fase, criaram diversas dificuldades ao seu oponente, uma vez que o treinador locomotiva havia prescindido dos préstimos dos seus melhores jogadores para dar conceder mais tempo de jogo aos menos utilizados no decorrer da época, todavia, a estratégia de Horácio Martins não surtiu efeito porque o Maxaquene estava melhor no jogo.

O terceiro período foi o mais equilibrado, visto que os tricolores tudo fizeram para passar para a frente do marcador. Apesar do aparente domínio dos anfitriões, os locomotivas, que nesta fase andavam a leste dos acontecimentos, voltariam a sair em vantagem no marcador mas, nesta etapa, concretizaram menos pontos em comparação com o seu rival, ou seja, o Maxaquene marcou 19 pontos, menos sete que o Ferroviário.

À entrada do quarto e derradeiro período, o marcador assinalava 55 a 41 a favor do emblema locomotiva. Apercebendo-se da estratégia do seu adversário, Horácio Martins fez voltar ao jogo as suas melhores unidades e que, de certa forma, tornou o encontro mais animado.

Com a entrada de Hermelindo Novela e companhia, a locomotiva ficou transfigurada, mas o Maxaquene não se deixou intimidar, continuava a procura da vitória. Nesta etapa as duas equipas empenharam-se até ao extremo para sair do pavilhão do Desportivo com os dois pontos.

O Ferroviário de Maputo redimiu-se da pálida imagem deixada no terceiro período, uma vez que conseguiu marcar mais pontos em relação aos tricolores. Os locomotivas converteram 19 pontos contra nove do Maxaquene. A partida terminou com o resultado de 74 a 50 a favor da equipa de Horácio que regressou, assim, aos triunfos depois do desaire na ronda anterior.

Manuel Ubisse, com um registo de 21 pontos e sete ressaltos, foi eleito a melhor unidade em campo, enquanto Abel Hassane, que averbou 12 pon-

tos, foi o destaque da turma tricolor.

UP, com a mão dos árbitros, derrota Desportiva

Na outra partida referente à mesma jornada, o Desportivo de Maputo foi derrotado pelo conjunto da Universidade Pedagógica por uma diferença de nove pontos, ou seja, 62 a 70, numa partida em que a equipa da arbitragem roubou o protagonismo aos jogadores.

Foi um embate equilibrado, sobretudo na primeira parte, uma vez que as duas equipas saíram para o intervalo separadas por um ponto, 30 a 29, a favor dos alvinegros. O Desportivo, que não contou com os préstimos de David Canivete Júnior, apesar dos trinta pontos conseguidos na etapa inicial, foi bastante perdulário em baixo das tabelas, seja a defender assim com a atacar.

No reatamento, a Universidade Pedagógica entrou muito motivada, criando vários problemas ao seu rival. Nesta fase de jogo, a dupla de arbitragem destacou-se pela negativa ao expulsar o base-armador, Pio Matos, por ter reclamado uma decisão da arbitragem. Além desta medida, os dois juízes tudo fizeram para beneficiar a UP, apitando falta inexistentes, o que levava os jogadores daquela formação aos lançamentos livres.

Nesta fase do jogo, os alvinegros marcaram 32 pontos contra 41 dos universitários que venceram pela marca de 70 a 62. Por ter contabilizado 22 pontos e oito ressaltos, Augusto Matos foi eleito o homem do jogo.

Já no sábado, a contar para a nona jornada, o Costa do Sol derrotou a formação da A Politécnica por 74 a 62, o Maxaquene bateu o Desportivo pelo resultado de 74 a 48, enquanto a partida entre o Aeroporto e o Ferroviário não foi realizada devido à forte chuva que caía na cidade de Maputo na tarde de sábado (6).

Costa do Sol derrota A Politécnica em femininos

No que aos femininos diz respeito, na única partida realizada, o Costa do Sol, que na jornada passada quebrou a invencibilidade do Ferroviário de Maputo, derrotou o conjunto da A Politécnica por um ponto de diferença, ou seja, 68 a 67.



SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

Basquetebol: “Taça Nampula” ocupa jovens nas férias em Nampula

A cidade de Nampula, apelidada capital da zona norte, é palco desde a semana passada de um torneio de basquetebol, denominado “Taça Nampula”. A prova, organizada pela Associação Provincial de Basquetebol (APBN), conta com a participação de mais de 10 equipas divididas em quatro escalões, em femininos e masculinos nomeadamente: iniciados, juvenis, juniores e seniores.

Texto: Redacção/Nampula • Foto: Faizal Abudo

De acordo com os organizadores, o torneio de basquetebol, denominado “Taça Nampula”, tem em vista afastar a camada juvenil de actos ilícitos com destaque para o consumo de drogas e bebidas alcoólicas, uma tradição que já estava a ganhar terreno na cidade de Nampula.

Por outro lado, a descoberta de novos talentos com o intuito de alimentar as equipas federadas é apontado como objectivo secundário pelos organizadores da prova, que por sua vez servirá de antecâmara do Campeonato Provincial de Basquetebol cuja anfitriã será a cidade de Nampula, em Fevereiro do próximo ano. Este torneio terá a participação das formações de Nacala e Nampula.

Não obstante a grande vontade registada pelos praticantes da modalidade, os salões que acolhem os jogos, nomeadamente o campo-velho e pavilhão de desportos, infra-estruturas desportivas propriedades do clube do Ferroviário de Nampula, tem estando às moscas, em consequência do baixo número de pessoas que acorrem ao local a fim de assistirem aos embates.

De acordo com os organizadores, a competição irá comportar seis jornadas em todos os escalões, no clássico sistema de “todos contra todos”, e vão tomar parte 13 equipas, nomeadamente: Universidade Católica de Moçambique (UCM); Marcas; Universidade Pedagógica (UP); Academia Militar; União Desportiva de Nampula; Instituto Criança; Ferroviário de Nampula; Ferroviário de Nacala; Ntsay-escola de basquetebol de Nampula; Clube Juventude de Carrupeia; União Juvenil de Napipene e Associação Real da cidade de Nampula. O evento vai movimentar mais de 100 atletas.



Aurélio Dause, presidente da Comissão Provincial de Árbitros (COPAB) e membro da comissão organizadora, disse que um dos objectivos da iniciativa é resgatar a modalidade do estado moribundo em que se encontra na apelidada capital da zona norte, e tornar as equipas daquela parcela do país mais competitivas, com a intenção de colher grandes resultados nos próximos anos.

“No período das férias escolares, sobretudo as do fim de ano, são poucas as províncias que movimentam o desporto, com destaque para o basquetebol, e na cidade de Nampula pretendemos marcar a diferença porque temos conhecimento de que este período é propenso a que os jovens se envolvam em actos ilícitos, aproveitando-se da liberdade”, sublinhou Dause.

Torneio sem incentivo financeiro

À semelhança de muitas competições nas diversas modalidades que são realizadas na cidade e província de Nampula, a Taça Nampula não beneficia de apoio material.

O presidente da COPAB afirmou ainda que a questão monetária não tem vindo a influenciar a realização do evento. “Queremos quebrar o hábito de fazer as coisas depois de estender as mãos. As provas decorrem sem sobressaltos, e com muita por parte animação dos praticantes”, disse a fonte.

Entretanto, o nosso interlocutor lamenta igualmente o facto de o Governo, através da Direcção Provincial da Juventude e Desportos, sempre que é apresentada uma proposta, se refugiar nas desculpas da falta de oficialização das associações e clubes que movimentam a modalidade, para que estes beneficiem de diversos apoios provenientes dos cofres do Es-

tado, com particular destaque para o Fundo de Promoção Desportiva. O mais estranho, segundo ele, é que a mesma instituição tem anualmente exigido a apresentação de relatórios das actividades realizadas.

Treinadores envolvidos na arbitragem

Ainda no Torneio “Taça Nampula” a Comissão Provincial de Árbitros de Basquetebol disponibilizou um total de 12 juízes da modalidade e, segundo informações em poder do nosso jornal, o maior número é constituído por treinadores das equipas envolvidas na competição, questionando-se, por isso, a transparência dos resultados.

De acordo com o presidente da COPAB, este factor não deve ser visto como sendo um constrangimento, uma vez que os juízes prestam serviços em jogos que a suas equipas não tomam parte.

“A comissão de árbitros de Nampula é composta, na sua maioria, por treinadores. Por falta de pessoas capacitadas para o efeito decidimos colocar os treinadores como juízes e isso nunca influiu nos resultados”, esclareceu o nosso entrevistado.

Aurélio Dause admite que esta não é a forma eficaz, mas declarou que a sua agremiação adoptou esta estratégia devido à falta de pessoal. Todavia, ele garante que a agremiação da qual é presidente vai continuar a sensibilizar os amantes de basquetebol de modo a aderirem aos cursos de arbitragem.

Importa referir que no decorrer do presente ano, a Comissão Provincial de Basquetebol de Nampula formou 16 novos árbitros da modalidade, dos quais três do sexo feminino.

Publicidade



Grelha de programação de Português para África da DW

A nova DW África a partir de 27 de outubro de 2014: concentração no essencial

MOÇAM	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
07:30	Noticiário 5'				
07:35	Jornal da Manhã 11'				
07:46	Espaço do Ouvinte 3'				
07:49	Últimas notícias 1'				
21:30	Noticiário 5'				
21:35	Jornal da Noite 11'				
21:46	Espaço do Ouvinte 3'				
21:49	Últimas notícias 1'				

Sábado e Domingo sem emissão

Ouça a DW África nas frequências das rádios parceiras:

Rádio Capital Rádio Trans Mundial RTM (Maputo): FM 90,7 MHz	Rádio GESOM (Chimoio): FM 106,1 MHz	Rádio Comunitária de Monapo (Monapo): FM 106,0 MHz
Savana FM (Maputo): FM 100,2 MHz	SIRT - Sistema de Rádio e Televisão (Tete): FM 101,3 MHz	Rádio On'Hipiti (Ilha de Moçambique): FM 103,9 MHz
TV Cabo Moçambique: Canal 248 (Maputo)	Nova Rádio Paz (Quelimane): FM 105,7 MHz	Rádio Watana (Nacala): FM 107,0 MHz
Rádio Save (Nova Mambone, Inhambane): FM 104,0 MHz	Rádio Tumbine (Milange): FM 103,6 MHz	Rádio Sem Fronteiras (Pemba): FM 102,1 MHz
Rádio Pax (Beira): FM 103,0 MHz	Rádio Encontro (Nampula): FM 101,9 MHz	Rádio Esperança (Lichinga): FM 89,6 MHz

Anand, um legado que vale mais do que o título mundial de xadrez

Vishwanathan Anand perdeu o título de campeão do mundo de xadrez para Magnus Carlsen, no final de 2013, e logo na capital indiana do xadrez, a cidade de Chennai. Este ano voltou à carga, em Sochi, e, embora mais bem preparado, não conseguiu reaver o título que ostentou de 2007 a 2013. Aos 44 anos, dificilmente voltará a ser campeão, mas o seu trabalho está feito e é visível um pouco por toda a Índia.

Texto: jornal Ionline • Foto: Reuters

Chennai estremeceu quando viu Magnus Carlsen derrotar o homem da casa, Vishwanathan Anand, até então campeão do mundo. Mas não foi um xeque-mate à loucura pelo xadrez na cidade e um pouco por todo o país. Afinal, os primeiros jogadores no país com destaque internacional nasceram em Chennai. No total, são oriundos da cidade 12 dos 34 Grandes Mestres do país.

O xadrez é um dos jogos mais populares do mundo. Indianos e iranianos reclamam para si a sua invenção, cujos vestígios foram encontrando em ambos os territórios. Conta a lenda que tudo começou como uma tentativa de animar Iadava, um rei de uma província indiana, que viu o seu filho morrer no campo de batalha, contra o exército de Varangul. Amargurado, o rei fechou-se no castelo, onde passava os dias a recriar as tácticas do seu último combate. Um dia, um jovem brâmane, Lahur Sessa, chegou ao palácio e pediu para mostrar ao rei um jogo que tinha inventado. Um tabuleiro com 64 quadrados e 32 peças, brancas e pretas. O rei entusiasmou-se enquanto dava os primeiros passos no jogo. A determinada altura, para vencer, foi obrigado a sacrificar uma torre. Lahur Sessa usou esta oportunidade para explicar ao rei que, às vezes, é preciso fazer um sacrifício para alcançar um bem maior.

Satisfeito com o jogo, Iadava disse a Sessa para pedir aquilo que quisesse. O brâmane foi comedido, aparentemente, e apenas pediu um grão de arroz no primeiro quadrado, dois no segundo, quatro no terceiro e assim sucessivamente. O rei riu-se com o modesto pedido, não percebendo que nunca seria capaz de o cumprir. No final, Sessa deveria receber 18 446 744 073 709 551 615 grãos de arroz, ou seja, mil vezes a produção de 2010, ou seis vezes o peso total de todas as coisas vivas na Terra. O final da história tem muitas versões, que



oscilam entre a morte de Sessa e a coroação como novo rei.

O que importa reter da história e que torna o jogo fascinante são as inúmeras possibilidades que cada jogada oferece. Um cenário perfeito para um país com uma ligação especial com a matemática. Mas embora o jogo tenha chegado à Índia há 1600 anos, foi apenas em 1962, quando o local Manuel Aaron defrontou Bobby Fischer, que o país se começou a enfeitiçar pelo tabuleiro e as suas peças. Foi preciso esperar mais de 20 anos até aparecer Vishwanathan Anand, o primeiro Grande Mestre indiano, e a grande referência do xadrez no país.

A partir daí, o desporto nunca mais parou de crescer na Índia. Neste momento, o país tem 34 Grandes Mestres e 76 Mestres Internacionais, sendo a oitava maior potência mundial do desporto. Quase todos os dias chegam às academias indianas miúdos que poderão tornar-se no próximo Anand. A prova disso foi chegou quando Carlsen conquistou o título mundial pela primeira vez. Quase ao mesmo tempo, um jovem indiano de 14 anos, Aravindh Chithambaram, venceu o Torneio Internacional de Chennai, para Grandes Mestres. Parecia que estava encontrado o substituto.

Nos próximos anos vai ser difícil a Anand manter-se no topo. Mesmo não sendo um desporto físico, o xadrez é cada vez mais um jogo para jovens, e a prova disso são os 24 anos do campeão do mundo, Magnus Carlsen. Ainda assim, Anand manterá o título de lenda da modalidade, ao ser o único enxadrista a vencer o título mundial em três diferentes formatos: jogo, torneio e sistema eliminatório.

Ao mesmo tempo foi instrumental na seriedade que se passou a in-

cutir no jogo, na Índia.

Nas Olimpíadas de Tromso, que decorreram este ano, a equipa indiana masculina venceu a medalha de bronze, numa competição onde participaram 172 nações. A feminina ficou-se pelo 10º lugar. No Mundial Júnior, muitos indianos, de várias idades, trouxeram medalhas para casa. No Campeonato do Mundo da Juventude, em Durban, a Índia conquistou seis medalhas, duas de ouro, estabelecendo-se como a melhor nação da competição. A pirâmide do xadrez tem, cada vez mais, uma base mais sólida no país, com 43 000 jogadores registados a participarem em torneios, ao longo do último ano. Quase sem apoio governamental, todo este movimento foi inspirado pelos feitos de Anand. E as portas estão agora abertas, para quem quiser sair da sua sombra.

CAN 2015: Gana, África do Sul, Argélia e Senegal no “grupo da morte”

O sorteio dos grupos do 30º Campeonato Africano das Nações (CAN), que vai ser disputado na Guiné Equatorial entre os dias 17 de Janeiro a 8 de Fevereiro de 2015, reuniu no grupo C - considerado como o “grupo da morte” - algumas das maiores equipas do continente neste momento: o Gana, a Argélia, o Senegal e a África do Sul.

Os “Black Stars” do Gana e os “Fennecs” da Argélia figuram entre as cinco equipas africanas que disputaram o último “Mundial” de futebol. A Argélia chegou até aos oitavos-de-final antes de perder contra os vencedores do campeonato, a Alemanha.

A África do Sul, por seu lado, foi uma das maiores supresas durante as eliminatórias, retirando à campeã em título, a Nigéria, as possibilidades de defender a sua coroa, enquanto o Senegal está numa nova onda sob a direção do selecionador francês Alain Giresse.

A Guiné Equatorial, país anfitrião, parece beneficiar dum sorteio equilibrado no grupo A com o Gabão, o Congo e o Burkina Faso.

O grupo B, que estará instalado em Eibibeyin, reúne os campeões de 2012, a Zâmbia, os de 2004, a Tunísia, mas também Cabo Verde e a RD Congo, qualificada enquanto melhor terceira equipa.

O grupo D, baseado em Malabo, integra a Costa do Marfim, os Camarões, tetracampeões africanos, o Mali e a Guiné ConaCri.

Eis o alinhamento dos grupos:

Grupo A: Guiné Equatorial, Congo, Gabão, Burkina Faso
Grupo B: Zâmbia, RD Congo, Cabo-Verde, Tunísia

Natação: Hosszu quebra dois recordes mundiais em menos de uma hora

A húngara Katinka Hosszu estabeleceu, num intervalo de menos de uma hora, dois recordes mundiais nesta sexta-feira no “Mundial” de natação em piscina curta, disputado em Doha (Catar).



Primeiro Hosszu registou a melhor marca dos 200m costas e tornou-se na primeira mulher a nadar a prova em menos de dois minutos, com o tempo de 1min59s23, baixando em 16 centésimos o recorde anterior, que também era dela. Mais tarde, a húngara venceu os 100m estilos com o tempo de 56s70, deixando para trás a britânica Siobhan-Marie O’Connor, prata (57s83), e a australiana Emily Seebohm, bronze (58s19).

Em Maputo os “shows” não agradam...

Incrivelmente, há quem, por diversos motivos, diga: “se ainda tivéssemos os ‘campos de reeducação’, ou simplesmente os ‘laboratórios de criação do homem novo’, muitos dos nossos filhos estariam na linha”. As meninas não andariam seminuas pelas ruas e os rapazes não nos mostrariam as suas cuecas. Pós é. De qualquer modo, é lamentável que, mesmo conscientes da irresponsabilidade, os produtores de espetáculos em Maputo e não só, continuem ignorantes em relação à boa qualidade de “shows”. No último fim-de-semana vivenciou-se o mesmo drama de sempre: a má qualidade do som marcou o espetáculo de Cremildo de Caifaz.

Texto: Reinaldo Luís • Foto: FDS

Na verdade, nos dias que correm, parece-me comum que a equipa de produção se preocupe com os (pen)últimos detalhes no dia dos espectáculos. O tempo que separa o anterior concerto musical (isto na cidade de Maputo, do nosso conhecimento e de grande calibre), 21 de Novembro, com o realizado na sexta-feira, 05 de Dezembro, é longo e, sobretudo, suficiente para escolher um palco sofisticado, e, sem sobressaltos, montar e testar a aparelhagem de som.

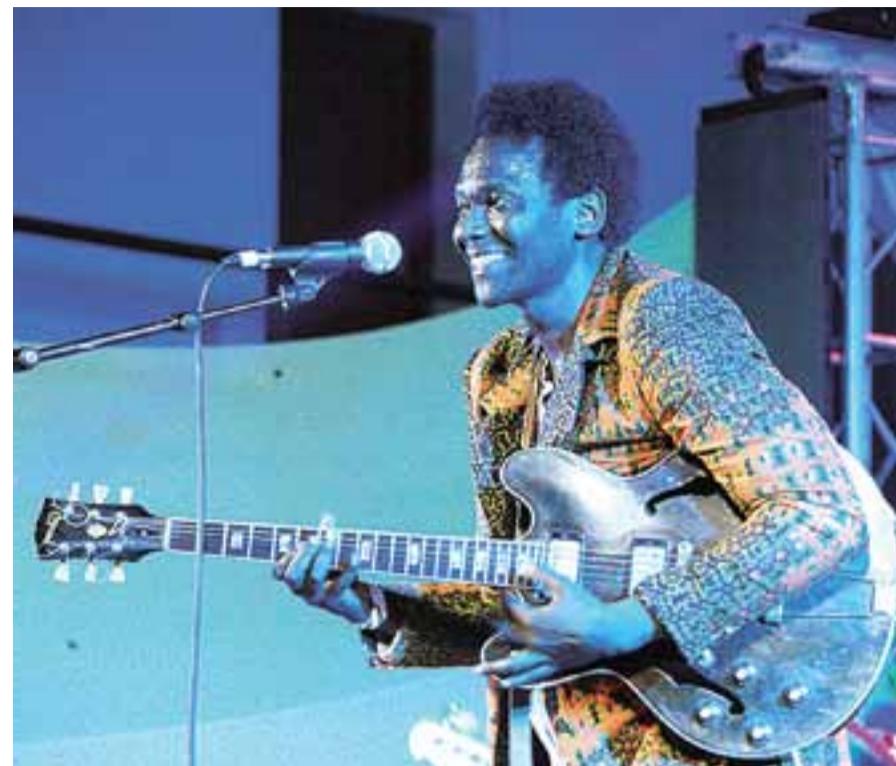
Se não tivéssemos um pouco de consciência de que íamos ver um dos, poucos, ícones da música ligeira moçambicana, que deixou o país há sensivelmente 15 anos, talvez, ficaríamos no desespero, ou atordoados com os efeitos das luzes que iluminavam a urbe e, consequentemente, não saberíamos o que mereceria ser reportado. Não seria necessariamente um acto de exclusão, mas devido à escassez de repórteres, principalmente os que se dedicam a área cultural, tínhamos, de facto, que escolher o melhor.

O problema é que no mesmo dia, na mesma circunscrição – zona baixa da cidade das acácias – e na mesma hora haviam agendado cerca de quatro espectáculos – isso sem contar com que os que aconteceram nas “casas de pasto”, como Mafalala Libre, Gil Vicente Café Bar, entre outros. Mas, ao que tudo indica – porque não seria o contrário do sucedido no último fim-de-semana e nas várias outras ocasiões passadas –, programar eventos similares no mesmo período e, quase, no mesmo local é uma doutrina, um costume, neste país. Por isso, mas acima de tudo pela maior afluência do público nos eventos, diga-se, mais badalados e/ou de artistas famosos (aqui usamos a fama como vulgaridade) – não obstante, a preferência de outros músicos – o auditório ficou às moscas.

Embora seja o inverso, os eventos artístico-culturais não podem ser confundidos com negócios, com momentos isolados..., que se bastem em si mesmos, em jeito de competitividade. Muito menos podem ser reduzidos a mero entretenimento restrito a pessoas eruditas, que, de qualquer forma, apreciam todos os estilos. Evidentemente, o evento artístico, como concretização de um processo que visa garantir a aculturação, os momentos de lazer e os intercâmbios artistas-público tem um papel importante. Por essa razão há que se gerir, no sentido de se organizar em períodos diferentes para que os admiradores possam ter a oportunidade de fazer parte de, quase, todos os momentos.

... e o público é o mesmo

Diferentemente do que tem acontecido na cidade de Maputo, no que concerne a atrasos no início dos eventos culturais, o “show” de Caifaz foi um sucesso. Marcado para iniciar às 21 horas, o que estranhamente aconteceu, o que mais nos marcou no espetáculo foi a ausência de público.



Para quem, eventualmente, tenha participado numa cerimónia restrita já deve estar a imaginar do que estamos a falar. O ambiente amplo de Gil Vicente parecia, sim, um daqueles momentos de “xiquites” familiares, em que todos os presentes se conhecem, ou senão, tem-se a certeza de que todos fazem parte da parentela. No caso concreto, a sala já velha do Gil estava repleta de pessoas ligadas, de forma directa, às artes e cultura no país.

Diga-se, em abono a verdade, que cada evento cultural tem o seu público alvo. Portanto, o que se pôde perceber no evento de Cremildo de Caifaz é que as pessoas que para lá se dirigiram conhecem o seu percurso como músico e não só,



a sua temática, os seus gostos, as suas exigências e, se calhar, as suas limitações.

Por isso, para quem esteve no lugar do “show”, ou acompanha a sua carreira muito em particular, tê-lo de volta aos palcos foi uma experiência marcante.

As actuações

O concerto teve como convidado o músico Miguel Xabindza, que fez a abertura com alguns dos seus temas que versam sobre a quotidianidade dos moçambicanos. Realmente, Xabindza é um músico que merece a nossa estima. A sua criatividade, a presença no palco e a simplicidade com a qual encara o público espanta, de tal forma que alegra a plateia.

Embora a sua actuação não se resuma somente neste período, o momento mais excitante do espectáculo foi marcado pela divulgação de uma recriação da música de José Barata, intitulada “Xisiwana”, ou simplesmente “Pobre”. Cantando ou tocando, ao lado de Zito (bateria), Nicolau (teclado) e Nené (viola), numa das suas composições, Miguel fala das nossas irmãs, filhas, mães, esposas, que se prostituem por causa de bens materiais.

No entanto, volvidos alguns instantes na companhia deste jovem músico e depois de um longo e desesperador intervalo, finalmente, entrou a figura do cartaz que brindou os presentes com uma excelente actuação, interpretando temas inspirados na Marrabenta, mas enriquecidos com sons populares de diversas partes do mundo, tais como o Pop, o Afro e o Jazz.

O mote do concerto era a apresentação do “Ciconia Ciconia” (cegonha em latim), um álbum que conta com a participação de músicos de renome, entre moçambicanos, africanos e europeus e que tem cativado uma apreciação positiva, não só da parte do público moçambicano, mas também além-fronteiras.

Infelizmente, após a segunda apresentação do músico, já por volta das 22:30 minutos, por causa das nossas dificuldades no que se concerne ao transporte da nossa equipa, tivemos de abandonar o espaço, antes mesmo de analisarmos algumas músicas do artista.

Mas o importante fica: falar de Cremildo de Caifaz é o mesmo que narrar a história de um jovem nascido em Inhambane, apaixonado pela música e que, aos 18 anos de idade, rumou para a Alemanha a fim de concretizar os seus sonhos estudando a música.

Os três desafios de Simão Nhacule

O jovem instrumentista da Companhia Nacional de Canto e Dança (CNDC), Simão Adriano Nhacule, que – além de ser professor prático de instrumentos tradicionais na Escola Nacional de Música (ENM) – é director artístico do agrupamento Silica, apresentou, na passada quinta-feira (11), a sua nova peça, e por sinal a primeira, de recital de ritmos africanos “Mais Um Desafio”. A obra é uma homenagem ao artista pelos obstáculos enfrentados e superados na sua carreira artístico-musical.

Texto & Foto: Reinaldo Luis

Para os mais organizados e preservadores das práticas milenares de, quase, todo o mundo, a quadra festiva representa mais do que a celebração do nascimento de Jesus Cristo e a passagem do ano, um momento de introspecção, em que as pessoas procuram analisar o percurso e, de qualquer modo, fazer o balanço das actividades que decorreram durante o ano.

Simão Nhacule, nascido na província de Inhambane e actualmente residente na cidade capital, desde Fevereiro de 1992, não foge à regra. Ao lançar a sua primeira obra no Cine África, o artista explicou que o tema é proposto em virtude da relevância que o seu percurso artístico possui dentro e fora da CNDC. Na verdade, o início da sua história – a mesma que faz parte do seu primeiro desafio – inicia-se a partir da década de 90 altura em que, a par de outros seus contemporâneos, decide vir a Maputo a fim de trabalhar.

Embora ainda muito jovem, numa cidade tão conflituosa, com as mangas arregaçadas, o artista a que nos referimos conseguiu adequar-se à vida da cidade. Mas, nada foi fácil pois, agricultor como era, além de saber trabalhar a terra, Nhacule só tocava instrumentos tradicionais de música, como, por exemplo, a timbila.

E logo à partida explica-se: “Quando terminei os meus estudos elementares, na província de Inhambane, fiquei à mercê da sorte. Os meus pais não tinham condições necessárias para me matricular em numa outra escola para que continuasse os estudos. Então, aos 18 anos de idade, a convite do meu irmão que na altura residia aqui na capital do país, cheguei a Maputo, onde durante dois anos vendi roupa usada, comumente conhecida por roupa das calamidades, no Mercado Xipamanine”.

Incrivelmente, essa foi a primeira experiência que marcou profundamente o coração de Simão. Não é pela dura vida a que foi sujeito aquando da sua procura de emprego, mas pelo simples facto de esta prática lhe ter aberto as portas da “salvação”.

“Fiquei cerca de dois ou três anos a vender roupa das calamidades. Mas num certo dia ouvi o eco de um tambor que soava a partir do Conselho Municipal de Xipamanine. Foi um momento de extase, de tal sorte que quando me aproximei do local senti o entusiasmo dos dançarinos e, estranhamente, senti-me em casa. Foi nesse momento que realmente senti que alguma coisa me ligava à música, aos instrumentos, à dança...”.

Atrevido – claro, como qualquer um da terra de boa gente – Simão pediu ao mestre do grupo que actuava naquele recinto do Estado para que lhe prestasse atenção durante o tempo em que ele demonstrava o seu talento. Surpreendido com a brillante apresentação do jovem machope, o representante do agrupamento deu a oportunidade de o aspirante às artes na altura ensaiar com a sua colectividade. Volvido algum tempo, devido à sua dedicação, Simão passou a tocar no grupo de Canto e Dança da Casa da Cultura do Alto-



-Maé, liderado na altura por Fernando Rafael, onde trabalhou até a sua saída desta associação para a Companhia Nacional de Canto e Dança.

O segundo desafio

Ainda neste rol de acontecimentos – desta vez destacando o segundo desafio do jovem artista –, após a sua afirmação na Companhia Nacional de Canto e Dança, o criador de “Mais Um Desafio” foi transferido para a Escola Nacional de Música onde ministra aulas práticas de instrumentos tradicionais.



Foi igualmente na ENM onde começou a sua segunda luta.

“As dificuldades que enfrentei na ENM estão relacionados com conhecimentos teóricos. Quando saí da CNDC sabia somente tocar timbila e percussão, mas na escola fui encarregue de ensinar a mbira e a marimba. Então, este foi um dos incríveis desafios que enfrentei na minha carreira, pois, além de ensinar, tive que aprender com os alunos e com os outros colegas.

Diffícil foi também ter que incentivar as crianças a sentirem paixão pelos instrumentos tradicionais. De todas as formas, para os petizes, quando se fala de aparelhos musicais ficam as imagens de viola, trompetes, pianos, violinos, etc. E isso é legítimo, pois, nas ditas sociedades modernas, o tradicional já está ultrapassado.

Mas a experiência foi boa. Na verdade, é um bem que vem por mal. Digo isso porque quando me transferiram da CNDC para a ENM pensei que já não tivesse utilidade naquela casa que me viu a crescer profissionalmente, mas, embora tarde, descobri que realmente estavam a apostar em mim. Por essa razão, depois de ter atingido um certo nível de maturidade na escola, decidi mostrar aos meus colegas o trabalho que vim desempenhando durante os três anos em que me afastei deles”.

O último momento

Tal como se canta no “Próximo Ano”, um tema pertencente ao agrupamento moçambicano de música hip hop “GPro”, Simão Nhacule vangloria os seus resultados, alcançados durante 14 anos. Por isso, “para mim, isso significa o surgimento de um indivíduo novo, transformado e experiente”, disse o artista.

O trabalho é composto por 11 temas, dos quais alguns da sua autoria e outros recriados e que pertencem a artistas zimbabweanos, tais como John Chibadura e Leonardo Dembo; revela, acima de tudo, a influência e a admiração que Nhacule tem por estes ícones.

Questionado sobre a sua ligação com os dois artistas de renome e conhecidos internacionalmente, Simão Adriano explica que cresceu a ouvir músicas zimbabweanas, devido à influência dos sul-africanos mineiros que residiam na sua vila, em Zavala. “Na altura, todos os moçambicanos que viajassem para a terra do rand tinham como objectivo, para além de trazerem pão, arroz, açúcar, leite, entre outros produtos, a compra de aparelhos de som com cassetes para divertirem os seus familiares”, conclui o artista.

O espelho e reflexo de AM

Em Moçambique, dezenas de mulheres são vítimas de violência doméstica, mas elas não denunciam os agressores, optando por se manterem em silêncio. Portanto, a situação inquietou o artista Amade Mpuuatahala, ou simplesmente AM, que decidiu combater este mal através de uma música intitulada "O teu espelho, teu reflexo".

Texto & Foto: Virgílio Dêngua

A composição "O teu espelho, teu reflexo" é uma narrativa que descreve a essência de uma sociedade em que as mulheres são reféns dos malefícios da violência doméstica. Por outro lado, o tema musical remete-nos a uma reflexão profunda sobre o tipo de convivência que pretendemos inculcar no seio da população moçambicana.

Na verdade, trata-se de uma música baseada em factos reais. A essência era fazer entender à sociedade que as mulheres não devem ser agredidas e, se assim acontecer, elas devem quebrar o silêncio no sentido de evitar que actos de violência persistam.

A ideia surgiu da necessidade de se fazer uma mudança nos moldes de convivência no seio dos casados. Importa referir que as mulheres são chamadas a criar condições com vista a serem mais abertas e partilharem o que estão a viver.

No desespero, todo o mundo precisa de alguém para poder desabafar ou encontrar soluções para corrigir o problema, neste caso a violência doméstica.

A música em alusão conta a história de uma mulher casada, a qual vamos chamar ficticiamente Maria, uma cidadã cujo lar não goza de uma convivência benigna. Ela é, constantemente, submetida a maus-tratos.

Maria não pode dedicar-se a qualquer actividade. O seu parceiro vê nela "uma máquina de fazer filhos". Na verdade, esta mulher que não pode ter amigas e nem estudar não tem como dar o seu contributo no combate à pobreza e em prol do desenvolvimento do país.

Todos os seus vizinhos julgam que o comportamento apático que ela possui faz parte da sua natureza. Mas não sabem que a sua conduta pouco amigável surge da repreensão que tem sofrido no seu lar, por parte do seu marido.

Simplesmente, essa esposa que não pode fazer mais nada no seu dia-a-dia teme algo que a pode machucar. A violência física ou psicológica perpetrada pelo seu marido tornou-se o seu pão de cada dia, mas ela não o denuncia.

Ela não participa o caso às autoridades competentes porque os seus familiares não lhe deixam. O que acontece é que os seus parentes são dependentes do esposo de Maria, que garante o sustento diário da família.

Enquanto isso, aquela mulher vive mergulhada num mar de incertezas.

"Quando nasce uma mulher numa família, sobretudo nos agregados familiares considerados de baixa renda, eles vêem na recém-nascida a esperança de melhoria das condições de vida. O facto começa a concretizar-se quando aquela petiza atinge a maioridade, pois os seus parentes olham para o seu parceiro como uma fonte de renda, o que é mau", disse AM.



"Um homem violento é um bicho"

Na opinião do cantor e produtor AM, todo aquele homem que violenta a sua mulher é covarde, pois cada indivíduo precisa de conhecer e respeitar os direitos do outro ser humano. Entretanto, os que não se emendam e continuam a ser violentos são "bichos".

Segundo AM, os bichos, quando estão em apuro, não optam pelo diálogo. Eles simplesmente atacam as suas vítimas sem lhes dar hipóteses de defesa. Para aquele músico, a sua composição procura, também, incutir nos homens a cultura de diálogo.

Por outro lado, o cantor, nesta sua composição, além de abominar a violência doméstica, sobretudo a física, ele afirma que aquele acto não deve ser considerado uma solução viável.

"Na verdade, bater em alguém não faz o tempo voltar atrás e apagar as marcas deixadas nos nossos próximos. A única coisa que um ser humano consciente deve fazer é dialogar. Por outro lado, ele tem que explicar que não gostou de algum erro que a sua parceira cometeu", explicou Amade Mpuuatahala.

"As mulheres devem quebrar o silêncio"

Se bem que uma vítima de violência doméstica não pretende viver daquela forma pelo resto da sua vida, ela não se deve manter calada. Deve, sim, quebrar o silêncio. O acto consiste em denunciar o infractor às autoridades competentes, independentemente de ele ser o responsável pelo sustento da família.

Para AM, o facto de um cidadão pertencer a uma classe social considerada de alta renda não significa que ele tem todo o direito de desrespeitar as pessoas, principalmente a sua esposa. Portanto, a mulher deve partilhar os problemas que apoquentam o seu relacionamento.

"O facto de ser cidadã leva-nos a crer que ela tem direito à palavra e à defesa", sustentou.

Breve biografia do compositor

Amade Mpuuatahala é da opinião de que o seu amor pelas

artes musicais surgiu desde a sua infância.

Natural do distrito portuário de Nacala, província de Nampula, actualmente com 26 anos de idade, AM iniciou a sua carreira musical, firmemente, em 2004, como produtor. Porém, um ano mais tarde, ele decidiu alargar a sua experiência, mas desta feita como cantor.

O seu trabalho está resumido em dois "singles", nomeadamente "Eu Sozinho" e "Registo 23", cada um composto por seis músicas, além de mais de 10 outras composições ainda não publicadas. Essencialmente, a sua fonte de inspiração é o seu quotidiano aliado ao espírito de querer viver numa sociedade onde as pessoas se respeitam umas às outras.

Actualmente, como um dos melhores cantores e produtores da cidade de Nampula, AM apostou no estilo Rap. Essa opção surgiu mercê do seu amor pela cultura Hip Hop.

Durante o seu percurso na área da produção musical, o artista em alusão trabalhou com diversos ícones da música moçambicana, entre eles os rappers Y-not, Mente Negra, Cronics, Alex Júnior, 2 Head, Banda Watana, Os Anéis, Os Incríveis, entre outros.

Importa referir que AM é proprietário de um estúdio de produção e captação, denominado Estúdio 6, no qual faz as suas músicas e não só.



ENVOLVIDO

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade
twitter.com/verdademz

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

Descoberto exemplar raro de Shakespeare

Um exemplar raro do escritor Inglês mais conhecido de todos os tempos, William Shakespeare, foi encontrado por acaso por Rémy Cordonnier, bibliotecário e historiador de arte que tropeçou no livro enquanto procurava material para uma exposição sobre literatura inglesa.

Texto & Foto: Agências



Apesar de "muito usado" e em mau estado, o exemplar tem o mérito de ser "uma das cópias de um dos mais famosos livros do mundo". As primeiras versões das peças de William Shakespeare (1564-1616) estão entre os documentos mais raros do mundo. Às vezes, basta uma ligeira diferença de versão para versão, que ao leitor comum passaria por certo despercebida, para dar ao especialista a esperança de um segredo ou de uma revelação por vir.

E isto pode estar a acontecer desde o dia 25, aquando da descoberta do exemplar raro da primeira edição com as peças de Shakespeare, nos arquivos da biblioteca de uma pequena cidade no norte de França, Saint-Omer, na região de Pas-de-Calais.

Aquando da descoberta do exemplar, a página de rosto e as da introdução haviam sido arrancadas. Quando Cordonnier viu o livro - catalogado como "edição antiga excepcional" - estava longe de perceber o seu valor. "Estava identificado de forma errada no nosso catálogo, como sendo um livro de Shakespeare datado provavelmente do século XVIII", revelou ao jornal britânico "The Guardian".

"Não o reconheci de imediato como sendo um livro de valor. Foi muito usado e estragado. Já viu melhores dias", concluiu o historiador.

Curioso e, como se costuma dizer, com a pulga atrás da orelha, o bibliotecário pediu a opinião dum professor e especialista na obra do dramaturgo inglês, Eric Rasmussen, da Universidade do Nevada (EUA), que confirmou tratar-se de um "First Folio" de 1623, e não uma edição do século XVIII.

"Foi muito emocionante perceber que temos uma cópia de um dos mais famosos livros do mundo", disse Cordonnier, citado pelo "The New York Times". "Já imaginava a reacção que isto iria causar nas pessoas".

Avançada a leitura e a investigação, mais elementos surgiram: é o segundo exemplar conhecido em França da famosa edição original das obras do dramaturgo que foi publicado e editado por John Heminges e Henry Condell, sete anos depois da sua morte.

A edição, que tem como título "Mr. William Shakespeare, comédies, histoires et tragédies: First Folio: published according to the original copies", incluiu grande parte das peças de teatro atribuídas a Shakespeare. Acredita-se que a sua publicação seja uma das razões pelas quais o seu legado literário sobreviveu até aos dias de hoje.

Série "Krypton" contará a história sobre a origem de Superman

O canal televisivo Syfy encomendou a produção da série Krypton, criada por David S. Goyer, roteirista que assinou "O Homem de Aço" e "Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge". O programa abordará a origem da família do Superman no planeta dele, "Krypton".

Texto & Foto: Agências

Tal como vem no sinopse oficial do filme, "anos antes da lendária do Superman que conhecemos, a Casa El foi humilhada e condenada ao ostracismo. A série acompanha o avô do Homem de Aço à medida em que ele traz esperança e igualdade a Krypton, transformando o planeta em desordem num lugar digno de dar à luz ao maior super-herói já visto."



Ao lado de Ian Goldberg (Once Upon a Time), Goyer produzirá o projecto. Goldberg também será responsável por escrever o roteiro do piloto, baseado numa história criada pela dupla. Vale lembrar que a vida do herói já foi retratada nas séries "Lois e Clark", de 1993, "Smalville", de 2001, "Adventures of Superman", de 1952, e "Superboy", de 1988.

A ideia de "Krypton" é parecida com a proposta de "Gotham", que retrata a infância de Bruce Wayne, muito antes de ele se tornar Batman.

Papa Francisco vai ganhar cinebiografia em 2015

O filme vai mostrar a vida do argentino antes de ser eleito pelo Vaticano como o sumo pontífice.



Texto & Foto: Agências

Uma cinebiografia da vida do Papa Francisco começou a ser produzida pela Argentina em parceria com a Espanha. O filme será baseado no livro "Francisco - Vida e Revolução", da jornalista argentina Elisabetta Piqué, correspondente do Vaticano pelo "Jornal La Nación".

Segundo o site da revista americana "The Hollywood Reporter", o actor Dárius Grandinetti, criador de longas-metragens como, por exemplo, "Fale com Ela", de 2002 e "Relatos Selvagens", publicado neste ano, será o responsável

por interpretar o pontífice. A direção ficou nas mãos do cineasta espanhol Beda Docampo Feijoo, dono de "Amores Locos".

Os dois e o produtor Pablo Bossi, compositor de "O Filho da Noiva" encontraram-se com o Papa na quarta-feira (03) para falar sobre a produção. O roteiro apresenta a vida do cardeal Jorge Mario Bergoglio, nome de batismo de Francisco, antes de ser eleito para o principal posto da Igreja Católica.

A história gira em torno de uma jovem jornalista espan-

nhola, vivida por Silvia Abascal, que conhece Bergoglio no conclave de 2005. A partir deste ponto, a vida e a luta de Francisco contra a desigualdade e a corrupção serão apresentados.

Desde que Francisco se tornou Papa, diversos projetos para levar a sua vida aos cinemas surgiram, mas nenhum se concretizou até o momento. As filmagens da longa-metragem de Docampo Feijoo começam em Buenos Aires, em Janeiro, próximo. A estreia mundial está prevista para Julho de 2015.

Filhos de sobreviventes do holocausto mantêm memória num livro

Com a iminência do 70º aniversário da libertação de Auschwitz, no próximo ano, os descendentes do holocausto enfrentam um dilema que se irá aprofundar com a passagem do tempo: como transmitir a "memória recebida" para as futuras gerações?

Num livro chamado "Deus, Fé e Identidade a Partir das Cinzas: Reflexões de Filhos e Netos de Sobreviventes do Holocausto", 88 filhos das vítimas da tragédia contam como herdaram a lembrança e como esperam passá-la adiante.

"Muitas, senão a maioria dos filhos e netos de sobreviventes do holocausto, vivem com fantasmas", escreveu Menachem Rosensaft, ele mesmo um destes filhos, na introdução do livro que editou.

"De certa maneira, somos assombrados da mesma maneira que um cemitério é assombrado. Trazemos dentro de nós as sombras e os ecos de um perecimento angustiado que jamais vivenciámos ou testemunhámos."

Os ensaístas são de 16 países e têm entre 27 e 72 anos de idade. Alguns nasceram em campos de Pessoas Deslocadas na Eu-

ropa no fim da Segunda Guerra Mundial, mas muitos são netos na casa dos 20 ou 30 anos. Nenhum deles tem lembranças pessoais do holocausto, no qual os nazistas assassinaram cerca de seis milhões de judeus.

Embora muitos livros e estudos sobre filhos e netos de sobreviventes do homicídio se dediquem a aspectos psicológicos, os ensaístas concentram-se no modo como as experiências dos seus pais e avôs ajudaram a moldar a sua identidade e a sua atitude em relação a Deus e ao judaísmo. Pelo menos um deles é ateu.

Entre os 51 homens e as 37 mulheres estão académicos, escritores, rabinos, políticos, artistas, jornalistas, psicólogos, um actor e um terapeuta sexual. Um dos mais jovens é Alexander Soros, o filho de 29 anos do investidor George Soros. A primeira vez em que os dois se sentiram ligados foi quando o seu pai lhe

contou sobre as suas experiências de infância na Budapeste ocupada pelos alemães em 1944.

Uma das mais idosas, Katrin Tenenbaum, de 72 anos, da Itália, escreve que, à medida que a distância do holocausto aumenta, "mais a tristeza perde o foco, tornando-se de certa forma mais difusa e, ao mesmo tempo, mais difícil de precisar".

O livro começa com um prólogo do vencedor do Prémio Nobel da Paz, Elie Wiesel, de 86 anos, que sobreviveu aos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald.

Ele diz àqueles que receberam as lembranças: "Estamos sempre a dizer-lhes que a civilização traiu a si mesma ao trair-nos, que a cultura terminou em falência moral, e ainda assim queremos que vocês aprimorem ambas, não uma ao custo da outra". /Por: Agências

SINCERAMENTE

A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz